



SYLVIE DESHORS

**Meu amor
Kalashnikov**

SESI-SP editora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SYLVIE DESHORS

Meu amor Kalashnikov

SESI-SP editora

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

PARTE 1

PARTE 2

PARTE 3

PARTE 4

PARTE 5

PARTE 6

PARTE 7

PARTE 8

PARTE 9

PARTE 10

PARTE 11

PARTE 12

PARTE 13

PARTE 14

PARTE 15

PARTE 16

PARTE 17

PARTE 18

PARTE 19

PARTE 20

PARTE 21

PARTE 22

PARTE 23

PARTE 24

PARTE 25

PARTE 26

Créditos

Noite fria de novembro. A umidade achata minha franja, eu caminho. Passo o meu tempo livre andando, entusiasmada por não saber aonde vou, nem quantas vezes vou me perder antes de chegar a um lugar de que vou gostar. Escolho as ruas por uma placa que vejo, por um piso de pedras soltas ou um galho de árvore que ultrapassa um pátio.

Dezenove horas, inverno. À minha volta, as pessoas se ocupam, se apressam, carregadas de compras. Com as mãos nos bolsos, por trás do cachecol puxado até os olhos, lanço uma nuvem de vapor que atravessa a lâ. Faz três meses que o charme desta cidade desconhecida, de subúrbios imensos, age sobre mim. Sacos de papel abarrotados de folhas mortas esperam, como sacos de pancadas abandonados. Em dois dias, o inverno se impôs, sem aviso. Vago por entre os pedestres agasalhados, pulo para a calçada. Tranquilamente perdida na multidão indiferente. Em Lyon ninguém conhece meus pais nem o restaurante deles, o “Shangai 30”. Me afastar dos lugares da minha infância, dos caminhos que conheço de cor, dos odores familiares era uma necessidade. Um ato de liberdade. Na vitrine, o reflexo dos meus olhos puxados estampados sobre o bolo laqueado verde-maçã me faz rir. Na confeitaria pretensiosa e badalada, o preço dos doces para quatro pessoas equivale ao meu abonamento mensal de transporte coletivo! Que já custa caro. Vejo a hora no relógio no interior da butique de luxo. Vou me atrasar, perambulei demais, apesar do frio. Pego na minha bolsa o mapa que a agência de *baby-sitters* imprimiu para mim. Não é fácil me localizar no labirinto de ruazinhas da colina. Elas se parecem, se cruzam, desembocam em escadarias intermináveis, se bifurcam, sobem e descem em direções imprevisíveis... É uma armadilha este bairro. Mas o Gilan só põe fé na Croix-Rousse, onde sempre morou. Sob a entrada iluminada de uma mercearia, releio a página impressa. O endereço que procuro, rua Souлары nº 21, fica mesmo por aqui, não me enganei. Me afasto da longa rua comercial, passo por um sebo, por um bistrô. Logo as zonas iluminadas se espaçam, interrompidas pela umidade. Entre as fachadas com altíssimas janelas, os pedestres são raros. Os saltos das minhas botas ressoam. Ao longo das ruas desertas, minha sensação de segurança diminui. Um cheiro acre e frutado me surpreende. Sigo mais devagar, procurando de onde vem. Em frente, no canto de uma garagem, um sujeito remexe o fogo em um barril. Faíscas jorram na noite. O amigo dele, um sem-teto, sai da penumbra. Magro, desgrenhado, faz malabarismo com as castanhas ardentes. Brasas ardem na noite. Ao se sentir observado, ele me chama:

— Vem, vem aqui, minha linda, minhas castanhas vão esquentar sua boca.

Com uma só mordida, ele descasca a castanha e ri ao se queimar. Faço um gesto de recusa. Um gesto real. Quero crer que, se der um pouco de atenção, eu o ajudo a existir, a ele e a outros.

Não me acostumo a passar tão rápido do luxo à miséria. Na cidadezinha de onde venho, as diferenças são menos gritantes. A riqueza fica escondida atrás de grandes portões. Há menos mistura. Aqui, suburbanos frequentam os centros comerciais, restaurantes beneficentes servem sopas nos estacionamentos, jovens ciganos mendigam no metrô e burgueses descolados se deslocam de bicicleta, tudo em pleno centro da cidade. A ordem visual é perturbada, a multidão, multicolor, mas os habitantes convivem sem se ver nem se falar. Com a chegada repentina do inverno, a coisa piora e os lioneses se apressam para voltar para casa.

Rua Souлары. Uma mulher surge e entra em silêncio na viela vizinha. Já passei por aqui, acho que estou reconhecendo a rua de mão única aonde acabo de chegar. Me arrepio. Meu coração acelera assim que percebo onde estou: andando em direção ao local da cidade que quero a todo custo evitar. Que loucura! A rua Souлары dá direto naquele maldito beco. Eu não podia adivinhar, uso o beco como atalho entre a casa do Gilan e a minha, só isso. Se eu soubesse o nome das ruas, teria me antecipado e recusado este trabalho. Que se dane a grana! Eu, que jurei para mim mesma evitar essas bandas durante a noite,

acabo de me enfiar na boca do lobo. Idiota, sou uma idiota. Dou uma olhada apreensiva por cima do ombro. Entro em pânico. Droga de coincidência. Com a ponta dos dedos, rasgo o saquinho que está no meu bolso e engulo um punhado de gengibre cristalizado. Um carro pega então a rua de mão única. Seus faróis me cegam. Quando o vejo, salto para a calçada estreita. Nunca mais o papel da lebre hipnotizada pelos faróis do caçador! Não vão me pegar duas vezes. No último segundo viro na rua à minha esquerda. Os batimentos do meu coração encobrem os outros barulhos, me isolam. Sigo mais devagar, escuto: o carro não me seguiu. A noite horrível em que me cercaram foi aqui, no fim da rua Souлары.

Estava andando pelo meio do beco, distraída, confiante. Quando ouvi o motor de um carro atrás de mim, me virei assustada. A minivan ocupava toda a largura da rua, a carroceria quase encostava nos muros. Em vez de frear, ele acelerou, investiu contra mim. Um pesadelo. Comecei a correr sob a luz dos faróis com um só objetivo: chegar até a escadaria. Mas logo antes dos trezentos degraus, há uma espécie de plataforma. O Scénic virou com violência. Gritei entre os muros. Acuada.

Desde esse dia, à noite, sinto medo quando estou sozinha nas ruas. Me sinto péssima, não suporto. Me vingo aos pontapés. Bum! O salto da minha bota destrói o primeiro retrovisor ao meu alcance. Mais um! Virou pó! Belos estragos em um pobre carro Panda minúsculo. Bem feito para ele. Eu também não tinha nada a ver com aquilo naquela noite, quando o tarado do Scénic me agarrou com seus faróis! E eu me tornei seu brinquedo, sua presa, de repente e sem saber por quê. Continuo correndo, dou a volta no quarteirão, volto até a rua Souлары. Chego no nº 21, sigo adiante. No nº 22 há um casa enorme, depois um canteiro no cruzamento de uma pequena transversal, onde leio a placa “rua Célu”. Daqui eu não passo, no cruzamento seguinte, a poucos metros de distância, a rua Souлары se afunila e vira aquele beco maldito. A umidade gelada não impede uma onda de suor. Minha língua arde porque abusei do gengibre. Mas, num gesto compulsivo, pego de novo vários cristais, enquanto volto sobre meus passos. Perturbada, dou uma olhada na fachada do prédio do nº 21. Legal. Nas antigas oficinas dos tecelões de seda, os forros restaurados com vigas de madeira inspiram tranquilidade. Decido-me, digito o código da porta, sopro a extremidade dos meus dedos paralisados e empurro a porta majestosa. Ela se fecha lentamente atrás de mim. Fileiras de luminárias, uma enorme laje, uma primeira escadaria e, no fundo do corredor, uma porta de vidro embaixo de um alto pórtico. Digito o código da segunda porta, a família mora no prédio de trás. Impressionada com a velha escadaria cuja subida começa a céu aberto, perco tempo demais e a luz se apaga. Esbarro nas lixeiras antes de achar a minuteria da luz, subo correndo os degraus de pedra desgastada dos andares duas vezes mais altos do que o normal. A balaustrada de ferro forjado não pode nada contra a entrada do ar gelado. Em um patamar, apoiada contra o interruptor, retomo o fôlego, passo os dedos nos meus cabelos lisos. Se a mãe me vir neste estado, vai ficar com medo de confiar o bebê a mim.

No último andar, uma menina atende ao meu toque de campainha. Da minha idade, tão loira quanto sou morena, ela mal me olha:

— Você foi pontual, ainda bem.

Sigo-a. Surpresa, solto uma exclamação. O cômodo é tão amplo que os três enormes sofás ocupam uma parte ínfima daquele ambiente impecável. A sensação de calor é imediata. Tiro minha bolsa, meu casaco e exclamo, só para dizer alguma coisa:

— Fabuloso, este apê!

O prédio, no pátio interno, escondia bem o seu jogo. Passar a noite em um *loft* assim tão confortável vai me fazer esquecer o frio e o medo. A menina sorri, e seu rosto fica todo arredondado.

— Tive a mesma reação que você, quando cheguei de manhã. Volto para cuidar do bebê quando quiserem, só para curtir o apê!

— Você não cuida sempre dele?

— Eu? Não. É a primeira vez que ponho os pés aqui. Minha mãe soube não sei como que o pai estava enrolado, tinha que deixar o bebê para alguém cuidar, sendo que era ele quem tinha que cuidar do bebê

hoje. Alguma urgência no trampo. Estou aqui para quebrar o galho dele. A mãe está viajando a negócios. Quer saber? Esse bebê vai aproveitar o dinheiro à beça, mas acho que vai passar mais tempo com as babás do que com os pais.

— Deviam pagar as babás de acordo com o nível de vida das famílias, seria mais rentável...

— Não é má ideia, vou me lembrar disto da próxima vez! O pai me deixou um cheque, de manhã, mas você ainda pode tentar negociar.

— Não, foi a “Alô *baby-sitter*”, a agência que me mandou aqui, que estabeleceu o valor.

— Que pena! Vem ver o terraço. O bebê está dormindo, não precisa se preocupar. A vista é magnífica, mesmo de noite!

A longa porta-balcão de vidro desliza em silêncio. O terraço emoldura e domina o traçado do rio, as pontes iluminadas, o centro e o sul da cidade. O prédio fica suspenso sobre Lyon, na beira do Plateau de la Croix-Rousse. Diante dos nossos olhos, a colina escarpada desce até as margens do Rhône. Embaixo, na margem de lá, se vê toda a extensão em sombras do parque da Tête-d’Or. À noite, sob as folhagens das grandes árvores, reina a escuridão, atrás das altas grades douradas e fechadas. Espalhadas pelo declive, quase não se percebem as luzes das mansões onde vive a elite, em meio à vegetação. O caminho que eu quis evitar passa por ali, depois os trezentos degraus se embrenham por entre os altos muros até o rio. O traçado é invisível daqui.

Não me surpreende que ninguém tenha vindo me socorrer. Sob o terraço, as casas desse pedaço do bairro são imbricadas, estranhamente amontoadas. No alinhamento em sombra dos telhados ao longo do Rhône, avisto de repente a claraboia piramidal de vidro que cobre minha escadaria. Mostro para a menina, surpresa com meu silêncio.

— Moro ali, no último andar. Nas noites de lua cheia, quanto mais a gente sobe, mais segue em direção à luz, é especial. Eu adoro.

— Em linha reta, você mora bem aqui ao lado. Você veio a pé?

Fecho a cara e respondo brevemente:

— Eu vim da península, peguei o metrô.

— Vai ser fácil para você vir cuidar do bebê. Eu moro no final do bairro de Villeurbanne.

Ela me mostra o espaço à esquerda da torre mais alta da cidade e acrescenta, invejosa:

— Imagina quanto dinheiro a família Levallois deve ter para pagar um duplex aqui! Duzentos metros quadrados com vista, tudo reformado e em um bairro da moda, o mais procurado da cidade!

Ela entra para juntar as coisas dela. Aos meus pés, a cidade esparramada para além do rio cintila, murmura. Sozinha no terraço, tenho a impressão de estar na proa de um cruzeiro iluminado. Tipo o *Titanic*. Pronta para ir embora, a menina bate no vidro, eu me encontro com ela no imenso cômodo iluminado.

— O pai parece o Di Caprio?

— Não, por quê?

Com um *blush* rosa nas bochechas redondas e os olhos violeta arregalados, perfeita no papel de anjinho bochechudo, ela me olha sem entender. Faço um gesto de deixa pra lá.

— Tem alguma indicação específica para o bebê?

— Fala sério! A mãe imprimiu várias cópias de uma lista de recomendações. Colou uma na cozinha, uma no quarto do bebê, por toda parte! Não leia agora, você vai se assustar! O menino é uma graça: ele come, arrotta e dorme em dois minutos. Enquanto você dá corda na caixinha de música, ele já está nos braços de Morfeu. Já ia me esquecendo, os pais deram a ele um nome impossível: Ange-Édouard! Se bem que, como ele tem todas as chances de ser um cara rico e bonito, isso só vai deixá-lo mais charmoso!

— Ou mais ridículo...

— O quarto dele fica lá em cima, no mezanino, é a porta com uns ursinhos pintados de azul. Tem

refrigerante e um monte de coisas para beliscar na geladeira.

— Você não podia cuidar dele esta noite?

— Não, senão eu teria ficado pela grana. Estou te passando o bastão na melhor hora: dei a mamadeira, o banho e ele já caiu no sono. Mas minhas amigas estão me esperando para uma festa de aniversário. Bom, tchau!

A porta grossa, com fechadura tripla, fecha sem barulho atrás dela. Em uma tela minúscula de alta definição, vejo ela descendo. Encosto num botão e sem querer dou um zoom nas pernas dela. Vigilância máxima! O casal, desconfiado, não tolera nenhum ponto cego na casa deles. Imagino os dois arrogantes, protetores, pretensiosos, então é melhor eu curtir o lugar. Antes de testar o *home-theater*, as caixas de som e a tela plana de última geração, vou dar uma olhada no bebê, já que estou aqui por ele! Do alto da escada de madeira cinza, a frieza e a desmesura do cômodo principal me deixam impressionada. No mezanino, a porta com os ursos em tons de azul está entreaberta. Uma luminária projeta um halo luminoso com as cores do arco-íris, sobre o tapete branco. Humanidade e calor no quarto do bebê. Caminho na ponta dos pés até o ninho decorado com uma porção de rendas imaculadas e fitas azuis. Metade da cama está coberta de pelúcias, o chão também. Um casulo aconchegante para um primeiro bebê tão esperado! Sem cabelos, os lábios em bico, as pálpebras trêmulas, a carinha bonita do bebê me entenece. Sua respiração está normal, a menina tinha razão, a noite promete ser tranquila. Vou fazer minha lição de história. Relaxada, me espreguiço e ergo os olhos para o móvel na cabeceira da cama. A parte inferior de uma fotografia se destaca na penumbra. A impressão, em preto e branco, tem uma assinatura no canto. Impressionante! O casal posa, de pé, com seu recém-nascido. O fotógrafo os surpreendeu em pleno momento de felicidade. Ela, loira, fria, atrás de um sorriso, acuada. Vamos ver o pai, a parte inferior do rosto, um sorriso satisfeito... Uma força irresistível me leva em direção à foto. Resisto a essa atração, pego a luminária, passeio a luz sobre a imagem, me detenho. Vermelho, roxo, amarelo, verde, os traços dele surgem um após o outro. Hipnotizada, não consigo tirar meus olhos dos seus. Fico zozona. Dos pés à nuca, uma onda daquela lembrança ruim se propaga, me corta a respiração. Estou mais uma vez de costas contra o muro, ofuscada. Ouço, apavorada, a porta se abrir, a risada forte. Jubiloso, monstruoso, o acesso de riso varre o beco e me açoita em cheio. Tremo. É ele.

Estou na casa do tarado.

Nunca vou esquecer o rosto radiante daquele homem passando do prazer ao desprezo. Meu terror, minha humilhação.

Embaixo, o bebê reclama, abre a boca, se crispa, sufoca. O quarto está saturado com a minha angústia. Falta oxigênio.

Há quanto tempo estou parada em cima da cama dele? De olhos fixos no homem e sufocada pelo fluxo desenfreado de imagens, pelo ódio.

Agarrada às grades da cama, com os braços estendidos, esforço para me acalmar. O suor na testa. Me acalmar. Permanecer consciente. Não me curvar mais uma vez. Uma imagem é só uma imagem. O ódio volta, implacável. Foi ele que me deu forças para me levantar naquela noite. Quando, arrancada ao medo pelo som do motor embalado em uma louca marcha à ré, voei pela escadaria. As luzes da cidade oscilavam, meu coração estava disparado, minhas pernas, frouxas, mas a distância entre nós aumentava. Voiei por entre os muros. Com medo de que o louco tivesse dado a volta, estacionado embaixo da escadaria. Mas a margem do rio estava deserta. Eu tinha percorrido os últimos metros até minha rua com os braços estendidos, a chave nas mãos. Em casa, compreendi que o homem tinha conseguido o que queria. Gozar com meu medo... Sem ir além disso. Sem correr riscos. Maldito desgraçado. Maníaco sexual.

Já de volta a mim, chego o mais perto possível da foto. Estendida por cima do bebê, examino o seu genitor. Me concentro como durante uma luta, quando o adversário me enfrenta e eu quero vencer. Uma risada louca e sem fim explode na minha cabeça. É ele mesmo. Me agitar, sacudir a lama, reagir.

Rasgar o quadro onde o bebê dorme em meio aos pais orgulhosamente abraçados. Cuspir no rebento contaminado.

Recuo, passo a passo, até a porta. Da soleira, vejo o pequeno corpo relaxar depois de um último espasmo. Com raiva, viro de costas, desço, voo até a porta-balcão. Me encontrar de novo a céu aberto. Ouço o rumor do cais, a cidade se oferece para mim.

Eu me debruço na extremidade do terraço, me contorcendo para ver um pedaço da calçada. Alguém está andando, uma mulher. Com o busto no vazio, tento reconhecer os arredores, situar o início do beco onde ele me acuou aquela noite. Sob a luz oscilante de um poste, vejo um pedaço do muro grafitado, aquele que se estende por um terço do beco. Não acredito! O tarado me agrediu ao lado da casa dele. Ele se acha intocável. Quando penso que não dormi na casa do Gilan por causa de uma prova oral no dia seguinte, às oito horas. Ainda posso ouvir minha voz respondendo para ele, enquanto me visto na penumbra: “Fica na cama, se eu pegar aqueles trezentos degraus que você me mostrou, chego em casa em dez minutos, nem isso. Dorme, você também trabalha amanhã”. Meio adormecido, ele estava bonito, nu.

Eu não tinha nenhuma razão para desconfiar. Desde que cheguei a Lyon, voltei várias vezes sozinha para casa, e por caminhos diferentes. A qualquer hora da noite, tranquila. Em outubro, a temperatura estava amena, eu trazia comigo o nosso calor, o toque das suas mãos na minha pele, eu estava em meu casulo. As casas baixas apagadas, as persianas, fechadas, e o murmúrio do vento nas folhas, suave. Eu estava curtindo aquele momento, sem pressa de voltar para casa. A ruptura foi radical. Um horror.

Da outra extremidade do terraço, vê-se livremente o horizonte. Os painéis luminosos da beira do rio, a sequência de pontes iluminadas e os néons ilegíveis tecem uma perspectiva grandiosa, desumana.

Um belo posto de observação. Será que, algumas noites, o homem fica aqui, vigiando?

Sendo tarde demais para recusar a guarda, tenho que me decidir. Deixar o bebê sozinho, cair fora, fazer o quê? Simulo ataques e pontapés, bato no guarda-corpo. O som metálico perfura o ar denso, me atravessa, clareia minha mente. O frio me penetra até os ossos. O menor dos sopros vira fumaça, sopro de dragão. A sacada funciona como um *hall* de descontaminação, aplacando uma a uma as minhas emoções. Minha capacidade de reflexão volta, minha força também.

De pé, na soleira da porta-balcão, brinco com os reguladores, iluminando ora fora, ora dentro. O aspecto do *loft* muda, orquestrado por uma impressionante arquitetura de luzes. Duzentos metros quadrados de luxo vazio, angustiante. Hesito, no vão da porta, fora ou dentro, nenhum lugar me reconforta. O frio me leva a entrar. A *baby-sitter* bochechuda deixou o aparelho de telefone em cima de uma revista aberta. Um exemplar da *Elle*. Uma mulher, uma mãe vive aqui, estou na casa de uma família, de pessoas normais. Do tarado, guardo apenas a imagem de um rosto deformado. Subjetiva. Tudo aconteceu tão rápido.

Salto para um sofá. Em pé, sobre as almofadas, ligo para o Gilan. Minhas botas pretas sobre o couro branco. Preciso ouvi-lo. Preciso dele. Quatro toques antes de cair na caixa postal. Acordes de um sintetizador, uma voz: “Bela, como...” Desligo, não é a caixa postal dele. Devo ter me enganado. Ainda bem, ele vai atender a próxima ligação. Digito o número dele, atenta a cada algarismo. Para cair na mesma voz, o Gilan mudou de novo a música da caixa postal, uma de suas manias. Que coisa chata, o trecho é longo demais. “Bela, bela como um AK-47, nas mãos de rebeldes quem te capturou...” Desligo, aborrecida. Ninguém vai ter paciência para deixar uma mensagem para ele. Em todo caso, eu não tenho.

De pé, como uma sobrevivente em cima de um telhado em meio a uma inundação, não me atrevo mais a me mexer. O silêncio absoluto do apartamento aumenta meu mal-estar. O vazio ao meu redor me engole. Os minutos passam. Perigosos, gelados. O horizonte se tornou tão negro quanto a água que invadiu o *Titanic*, andar por andar. Aperto a tecla rediscar, o pânico volta, aumenta:

— Gilan, sou eu, a Agathe. É muito estranho, tenho certeza que estou na casa do tarado. O cara do Scénic que me acuou... Tenho que cuidar do filhinho dele! Liga para mim neste número... Vem pra cá, estou ao lado da sua casa.

Minha mão pende. O teto laqueado devolve meu reflexo solitário. Agito meus cabelos pretos, pretos demais sobre o branco. Minha silhueta nebulosa e colorida destoa da decoração. Sofás impecáveis, aparadores assinados, tapetes de lã crua, tudo parece ter sido entregue no dia anterior. Os móveis brilham sem poeira nem, o mais estranho, objetos pessoais. Continuo a analisar o lugar: vidros triplos, sistema de abertura informatizado e outros brinquedinhos de vigilância eletrônica que me fazem suspeitar o pior. O que o casal esconde em seu apartamento hermético, altamente protegido? Eu me esparramo nas almofadas. Remexo nos controles remotos, febril. O som rasga o espaço antes que eu consiga abaixá-lo. Nenhum choro. O fedelho não tem nenhum interesse em se manifestar, e a ideia de cuidar dele me repugna. A presença do retrato me perturba. Tenho que vê-lo. Me mexer. Na parede, embaixo da escada, descubro a imagem do recém-nascido em uma tela, ao vivo! A respiração tranquila em plano aberto. O bebê está dormindo, pobre inocente. Eu subo.

Coleção de caixinhas de música em uma cristaleira, trocador de fraldas, cômoda. Da porta, examino o quarto sem pôr os pés dentro. Preciso de indícios para entender melhor quem vive aqui. Ao lado, o quarto dos pais é sóbrio, e uma pilha de revistas e um lenço são os únicos indícios de vida. Paredes brancas e vazias. Nenhuma foto. No banheiro ao lado, mármore, banheira de hidromassagem. Ao passar diante de um sensor na entrada, luz e música disparam simultaneamente. Nas estantes, perfumes, cremes de luxo masculinos e femininos em grande quantidade, ainda embalados. Produtos de aeroporto, isentos de impostos, sem dúvida, a menos que trabalhem em uma perfumaria.

Os espelhos brilham, as toalhas macias estão dobradas como nos hotéis. O casal é organizado ao extremo. A porta seguinte dá para um *closet* impressionante, com peças variadas: roupas de marca, ternos e vestidos de noite, dezenas de pares de calçados alinhados, *lingerie* de seda nas gavetas, que luxo! Perfume ambiente entre incenso e limpeza, perfeito para o cômodo. A perfeição, em geral, me enerva. Higiene demais, também! E muita riqueza me revolta.

O telefone toca, abafado. Dou um pulo e saio correndo, a secretária eletrônica atende antes que eu encontre o aparelho. A pessoa desligou. O número que aparece no aparelho não era o do Gilan. Ele podia se esforçar e me ligar, seria bom! Pelo menos a ligação me tirou da minha loucura de observação. A coleção de DVDs chama minha atenção, sem dúvida o pai é fã de Bruce Lee e deve esconder os filmes pornôns da sua mulher. O gosto cinematográfico do casal revela uma cultura barata: comédias para o grande público, bobagens comerciais, *blockbusters* e uma pilha de Walt Disney embrulhada em celofane para o menino. Nada de tentador, exceto talvez uma coleção de Clint Eastwood. Que vontade de ligar para minha amiga Lucia-Paz, mas esta noite ela ia sair com alunos do seu curso. Abro a porta embaixo da TV. Uma série de garrafas de vodca, a bebida preferida do Gilan. Tento de novo a sorte: “Bela, bela...” No último “Kalashnikov” estou no mezanino falando baixinho:

— Sou eu, a Agathe. Esses são os códigos das portas: A2012 para a porta da rua e 391D para a porta de vidro. O duplex fica no último andar, no número 21 da rua Souly. O bar da casa está cheio de vodca. É a primeira vez que eu vejo tanta variedade. Vem, eu realmente preciso da sua ajuda. Beijinhos...

Observo a coisinha frágil se agitar quando me aproximo. As mãos minúsculas se abrem e voltam a se fechar. O fedelho se mexe cada vez mais, sem abrir os olhos. Fico imóvel e aciono o móvel musical para evitar que ele acorde. Funciona, ele se acalma.

Bela...

Quem te capturou, minha bela

Vou dilacerar

Com tiros de projéteis de fragmentação

Grito para relaxar embaixo da ducha. Descarrego um dilúvio de sons imitando uma guitarra elétrica.

Bela...

Bela como um AK-47

Bela como os órgãos de Stalin

Berrando uma sinfonia

Onde a carne e os escombros

Formam uma estranha melodia

Torneira no máximo. A água quente crepita nos meus trapézios, jorra entre as omoplatas. Escorre da minha boca aberta.

Depois de horas na oficina, um bom banho é o que há. O trampo acabou. Debaixo d'água, meus músculos relaxam. As marcas do trampo se apagam. A ducha me livra do pó de ferro. Lazarento, tão fino, se infiltra por toda a parte debaixo da roupa, no nariz, nas orelhas. Cola na pele. Com o suor, coça. O box minúsculo treme com o jorro de água, o jato cospe, limpa. Suor, limalha e cansaço escorrem, levados para o rio através do encanamento. O aprendiz de ferreiro e de carpinteiro desaparece, volto a ser o Gilan. Sob o jato de água quente, esfrego meu peito, insisto, me divirto. Partículas invisíveis de ferro ficam grudadas nos pelos... Agathe... Ela sempre brinca de puxar meus pelos com os dedos, passeia a língua por eles. A boca seca. Relincho, um cavalo doido, puro-sangue largado na enxurrada. Tumulto. Meu Grão de arroz faz subir a temperatura. Berro mais alto em meio ao vapor e à água.

Meu amor, meu amor kalashnikov

Bela...

Bela à sombra das igrejas

E das mesquitas em ruínas

Vamos beber nosso coquetel

Molotov, meu amor

Meu amor kalashnikov

Bato os pés como se fosse um baixo. A água aproveita, transborda.

Minha pele muda. Vermelho vivo. Asfixio, sufoco. Envolto pela umidade. Resolvo fechar a água quente. Fico em apneia. Com um gesto, a água gelada despenca sobre mim. Grito com o choque e acelero o ritmo:

Bela...

Bela como um AK-47

Nas mãos de rebeldes

Músculos enrijecidos debaixo do jato frio. Aqui é tão estreito que não posso boxear para me esquentar. A plenos pulmões, improviso uma música:

Destruir os ditadores

Limpar o planeta de suas podridões

Quebrarei com uma mão as portas das cidadelas

Escalarei montanhas de pedras

Que culminam a seis mil metros

*Esmigalharei muros proibidos
Rodeado de futuros combatentes
Da liberdade*

As últimas frases soam bem. Meu corpo se acostuma. Não sinto mais a água fria. Depois do choque, o prazer. É bom demais. É, boas ideias. Preciso anotar.

*Os combatentes inebriados de liberdade
Jamais deixarão ser capturados
Os combatentes do impossível
Partem sempre para o ataque*

A música dos Cavaleiros do Zodíaco me parasita. Lembranças da infância:

*Junto com seus amigos
Ele enfrenta os perigos
Sem medo
E no céu e na terra
Ele tem o seu grito de guerra*

Fecho a água, me sacudo. A porta do box emperra, como sempre. Uma linda poça no banheiro. A junta de vedação está podre. Pego a única toalha de banho, atiro sobre o piso de plástico. Absorver a poça o mais rápido possível. Não é hora de inundar os vizinhos. O apartamento não está no seguro. Caro demais. O espelho está embaçado, uma verdadeira sauna, abro a janelinha. Encho os pulmões de inverno. Corro até a sala me dando uns tapas barulhentos. Puxo o edredom da cama. Me seco com ele. Coxas, costas. Sacudo a cabeça com violência, técnica bruta! O secador de cabelos da minha vó queimou. As gotinhas voam na horizontal, em tiros secos. Meus cabelos mais uma vez vão enrolar bem. Dou uns pulos, corro no lugar, para esquentar a carcaça. No apartamento sem aquecedor, só faz calor debaixo do chuveiro bem quente.

Quando é que o proprietário vai resolver mandar consertar os aquecedores? Segundo a imobiliária, ele devia cuidar disso antes do frio, imagine... Hoje de manhã, na rua, os termômetros marcavam -1°C . Se isso não for frio... Não consigo encontrar uma camiseta limpa. Jogo a montanha de roupas no chão para nada. Revirando as malhas da prateleira, encontro uma que nem lembrava que existia. Feia, mas limpa. A lavanderia automática é complicada, pior ainda com as roupas da oficina. Sujas, grossas, levam um tempão para secar. Custa uma fortuna. Pego minha calça no monte. Enfio as roupas sujas embaixo do armário. Tenho que aplicar todo meu peso contra a porta para ela fechar. A madeira range alto. Cuecas jogadas, pega mal se a Agathe chegar. Sobra pouco espaço livre no chão. A música parou. Toco de novo a *playlist* em modo aleatório, no computador. Regulo meu novo amplificador, dado pelos *brothers*. De origem suspeita, um negócio de profissa. Vejo em que pé estão os arquivos que estou tentando baixar. Os fornecedores não se reconectaram. A música que me interessa, levo um tempão para baixar. O computador, turbinado até, é lento demais, velho demais, está no limite...

As primeiras palavras do último álbum do MC Solaar saem pelo ampli. Eu devia pensar em imitá-lo, me pendurando nos dicionários de sinônimos das bibliotecas. As mesmas palavras sempre aparecem nos meus textos. Eu ando em círculos. É difícil ampliar. Mas eu tenho a Agathe! Essa menina é minha enciclopédia ambulante. E bilíngue, chinês e francês! Gostosa, inteligente, Agathe, a Oriental! “Corpo insano” é um nome genial... Ela vai me ajudar a encontrar o meu. Ouço um barulho. Abafado pela música que toca. Um arranhado atrás da porta do *hall* da escada. Resmungo sem baixar o volume. Verifico a hora no celular, recebi ligações. Pego um suéter. Nove e meia. Não é possível! Não vão bater na porta todas as noites!

Os velhos do segundo andar sobem assim que eu ligo o som. O limite de tolerância deles é próximo

de zero. Não dá para não ultrapassar. Não podem ser surdos como os outros da idade deles. Se eu abrir a porta, sinto que vou vomitar asneiras. Não estou com nenhuma vontade de me desculpar esta noite.

Me olho no espelho pendurado na porta de entrada. Brinco com meu reflexo. Tensiono o bíceps, torço os músculos e os ombros, ponho a língua para fora, faço careta. Vários minutos se passam, e imagino a velhinha ainda colada atrás da porta. Poderia escutar sua respiração. Quando cedo, pronto para abrir, escuto um deslizar. Um passo furtivo que desce. Era ela mesma, a vizinha do andar de baixo com as pantufas trocadas. Fiz bem em não atender. Sempre me deixa levar quando é ela que sobe. Malícia nos olhos e avental, frases desconexas. A vovó é uma figura!

Vai saber, talvez ela só suba para tagarelar comigo, a velha. E me dar conselhos. Ela não consegue evitar as lições de moral.

Com a mão no queixo, procuro os pelos que crescem. Os pelos no rosto me envelhecem, acentuam a mandíbula quadrada. Demais. Amanhã vou me barbear bem rente. Desde que comecei a trampar com carpintaria, meus músculos se desenvolveram pra caramba. E de tanto correr pelos telhados no verão, estou com a pele bronzeada. Até a cintura! Não é um bronzeado de beira de praia. Rio até não poder mais. O espelho na horizontal, não tinha pensado nisso. Ideia do cara com quem divido a casa. Talvez ele tenha umas ideias de menina, o Vad o chama de bicha, mas ele é supercorreto. Ele nunca está no apê, mas paga a parte dele sempre no início do mês, conforme o combinado. Não podia ser melhor para mim. Então eu posso trazer a Agathe quantas vezes quiser. Sozinhos no apê, a gente pode ficar à vontade o dia todo. A sensualidade dela multiplica minha virilidade... Hum, hum, meu Grão de arroz, tão bonitinha. O corpo leve, flexível e incrivelmente musculoso para uma menina. Uma raridade. No começo, vi só seu jeitinho frágil de oriental. Uma menina para eu proteger, mas até parece, ela tem uma vontade de ferro. As duas mensagens são dela. Eu sabia. Nem preciso escutar. Estou com muita fome. Ligo para ela depois de comer. Engulo três quartos do pão de uma vez. Mole, sem sal, é ruim o pão dessa padaria. E, droga, para cozinhar o macarrão tenho que pegar a panela queimada que está de molho. Acabou o detergente, a esponja está podre. Antes de fazer isso, ponho na função *repeat*. Com minha música preferida tocando sem parar, raspo o queimado com a faca. Vó, se você visse as suas panelas! Sinto saudades das suas sopas. Enquanto a água ferve, faço três séries de flexões de braços ouvindo um som rascante. A oficina acaba comigo, mas não do jeito que eu gosto.

No último verão, quando trabalhei ao ar livre montando umas estruturas metálicas, aquilo era um trampo. A trinta metros do chão, passar por cima da viga-mestra, de caibro em caibro, usando as ferramentas, a consciência do equilíbrio, jogar com aquilo... Respirar o céu, o dia lá fora, o corpo no sol, a cidade vista de cima, a vida! Êxtase garantido! Nenhuma necessidade de droga para atingir o espaço. Os bairros, vistos de cima, são maquetes onde todos se agitam. Polícia, pedestre, mulheres, são todos do mesmo tamanho. O barulho fica lá no chão. As andorinhas assobiam à minha altura. À noite eu ficava acabado, não sentia a gravidade. Desconectado. Passeava sereno. Livre. Lyon é legal no verão, shows gratuitos, projeções de cinema à noite, piqueniques nos parques. Qualquer desculpazinha e todo mundo se encontra nas ruas. O clima é quente, latino. Eu esbarrava nos *brothers* toda noite por acaso. As meninas são *sexy*, não são *hostis*. No verão, a cidade é de todo mundo. Foi depois de uma dessas noitadas que eu senti a necessidade de fazer umas frases. Comecei a anotar o que me passava pela cabeça. Não sabia o que ia fazer com aquilo. O Vad se divertia me vendo escrever. A inspiração veio de uma vez. As frases, o ritmo e os sons. Trampando, eu olhava a vida lá embaixo. De noite, eu tinha coisas novas para contar. Desde então, nenhuma trava. As ideias fluem, as palavras constroem os textos e eu me divirto. Os *brothers* pedem mais. Gritar meus versos nos bares é delírio puro! Tenho que encontrar tempo para retrabalhar os últimos textos. O dono do barco-bar está me esperando. Ele vai me dar uma noite em janeiro, demais! Uma estreia. Até agora, apresentei uma ou duas músicas numas noitadas coletivas. Atenção, estou chegando. O macarrão está *al dente*! Sou o deus do macarrão! Como macarrão em todas as refeições. Adoro. Mas esta é uma porção ridícula. A geladeira está vazia, não tem queijo, nem

manteiga, nem molho, está uma miséria só.

Não gosto do mês de novembro. Novembro, quase dezembro. Dezembro e as festas de fim de ano. Presentes obrigatórios em datas fixas. Tenho que escrever sobre isso. Um negócio bem sangrento. Rasgado. O Papai Noel se espatifa de tijolo em tijolo, dentro da chaminé. A cabeça ensanguentada, o gordo aterrissa sobre as chamas. Voá como uma tocha viva para cima do pinheiro sintético. A roupa derretida e gritos de morto-vivo... Com toda elegância! Chocolates pisoteados, brinquedos quebrados, o apartamento enfumaçado e o menino chorando sozinho. Na rua, o menino pobre e faminto. Adeus peru e bolo de Natal... Uma descida infernal em um ritmo alucinado... Eu me divirto! Mas eu me conheço, nunca poderia empurrar um conto cínico desses para os pobres meninos. Tem gente que ainda acredita firme e forte no Papai Noel!

Pôr humor numa música não é mesmo o meu forte. Não me sinto capaz. Na *Bela como um AK-47*, o cara, o Martin Angor, manda bem nas entrelinhas.

A água escorre. Das janelas embaçadas até o chão. Vou morrer nesse vapor. Fecho a água. Abro a janela e acendo um cigarro, debruçado sobre a rua deserta. A neblina asfixia lentamente os postes. Dentro ou fora, tudo é igual, umidade, frio. Uma noite estranhamente silenciosa, os ônibus noturnos não vêm até aqui. Não há ninguém para pegar na minha rua. Larga como uma avenida, não leva a lugar nenhum, fica longe do movimento. Meia hora para matar antes de me encontrar com os *brothers*. A noite promete. Uma noitada especial no barco-bar, entrada gratuita e canja de músicos depois da meia-noite. Eu podia retornar a ligação da Agathe para passar o tempo, mas ela vai querer me ver. Não vai entender que eu vou sair com os *brothers*... Vai acabar com a minha noite.

Um carro enorme sobe devagar pela rua. O motorista tenta estacionar, vai rodar por um tempo. Durante a semana ou no fim de semana, os carros tomam conta das calçadas vinte e quatro horas por dia. Bem que eu jogaria uma partida de PGR5 para me acabar no volante de um bólido. As sessões de demonstração no Auchan eram geniais. Nem adianta contar com meu pai para me dar o último videogame do mercado, faz tempo que ele aposentou os trajes de Papai Noel e minha mãe está sempre dura. O carro reaparece na mesma direção, os faróis afogados na neblina, o motorista esterça. Dirige ainda mais devagar do que na primeira passagem. Atravessa a mancha alaranjada da luz do poste na esquina da minha casa. É impossível distinguir o cara. Parece mais uma minivan do que um 4x4. Talvez seja um Scénic.

Olho para o fim da minha rua, que não tem saída, obrigando os motoristas a virarem à direita. Os faróis traseiros flutuam na névoa. O carro parou sem virar. Uma massa de neblina esconde a carroceria. Só as luzes vermelhas emergem. Durante vários minutos o motorista aponta os faróis na direção contrária ao sentido da ruazinha Célu, interdita devido a obras. Ele os desliga. Isso é perigoso quando tem neblina. O que ele está fazendo? Aguço os ouvidos, nenhum som de motor. Não pode ser coincidência. Para observar quem entra no beco, é o esconderijo ideal. Ele espera por um bom tempo com os faróis desligados. A Agathe tem razão. Não se pode confiar nas aparências: no bairro os caras fazem umas coisas estranhas. Desde que ela foi agredida naquela noite que eu vigio o comportamento dos motoristas. Os *brothers* fazem a mesma coisa. O bairro é nosso, não é lugar para os tarados. Eles que vão praticar suas fantasias em outro lugar. Se eu pego um deles em flagrante, não sobra nem um osso, e se for o cara da Scénic que agrediu a Agathe, eu o massacro. O motorista resolve dar a partida. Já era tempo. Os faróis viram no sentido obrigatório. Demorou para resolver! Estou congelando. Me livro da bituca com um peteleco. A ponta em brasa rodopia. Cai direto no retângulo de luz que naquele instante corta a calçada.

Alguém acaba de acionar a minuteria do *hall* do meu prédio. Recuo para espiar a saída.

A silhueta é pequena, frágil. Eu a reconheço num *flash*. Da janela, grito na noite:

— Espera!

Seguro o isqueiro aceso durante um segundo ao lado do meu rosto, ela me viu. Pego meu casaco, as chaves e saio correndo.

Ela veio até a minha casa. Subiu até a minha porta e eu achei que fosse a velhinha do andar de baixo. Por isso, quase nos desencontramos. Desço pelos degraus rápido e em silêncio, a minuteria desliga. No andar de baixo, ouço os velhos virarem a fechadura, desço cada vez mais rápido, ela tem que me esperar! A luz da rua ilumina uma parte do piso do *hall*. Ela está tremendo ao lado da caixa do correio. Braços e pernas nuas, o olhar gélido. O abismo dos seus olhos me agarra.

Ele está se achando quem, esse trouxa? Não são os seus ternos e camisas sob medida que vão me impressionar. Adiar duas vezes uma entrega no mesmo dia! O pó, ele vai ter que buscar onde eu deixar. Chega de conversa, não sou empregado dele.

Por mim, tudo bem, grana eu tenho. A rua da Martinière está deserta. Estou congelando. Este clima polar não é bom para os negócios. É muito longe voltar do barco-bar sozinho nesse frio. Entendo que o Gilan dê um perdido na gente para ir se esquentar na cama com uma mina! Um ônibus aparece na esquina da rua Annonciade, o 13, estou com sorte! Com o pacote embaixo do braço, faço sinal. Eu embrulho a coca metodicamente. Plástico bolha, papel kraft, velcro e dupla face, lembra um emplastro. Fácil de carregar! No verão, na cueca, e no inverno, debaixo do braço. Dou um alô para o motorista e vou para o fundo do ônibus. Nenhum carro colado na traseira, legal. Enfio as luvas brancas. De membrana fina, o ideal para manipular a branca, roubamos do fotógrafo da alameda Giraud. Equipamento, não tinha nada que prestasse, tirando as luvas. Mas esse golpe frustrado nos garantiu o respeito em uma nova zona do bairro da Croix-Rousse. Muito bom, estou aproveitando o trajeto do ônibus, o mirante da praça Rouville, a subida da alameda badalada até a praça Commandant-Arnaud. Lá em cima a casa é minha, não admito que um outro faça a lei por lá.

Vinte para uma da manhã. O trouxa mora na rua Souлары, a dez metros da entrada do beco onde as quatro meninas foram acuadas. Ele prefere o anonimato, mas não forneço para nenhum cliente com regularidade sem antes me informar. É muita droga, grana demais... Banqueiro corrupto, negociante ou maluco... vou acabar descobrindo.

Com os caras corretos e cheios da grana, o negócio é a longo prazo. Eles gastam durante muito tempo. Essa gente planeja tudo: tanto a loucura como o nascimento dos herdeiros, a aposentadoria e todo o blá-blá--blá. Morro de rir, os idiotas se acham superiores com todas suas garantias.

Que coincidência bizarra: as quatro agressões aconteceram na noite seguinte a uma entrega. Então hoje à noite eu vou ficar ligado para fazer a casa dele cair. Na próxima entrega vamos montar a armadilha. Usar a Amarela como isca foi uma ótima sacada do Roux, mas, com o Gilan protegendo, impossível. Ele vai acabar dando um pé na bunda dela, não vai aguentar a Amarela por muito tempo. Sempre julgando. Desprezando a gente, os parças de sempre. Quem ela acha que é, com toda aquela pose, a chinesa? Ok, ela vale a pena. Cabelos cor de gráua e grandes olhos puxados. É uma isca de primeira, o maluco não se enganou. Agressiva, nunca sossegada, ela foi a primeira vítima, e então! Pro tarado no volante, morena, loira, um saco de ossos ou de gordura, ele não tá nem aí! A primeira menina que passar pelo beco na frente dele é a boa.

A mina andando pelo beco, com o carro colado na bunda, só pode correr pra frente. Ele pisa fundo atrás. E comemora. O único lugar onde dá pra virar é na grade que impede os carros de entrar pela escadaria. Ele cerca elas ali. Sempre. Já tirou a manobra de letra. A menina tem uma chance de escapar se tiver o reflexo de pular a grade na hora em que ele vira. Mas tontas que nem uma galinha, elas correm pra frente, batem as asas duas vezes e são apanhadas.

O cara é louco. E cada vez o golpe fica mais arriscado. Ele está caindo na própria armadilha. Basta um carro da polícia atravessado na entrada do beco e ele está perdido.

Quando desço na praça Commandant-Arnaud, dou uma olhada na escola primária. Na aula você sacava rápido, Gilan, matemática, ortografia... sem esforço. Eu, não. Você nunca me deixou na mão, e agora... Não sei o que ela te fez prometer, sua vó, mas você não é mais o mesmo depois que ela foi se encontrar com os anjos.

Atravesso o espaço vazio. O bar, fechado. As mibiletes vermelhas da Pizzaria Puce alinhadas na

calçada, um cara limpa o forno, a cidade dorme.

Se me seguirem eu me enfio no seu prédio. Enfio o embrulho com o pó atrás do painel de eletricidade no andar dos velhos e toco a campainha para passar uma noite de álibi com meu parça. Você vai me abrir a porta, meu irmão, mas estará mudado demais nesse momento. Subo a rua de Urville, sua vó morava aqui, no nº 10, essa rua me dá a sensação de que uma cena de banguê-banguê vai começar. Duas gangues de bandidos armados até os dentes, parados frente a frente. Uau! E se metralham até se acabarem debaixo de um céu azul ou perdidos na neblina, como nesta noite.

De passagem, arranho o medonho mural pintado da Casa da Criança, que nenhum dos ex-frequentadores grafita. A gente embrulhou os caras, os educadores do centro de lazer e não foi uma vez só. Boas lembranças.

Pego a estreita rua Célu sem vacilar. Talvez seja o meu trouxa quem está bancando o idiota. Com os parças, essa máscara vai cair. É o nosso trampo que está em jogo.

O contêiner de obras está na penumbra. A noite, opaca de cortar com faca. Atravesso a rua com a mão no bolso, salto as grades empilhadas e me enfio entre o contêiner e o muro. Da sombra eu vigio o prédio do trouxa. Aparentemente, tudo está tranquilo.

As escadarias atravessam o bairro. Têm de três a trezentos degraus. Conheço todas. Também sou dos poucos que conhecem as entradas das galerias subterrâneas. A colina é cheia delas. Um belo queijo suíço.

Com o emplastro abarrotado de cocaína na palma da mão, é só eu me abaixar, não tem erro.

Dou uma última olhada na entrada do prédio dele. É muita tentação ficar aqui vigiando, encoberto na neblina, mas ficar escondido justo na hora da entrega é arriscado demais.

Uma luz! A porta do nº 21 abre. Se for aquele trouxa saindo sem respeitar as regras, vai pagar caro. O vulto olha para todos os lados antes de sair. Surge uma silhueta. Botas, pernas finas. A menina para na calçada em frente. É a Oriental, não acredito! O que ela está fazendo aqui?

Eu me agacho atrás do contêiner. Com as grades e a neblina ela não vai me ver. Vem na minha direção. Estranho, os bares e o metrô ficam do outro lado... Para a dois metros de mim, petrificada, na entrada do beco Souvary. Lá onde ela foi agredida. Recua, tropeça, vira num ângulo reto e some pela minúscula rua Célu. Depressa, tiro a película da dupla face, colo o emplastro com o pó embaixo do piso, aperto um pouco e saio de meu esconderijo. As botas dela fazem um barulho infernal, não corro o risco de perdê-la. Vejo ela de longe: debaixo de uma arandela do restaurante, diante de uma cortina escarlata. É uma pobre gazela saltando de poste em poste de luz. Em pânico. Ela se joga no meio da rua larga e se enfia às cegas na neblina! Muito besta, essa gazela.

Entendi, ela está indo para a casa do Gilan. Sigo seus passos, vou rir à custa dela.

De tênis, no asfalto úmido, sigo em silêncio. Avanço colado nos carros estacionados, mergulho entre os para-choques cada vez que, em pânico, a mina para.

Os saltos se calam. Observo-a pelos vidros de um Traffic. Colada no poste de luz embaixo do prédio, ela olha para o apartamento dele. Comportamento estranho, o da Oriental, esta noite. Sopro lentamente a neblina para baixo e tento rastejar, apoiado nas carrocerias. Um jato rápido de adrenalina. Estou tão perto dela, vejo as listras da sua luva e o seu ar deplorável. Amarelo vômito, trêmula, sem seios nem bunda, não entendo por que meu parceiro gosta dela. Ela tira um saquinho do bolso. Mastiga o que tem lá dentro, amedrontada. Que interessante! Engole, apressada. Ah, a Amarela toma uns comprimidos! Será quetamina? Anfetamina? É bom conhecer o ponto fraco dela, um dia isso pode me servir. Ah, vadia, esse ar de não-me-toque é história!

Com os olhos voltados para o quarto aceso do colega dele, ela está esperando o quê? Que a janela do Gilan se acenda? Ah, vai! Sobe pra casa dele! Vai ver seu namorado na cama com outra e para de encher o nosso saco! Chega de Oriental!

Ela não se mexe mais. Não quer me dar este prazer! Dane-se, deixo isso pra lá antes de congelar,

tenho um encontro. Tenho que sair daqui.

Cuidado, a mina é imprevisível. O mais seguro é voltar pelo jardim do velho que faz bricolagem. Em silêncio, recuo de costas ao longo da sarjeta, empurro a porta com o joelho, me enfio pela vereda, salto os arbustos do quintal, mergulho na sombra dos girassóis de plástico. Nenhum movimento atrás de mim. Ah, o eterno conforto das flores sintéticas. Isso me custou duas palavrinhas com o velho, um saco de terra e uma boa rasgada de seda, mas desde então me sinto em casa neste lugar. É um esconderijo perfeito no meio do bairro.

Da composteira, subo no barraco dele, encostado numa sequência de garagens. O gelo range com meu peso. Caio para a rua e dou de frente para a fachada soturna e deserta do nosso querido colégio, castigada pelo vento. Eles que façam o que quiserem, a Amarela, o burguês, o tarado, juntos ou cada um na sua, está frio demais. Um baseado para me esquentar seria bem-vindo. Visto o boné por cima das orelhas geladas, atiro as luvas brancas por cima das grades da quadra de basquete e continuo, antes de virar e sair do outro lado da rua de Urville. A dez metros, vejo as costas da Oriental, que desce a ladeira para pegar a subida Eugène-Pons. Toda essa volta pra nada! Com raiva, corro para pegar o último 13 que aponta no horizonte da praça. Os caras de Rillieux estão me esperando no ponto final.

O ônibus está iluminado e quente, como um cinco estrelas. Esparramados pelos bancos, uns garotos se divertem. Faço como eles, mergulhado nos meus pensamentos.

Em maio, vou enterrar umas sementes nos pés dos girassóis sintéticos. Só pra me divertir. Aí o velho vai ter uma plantação de verdade. Vou contar uma história qualquer para ele não arrancar, para ele cuidar daquilo tudo. O velho não sai de lá o ano inteiro. Fica chocando, naquele jardim. A erva, regada e adubada, vai conhecer a maturidade.

O motorista está fazendo explodir o aquecedor. Troco de banco, penso no comportamento da Agathe, a Oriental, muito estranho. Ela não me viu, nem me viu entregar a cocaína. Melhor para mim.

Mas o que ela estava fazendo lá à uma hora da matina, sozinha no bairro, com cara de acabada?

À noite, quem procura acha. Ela que não venha reclamar.

— **Senhorita Agathe Gentil.** Nascida em...

O funcionário lê em voz alta a minha carteira de identidade:

— Angoulême.

Ajeita os óculos e ergue os olhos para mim. A foto que tem diante dele não basta. Ele lê:

— Nacionalidade: francesa.

Essa lentidão, ele faz de propósito! Por causa dele vou perder a manhã de aula. A delegacia do bairro da Croix-Rousse não fica no meu caminho. Por que me convocaram? Nariz achatado, pálido, trinta anos completos, volta a escrever no teclado. Com dois dedos! Eu me debruço por cima do balcão e digo:

— Já está terminando? Estou com pressa...

Com as mãos para cima e os olhos fixos na nova janela aberta no computador, faz um sinal para que eu não me mexa. Parabéns, quanto conhecimento de informática! Pergunto, sarcástica:

— Na polícia vocês não têm direito a um curso de informática?

— Você está com pressa? Eu também, vamos lá.

Levo um susto com a voz, não ouvi chegar outra pessoa. Eu me viro e vejo um rosto comprido tão perto do meu que reparo na pele seca. Magro e austero, o policial civil me olha calmamente. Nada a ver com os dois *cowboys*, agitados em seus uniformes, que entram e saem sem parar desde que cheguei no guichê. Com o casaco de couro preto por cima de uma gola alta da mesma cor, ele me precede no corredor. Tenta abrir uma porta, aparentemente fechada por dentro, vai até a seguinte, que se abre.

— Esta sala serve. Senhorita Gentil, sente-se.

O telefone toca, ele atende imediatamente e responde ao mesmo tempo que liga a tela à sua frente.

Conversa sem me olhar. Um dos *cowboys* espia pela porta, como quem também está procurando uma sala disponível. Eu me pergunto onde vim parar, poderia estar em plena gravação de uma comédia. Para passar o tempo, eu conto o número de pastas elásticas, ordenadas por cor, da mais fria até a mais quente. Um pouco de poesia neste lugar. Ele desliga, parece me redescobrir. Interpreta bem o seu papel.

— Senhorita Gentil, ontem, segunda-feira à noite, você cuidou de um bebê na residência da família Levallois. Encontramos o nome da agência “*Alô baby-sitter*” na agenda do senhor Levallois. Sua inscrição nos registros da agência data de 28 de setembro. Eu a recebi via fax, assim como seus dados pessoais: endereço, telefone, o comprovante da sua inscrição no primeiro ano da faculdade, no curso de história, como bolsista por razões sociais, enquadrada na tabela com maior desconto. Recebi também uma cópia da sua carteira de identidade.

Arregalo os olhos revelando minha indignação. Nada mal, a indiscrição! Tenho que lembrar de agradecer à secretária da agência que frisou que os dados fornecidos seriam confidenciais, óbvio! Devia mesmo ter confiado naquela cara de rato! Ao ver a mulher, quase saí correndo de lá, sem me inscrever. Mas eu preciso de dinheiro e aceitei preencher os formulários, bem detalhados.

— Ontem à noite você foi até a residência do senhor e da senhora Levallois para cuidar, durante a noite, do filho deles, de oito semanas.

Ele vasculha uma pasta, à procura de uma ficha que lê minuciosamente, sem dizer nada, e pega outra folha.

Enquanto revisa suas anotações, repito para mim mesma a lista de datas históricas que estudei de manhãzinha na correria. Desde que as aulas começaram que me debato com datas e reis, acho que escolhi mal a faculdade de história. Achei que aprender os fundamentos da história me faria compreender o mundo de hoje, mas as aulas começam na Antiguidade e até chegarmos na Longa Marcha de Mao, estarei cansada. Já estou pressentindo. O policial lê em voz alta um resumo desinteressante, pontuando cada final

de frase com um olhar neutro, bem profissional. Ele não pode ir direto aos fatos em vez de me fazer perder meu tempo? Fico desconfiada. É uma regra. Desconfio dos policiais que andam como justiceiros, com a arma à mostra, e ainda mais desse aí, com sua enorme testa de ocidental estressado. É um reflexo instintivo, reforçado por três razões: um, faço parte daquilo que chamam de jovens; dois, à primeira vista, não pareço ser o que sou, francesa. Nascida na França, em Angoulême. Sou de nacionalidade francesa, mas errar é humano, ainda mais quando se trata de policiais. E os asiáticos em situação ilegal são repatriados, assim como os africanos, de forma sumária... Sem recibo de entrega. Tiro meu cachecol de lã, me levanto para tirar o moletom com capuz que peguei emprestado do Gilan. Dez vezes maior que eu, e é disso que eu gosto. Com ele, tenho a impressão de estar vestindo a pele de um urso. A terceira razão é que sou impulsiva. Rebelde, diz minha mãe, tão bem integrada à sociedade francesa. Encaro o aquecedor que ocupa toda a largura do cômodo. Faz muito calor nesta sala. Os policiais não estão nem aí para o aumento do preço do barril de petróleo e do gás. Não são eles que pagam.

— Senhorita!

Não liguei o aquecedor do meu quarto e sala desde que me mudei. A gente também congela na casa do Gilan...

— Preste atenção.

Ele cruza os braços sobre a escrivaninha e fica calado. Seus dedos magros arrancam o telefone, que toca novamente. Bom, é melhor não chorar: ele me chama de senhorita. Ele é correto. Talvez eu responda. Pela janela, vejo as árvores e, na frente delas, a torre violeta do “Solar do Medo”. Por que me fazer vir até a delegacia do bairro onde o Gilan mora? Apoiado sobre a escrivaninha, com a coluna ereta, ele se inclina na minha direção. Eu recuo diante do cheiro de tabaco que me vem na cara. Ele deve ter saído para fumar no pátio dos fundos, quando apareceu atrás de mim. Com um ar irritado, desta vez ele sobe o tom:

— Repito a minha pergunta: a que horas você deixou a residência da família Levallois?

Faço cara feia, arregaço as mangas revelando meu punho nu. Não uso relógio. Seu tronco avança na minha direção, a cabeça para a frente, como a de um jabuti fora da carapaça. Suas pupilas se concentram nas minhas. Se ele quer me intimidar, está conseguindo. Seus olhos azuis brilham. Suas narinas se dilatam. Uma imagem indecente. Faço minha cara de chinesa enigmática. Seu olhar se desvia, mas volta para examinar minha tripla camada de roupas de nômade urbana. O grosso casaco vermelho sobre um vestido de lã cinza, as camisetas invisíveis e o jeans. Por seu olhar cético, penso que o policial não está acostumado com meninas do meu tipo. Ele não pode adivinhar que estou vestida assim para ir para a faculdade. Uma terra de ninguém na periferia da Antártida, onde os estudantes congelam em salas pré-fabricadas. Começou bem para eu congelar o resto do inverno.

— O celular do pai registra uma ligação feita para a casa dele e atendida lá. À meia-noite e cinquenta e sete minutos. Você estava sozinha no apartamento, fora o bebê, foi você então que atendeu a ligação?

Nada a dizer.

— Sim ou não?

— Sim.

Quando seus lábios esboçam um ar de satisfação, a coisa piora.

— Então, você foi a última pessoa que entrou em contato com ele.

— O pai viu ele depois de mim.

— Pelo que constatei, não.

— Ele estava dormindo quando eu fui embora.

— Não se trata da criança.

Então, ele se apruma, mas sua cabeça ressecada de jabuti continua esticada na minha direção. Ameaçadora.

— Você pode repetir o que disse o pai, na ligação que você recebeu dele?

— Ele disse para eu ir embora.

— Quem disse para você ir embora?

— O pai. Meu interlocutor se apresentou como sendo o pai do bebê.

— O pai telefonou para pedir para você ir embora... deixando o filho dele sozinho?

— Ele estava estacionando. Disse que eu podia ir sem me preocupar, que ele chegaria em cinco minutos e que eu não precisava esperar.

A cabeça dele permanece imóvel, mas a mão esquerda tritura o *mouse* preto.

— O que você fez?

— Fui embora.

— Sem esperar o pai?

— Sim.

— Você já tinha encontrado com ele antes?

— Não.

— Por que você não esperou enquanto ele estava estacionando?

— Eu fui contratada para ficar até a uma hora. (Levanto os olhos para o céu.) Se passa da uma hora da manhã, eu chego na aula no dia seguinte em más condições.

— E o seu pagamento?

— Eu sou contratada por uma agência que recebe e depois me paga.

— O que você fez na residência dos Levallois?

— Cuidei do bebê.

Vários segundos se passam sem que ele se mexa. Concluo que a entrevista acabou. Esboço um movimento para pegar minha bolsa. Ele ergue a mão direita e me obriga a ficar.

— Espere um pouco. Segunda-feira à noite você foi a última pessoa com quem o senhor Levallois falou. Você encontrou a mulher dele, a senhora Levallois?

— Não.

— A senhora Levallois é uma mulher muito bonita, segundo a síndica, que não viu você chegar, mas que viu descer a jovem que estava cuidando da criança antes de você, e com quem você se encontrou na residência. Loira, de olhos claros, você confirma?

— Sim.

Suspiro.

— Você a substituiu na guarda da criança. Ter passado a noite naquele *loft*, em pleno miolo de um bairro chique, um dos mais bem cotados pelas agências imobiliárias, certamente permitiu a você constatar, digamos, a opulência da família Levallois. Não é, senhorita?

Eu me abstenho de falar. Não vejo aonde ele quer chegar. Se a cada cinco horas remuneradas pelo piso salarial eu tiver que perder uma manhã na delegacia, é melhor não vir da próxima vez. Estou começando a gostar da agência “Alô *baby-sitter*”.

— Vamos seguir. Ontem, segunda-feira, o senhor Levallois teve que se ausentar com urgência. Para cuidar do seu filho pequeno, ele chama duas pessoas, uma depois da outra. Ora, você foi a segunda e, portanto, a última pessoa a ter deixado a residência da família.

Por fim, ele recolhe a cabeça na gola alta preta, e se endireita, com a escrivanhinha entre nós:

— A morte do senhor Levallois aconteceu nas primeiras horas do dia.

Não consigo entender direito.

— O senhor Levallois foi vítima de um homicídio.

Quando entendo, me aprumo, agarrada aos braços da cadeira, os olhos arregalados. O cara da casa em que eu estava está morto! O agressor foi agredido? O Jabuti aproveita que estou chocada:

— Você confirma que não encontrou com ele ontem à noite?

A informação me provoca um fluxo de emoções contraditórias. Que mal consigo conter. O cara era

suspeito. Minha intuição estava certa. Imagens demais ocupam a minha cabeça. Me esforço para não pensar em nada. Depois de um tempo, respondo:

— Eu disse que não esperei por ele.

— E você não se encontrou com ele outro dia?

— Não.

Tento esconder o pânico e a incompreensão com uma cara amarrada. Não quero falar sobre o tarado no beco. Não posso dar nenhuma brecha. Minha desconfiança com relação aos policiais é mais forte. Ele continua me encarando quando me calo, não se aproveita do meu estado de choque.

— Você teve oportunidade de falar com a mulher dele?

— Não.

O diafragma duro como cimento, quase não consigo respirar, muito menos engolir saliva. Quanto azar. Meninas para cuidar de bebês, há dezenas em Lyon, e essa história foi acontecer justo comigo, que estou na cidade há apenas três meses.

O policial contorna a escrivadinha:

— Você constatou algo de anormal ao sair do apartamento?

— Não.

— Um barulho?

Sacudo a cabeça.

— Algum movimento na escadaria?

— Não.

— Lá fora...

— Não.

— No pátio interno?

Por que tantas perguntas? As pálpebras dele piscam. Meus pensamentos turbilhonam. Zona de turbulência. Sinto cada vez mais calor. Fico agitada, com pressa de ir embora. A cabeça dele vira, parece reagir a sons que eu não ouço. Esse policial é um verdadeiro radar ambulante, faz como se eu não existisse. Com o indicador direito dá batidinhas no *mouse*. Sua atitude de repente me dá raiva, me perturba. Não aguento mais perder tempo com essa conversa. Ele pergunta, articulando:

— Você não tem nada a acrescentar?

— Não.

— Agradeço pela colaboração, senhorita Gentil.

Insiste no Gentil, zombeteiro e sorridente. Fácil demais.

— Como pode imaginar, senhorita Gentil, dadas as circunstâncias, nós vamos precisar ouvi-la novamente.

A informação fica flutuando durante um momento de silêncio longo demais, traiçoeiro. O que este “nós” ameaçador está escondendo? Por que eu teria que voltar? Ontem à noite eu estava morrendo de medo na frente do retrato do pai e, hoje de manhã, ele está morto! Mas eu estou viva, isso não é uma forma de justiça?

— O corpo dele foi encontrado de manhãzinha, no pátio do imóvel.

Morto, cinco letras, uma palavra curta para a eternidade.

Luto contra as imagens de cadáver e de necrotério que invadem meu cérebro. A agência que me ofereceu essa porcaria de trabalho pode contar comigo, vou fazer uma propaganda dos infernos! Acabo de encontrar o slogan: “Alô *serial killer*”!

— O corpo estava em cima da lixeira.

A lixeira onde eu esbarrei quando cheguei? Meu corpo treme, antes de ficar rígido e pesado. Isso tinha que acontecer comigo. Uma porta bate no corredor. Uma voz jovem xinga, os funcionários respondem secamente, o silêncio volta.

- O corpo do pai.
- Eu tinha entendido.
- É claro.

Ele me enche, sério. Engrenando os fins de frases. Qual é o jogo, tapar os buracos? O que ele quer? Que eu demonstre piedade? Que eu me preocupe com o bebê? Que eu vomite aqui, no escritório dele? Não tenho nada a dizer. A agência me mandou para a casa dos Levallois, eu fiz meu trampo, fiz o trabalho pelo qual fui paga. Ponto. Blindar meu cérebro. Nada de *flashbacks* da minha noite enquanto eu estiver na polícia... O olhar desconfiado do policial me devolve para a minha fortaleza.

- O pai deve ter tido uma depressão pós-parto, deprimido com tanta riqueza, ele se suicidou...

Diante do olhar chocado do policial, me calo. Ele não esperava uma réplica sarcástica da minha parte, isto é certo. O pescoço dele se estica de maneira excessiva para me encarar. Erguida, a gola de couro lembra a borda de uma carapaça, por onde sai sua cabeça. O azul dos seus olhos é transparente. Eu me encolho no fundo da cadeira.

- A senhorita não me entendeu. Trata-se de um homicídio. Um inquérito foi aberto.

De repente, mudança de ritmo:

— Impressões digitais, isso é o que encontramos com mais frequência nas cenas de um crime. Veja bem, seria estranho não encontrá-las. Neste caso, há impressões por toda parte. Um oficial está encarregado de recolhê-las. A polícia científica fará o trabalho dela. Você será convocada em breve. Enquanto isso, um colega vai recolher as suas.

Estou em uma série policial de má qualidade ou o quê? Fico muda. Minhas impressões digitais! O Jabuti faz um sinal para que eu o siga até o balcão da recepção. Ele se posiciona atrás de mim enquanto um oficial uniformizado abre uma caixa com destreza. Põe a almofada de tinta na minha frente. Uma almofada de carimbo! Ao vê-la, contenho um riso nervoso. Pensei que ia colocar o dedo em um aparelho digital sofisticado, sincronizado com uma câmera. Aperto a última falange do polegar esquerdo na esponja redonda e depois numa espécie de decalque. Pelo menos, com esse sistema arcaico, eles não terão minha foto nos arquivos.

A tampa e a gaveta batem. O funcionário volta para o seu programa. O Jabuti gira sobre os calcanhares. Sem se virar, diz:

- Até mais, senhorita.

Seria melhor que eu tivesse ficado calada até o fim da sessão. Homicídio, assassinato, a coisa é feia. Por bravata, raiva ou preocupação, não sei por que disse tudo aquilo. Que idiota!

Um choque térmico. Depois do calor sufocante da delegacia, um frio brutal toma conta de mim. Fecho um pouco mais o capuz, enfio as minhas luvas. Mulheres, com cestos no braço, apressam o passo em direção à feira. Banalidades da vida. Um homem está morto. Meu polegar tem sinais de tinta. Preciso de um café para me recuperar e refletir. Dou as costas para a delegacia, com pressa de me afastar dela. Colo meus passos aos de uma pequena mulher com um chapéu de pele. E pensar que, menina, eu sonhava em ser comissária de polícia. Por causa da minha mãe, fã das séries policiais que passavam nos três canais de televisão. Aos dez anos fiz uma carteira de polícia listrada de azul, branco e vermelho, carteira que o vizinho do mesmo andar plastificou para mim com a máquina do pai dele: uma caixa de metal ligada à eletricidade que ele rebatia por cima de uma base e o plástico transparente terminava grudado em volta da carteira. Rémi, ele se chamava Rémi, faz anos que não penso nele. E, no entanto, passamos muitas quartas-feiras juntos, procurando com uma lupa indícios e provas pelo prédio. Até o dia em que seu irmão mais velho foi preso por tráfico de carros. Rémi, meu primeiro amor, por ele passei para o outro lado da lei, e sem hesitar. Durante o trimestre seguinte, eu brincava de cúmplice de um grande bandido, cantarolando *Bonnie and Clyde*. Até que o Rémi se apaixonou por uma das minhas amigas do 1º ano fundamental. E não se interessou mais por mim. Tive que ser convocada esta manhã na delegacia para que meu primeiro sofrimento de amor voltasse à tona.

Embaixo das árvores da alameda, as barracas de legumes, banidas para longe do burburinho, avançam até o terraço da cervejaria. Alhos-porós e saladas congelados formam um quadro triste. Solto um longo suspiro, empurro a porta do “Chanteclerc”. Nem bem me sento na mesa atrás da vidraça e o retrato do morto volta correndo para assombrar minha mente. Estou com o estômago revirado.

Fiquei um tempão observando a foto dele. Plantada na cabeceira da cama do bebê, eu a esmiucei, a analisei, comparando os traços com a imagem única daquela noite, fixada na minha memória. Ontem à noite, na casa dos Levallois, vi um pai feliz segurando no braço um recém-nascido. A nuca do bebê na palma da sua mão. A mulher ao lado, para completar o quadro. Eu não sabia mais. O retrato gigante de família teria me espantado menos em uma comunidade oriental, tão respeitosa dos seus antepassados, do que na casa daquele casal ambicioso.

Não soube dizer se era o mesmo homem. No beco, minha relação foi com um pervertido, um sádico com uma risada diabólica... Estava sendo ameaçada, perseguida.

Mesmo depois de ter revirado os papéis dele, ainda não estava convencida... Emoções complexas demais me impediram de varrer a primeira impressão que senti diante do retrato. Eu estava me sentindo estranhamente mal naquele apartamento tão confortável. Liso e nu, sem alma.

Ontem à noite eu queria acreditar que o pai e o meu agressor eram o mesmo homem. Para me liberar da angústia, me sentir definitivamente aliviada.

De qualquer forma, ele está morto. Seu cadáver está nas mãos da polícia. Ele não vai fazer mais nenhum mal.

Ao pedir um café, percebo os olhares insistentes das alunas do colégio, instaladas na mesa vizinha. Uma delas esboça um sorriso charmoso para mim. Meu visual andrógino agrada. Se ela soubesse a violência que me corrói por dentro. Aquela que não posso revelar às pessoas que amo sem ter a sensação de violar um tabu. Para o Gilan, eu deveria conseguir falar sobre isso... depois. Enquanto isso, felizmente este policial não tem como adivinhar o que passou pela minha cabeça na casa dos Levallois.

Não vou mudar de opinião, o homem que me agrediu não tem o direito de viver livre. Espero que a vítima e meu agressor sejam a mesma pessoa! O mundo vai ficar livre de um tarado e eu também. É sinistro terminar a vida em cima de uma lixeira. Passo, sem transição, da cólera à culpa. Da raiva ao

medo.

Viro meu rosto em direção à luz para esquecer a morte. As estudantes vão embora rindo. O café está amargo, caro, o sol, morno através da vidraça, e isso tudo me devolve a coragem para enfrentar o dia.

Lá fora os carrosséis abrem os caixas, e bandos de crianças não vão tardar em chegar. Quarta-feira é uma loucura, a *Vogue des Marrons*, desde a manhã. Esse pedaço de paraíso fica insuportável com os alto-falantes. Os charlatães berram, levam os clientes para as loterias, o tiro ao alvo e até para aquela espécie de *shaker* onde põem todos para sacudir. É bizarro, um parque de diversões no centro da cidade, principalmente neste bairro da moda, onde feiras orgânicas e bicicletas fazem parte da rotina. Que contraste estranho.

Por cima da minha cabeça, os aviõezinhos voam, sobem e descem em volta de um eixo. As crianças que pilotam explodem de felicidade e de excitação.

É bonito, esses teco-tecos contra o céu azul-claro.

Entro na estação de metrô no contrafluxo. Em mim, o morto pesa toneladas. Vago pela plataforma. Meu velho celular está sem sinal. Seja como for, quando está trabalhando na empresa, o Gilan fica incomunicável. Dentro do vagão, me sento de frente para o sentido do movimento, a descida das ladeiras é muito íngreme. Com o Gilan, navego para uma margem desconhecida, imprevisível. Isso me entusiasma. Ao lembrar dos seus lábios no meu pescoço, um calor me sobe às faces. Mesmo com todo mal-estar, pensar nele me desconcerta. De nós dois, porém, sou eu a mais sensata. Ele é um *bad boy*. E é isso o que me faz derreter: o seu lado *bad boy*.

Esse cara caiu do céu. Parou de correr para olhar para mim. Não pedi nada e lá estava ele, me olhando com aqueles olhos de avelã, umedecidos por uma ternura reprimida. Quase deixei cair minha última caixa. Eu e meus pais estávamos terminando a mudança, o furgão alugado para a ocasião estava vazio. Eles estavam arrumando a casa, um instalava as lâmpadas, o outro as cortinas, no meu quatinho no sótão. Eu estava sozinha na calçada quando vi aquele cara bonito correndo pela beira do rio. Correndo como um príncipe dos estádios no calor do verão. Veio direto na minha direção. Sei a cena de cor. De tanto relembra-la antes de dormir. Gostei logo da sua voz:

— Você precisa de ajuda?

— Já peguei a última caixa.

— Está se mudando sozinha?

— Vou começar a faculdade.

— Você não é do bairro.

— Não.

— Não conhece a cidade?

— Não.

— Atrás do seu prédio tem uma escadaria que vai até o topo da colina. Um bairro bem legal. Eu moro lá em cima. Fica a dez minutos descendo e o dobro, subindo, a menos que você suba correndo os trezentos degraus.

— Você corre sempre?

— Corro. E você?

— Eu gosto.

— Você está vendo toda aquela folhagem do outro lado da ponte? É o parque da Tête-d’Or. As alamedas são reservadas para os corredores, é legal. Você escolheu bem mal seu apartamento. Esta parte do rio é ruim de morar. Não tem nada além de carros. O bairro do Plateau de la Croix-Rousse não é longe. Eu moro na rua Urville, mas você pode me encontrar de noite em um barco-bar, o “La Bargeazique”, ele fica ancorado em Saint-Georges.

— ...

— Tchau.

Ele foi embora correndo antes que eu reagisse. Caras que correm, tem aos montes nas vias verdes, nas calçadas e nos parques. Tem aqueles que balançam a bunda, os que mostram as panturrilhas nas calças justas, aqueles que sofrem para eliminar a barriga e respiram feito umas focas, mas tem uma espécie rara, única, que faz a gente diminuir o passo, nós, meninas que correm pelas mesmas razões que eles. Bom, esse que acabou de parar para falar comigo se enquadra na última categoria. Ainda não me recuperei.

O metrô freia, chegamos no Hôtel-de-Ville. A multidão me empurra, saio do metrô sem perceber, continuo andando. O céu sobre a ponte está turquesa, lembra o Sul durante o inverno. Depois da aula, tenho um treino de caratê, vou ter que esperar para ver o Gilan. Mando uma mensagem enquanto caminho: “encontro 21h na sua casa. SOS. Urgente”. Na empresa onde ele trabalha é proibido deixar o celular ligado. Por medida de segurança. Parece que o chefe dele verifica esse tipo de detalhe.

É a primeira vez que saio com um cara como ele. Ele é do tipo urbano, urbano das cidades grandes. Um visual impregnado de rua, com enormes fones colados no ouvido, o cérebro permanentemente irrigado com música. O corpo no ritmo. Ele desliga o som quando estamos juntos. Nem sempre. Uma cara cheio de lábia, que escreve textos entre a poesia falada e a nova canção francesa. De um sorriso que desarma, as mãos lentas e suaves. Que conta histórias engraçadas no escuro, quando não consigo mais ver seus olhos e me calo. E uma voz ao telefone que me faz derreter do outro lado da linha.

Não vou conseguir ficar de pé se continuar a pensar nele assim. Andar até o tram vai me acalmar.

Um cara que não se intimida com minha tensão, que procuro refrear com a prática do caratê. Um cara que faz musculação todos os dias porque vai saber se um dia ele vai precisar... É um cara que vai saber me dar conselhos com relação ao policial, um cara que não vai se deixar impressionar por um cadáver.

Lucia-Paz acena para mim, ao lado do vendedor de comida em embalagem de plástico. Eu sabia que ia encontrá-la aqui. Nos dias em que nós duas temos aula, comemos juntas da maneira mais econômica. Eu adoro essa menina. Ela tira um sarro, sacudindo a salada:

— Você quebrou o despertador para dormir mais um pouco?

— Pior! Foi a voz de um policial que me tirou dos braços de Morfeu.

Seu riso rouco jorra, explode:

— De tanto destruir retrovisor de Scénic aos chutes, tinha que dar nisso. É uma terroristazinha!

— Fala sério, ontem à noite eu cuidei de um bebê na Croix-Rousse, a duas ruas da casa do Gilan, e hoje de manhã os policiais encontraram o cadáver do pai.

— Você está brincando?

— De jeito nenhum.

Ela me olha, séria, por cima dos óculos. Seus olhos são redondos e brilhantes, duas pedras de carvão debaixo de grossas sobrancelhas pretas:

— Você conhecia a família, já tinha cuidado da criança?

— Não. Foi uma noite bizarra. Preciso te contar.

Ela se contém, vibrando de impaciência, enquanto vou buscar uma embalagem de cenouras raladas e uma maçã.

— Venha, vamos lá fora que eu te explico.

Sentamos no primeiro murinho do lado de fora, na entrada da Universidade Lyon-II. Por causa de um frio da Sibéria, ninguém disputa o lugar com a gente. A Lucia-Paz não está nem aí para o frio, está acostumada. Ela mora em Quito, a capital do Equador, construída a 2.800 metros de altura no sopé de um vulcão, mas é originária dos Andes. E eu me sinto logo sufocada em ambientes fechados. Atrás de nós, estacionamentos e a avenida periférica, e, na frente, um belo e singular anfiteatro novo, construído em um terreno ao lado de um terreno vago cedido para os ciganos. Sem dúvida, a paisagem ideal para levantar de novo o moral. Se a Lucia-Paz e eu tivéssemos imaginado este cenário, talvez tivéssemos nos inscrito em outra universidade e não teríamos nos conhecido. Ela aperta minha mão.

— Vai, conta.

Eu conto a minha manhã na delegacia. Diante de certas palavras, ela me pede sinônimos, repetindo cada uma delas em espanhol, sua língua materna, por pura mania de perfeição. Minha amiga domina direitinho o francês. Ela me ouve com atenção, com aquela tensão que me fez imediatamente gostar dela.

— Suicídio?

— Não, homicídio. Com inquérito. O pior é que durante metade da noite eu desejei a morte do pai.

— Aparentemente, seu desejo foi realizado.

— É o que me pergunto.

Meu tom aflito a faz reagir imediatamente:

— Para! Foi brincadeira! Se fosse você a assassina, você saberia! Querer a morte do próprio pai é freudiano, mas por que matar o pai dos outros?

— Vendo um retrato dos pais, no quarto do bebê, eu pensei ter reconhecido o tarado que me cercou de carro em outubro.

— Você deve ter levado um choque!

— Fala sério, eu não sabia mais se fugia ou se me vingava. Nunca detestei tanto um bebê.

Ela tira os óculos para me encarar:

— Se se vingava? Ou o denunciava?

— Ele morreu cinco minutos depois que eu fui embora. Não sei mais o que pensar.

— Você viu alguma coisa?

— Não.

— Ouviu?

— Também não.

— E o policial disse se o pai era dono de um Scénic?

— Não perguntei. Ele já achou muito estranho eu ter ido embora sem esperar o pai, mesmo que eu tenha feito a pedido dele. Ele insistiu muito na riqueza evidente dos Levallois... Como se acreditasse que eu faço *baby-sitting* para roubar as famílias.

Ela ri antes de continuar:

— O policial sabe que você é faixa-preta de caratê?

— Tudo o que estiver escrito ou registrado em algum lugar, o policial vai ficar sabendo.

— E o pai, morreu como?

— O corpo dele estava em cima da lixeira do pátio, imagino que tenham empurrado ele de algum andar. A família mora em um prédio antigo da Croix-Rousse, sabe, naquelas escadarias que ficam a céu aberto.

— Sei.

Os olhos de Lucia-Paz se baixam, sob a linha das sobrancelhas. Durante um tempo só se ouve o raspar dos garfos nas embalagens. Ela me dá suas azeitonas pretas sem dizer nada.

— Ontem à noite, você viu o Gilan?

— Não. Insisti para ele vir, eu estava ao lado da casa dele, mas ele não respondeu às minhas mensagens.

Sei que meu namorado provoca uma sensação estranha na Lucia-Paz. Por causa de uma única noite em que tomamos cerveja juntos, os três, no “103”, um bar atrás da Ópera. Ela murmura, olhando para o lado do terreno dos nômades.

— Seu namorado mora ao lado da vítima...

Eu a interrompo, horrorizada:

— Não diga mais nada. Tire essa suspeita da sua cabeça. Naquela noite, quando o Gilan ficou nervoso e disse que mataria o cara se um dia o encontrasse, foi só para te impressionar. Eu falei tanto sobre a nossa amizade. Ele quis te mostrar, do jeito dele, que também gosta de mim. Que ele tem o lugar dele.

— Estava pensando na reação dos policiais quando souberem da relação de vocês. Eles vão chegar até ele. Você ligou quantas vezes da casa do... morto?

— Duas, no início da noite. Insisti, não estava aguentando ficar sozinha na casa do meu agressor...

— Ele não ligou de volta...

— Não. Passado o medo, botei um filme. Não tentei mais ligar para ele.

— Agathe, espera aí! Você está me dizendo que o Gilan ficou achando que o pai do bebê era o agressor.

— Pare de pensar nessa direção. A polícia não sabe que eu liguei para ele.

— Com os celulares, nós somos todos identificáveis. O policial vai suspeitar de você.

— Já está.

— E vai chegar até o seu namorado.

— Não importa quem possa ter empurrado aquele sujeito. Lucia-Paz, eu tinha me esquecido...

Torço entre os dedos o garfo de plástico, que estala e quebra.

— Não liguei do meu celular, mas do fixo. Do apartamento dos Levallois. Eu estava em pânico...

— Como assim, “em pânico”?

— Estava obcecada para encontrar alguma coisa que provasse que ele era o tarado.

Ela faz uma cara feia, reflete enquanto aperta seu anel de prata, me dá uma pista:

— O policial falou sobre um roubo. Explique.

— A coisa mais louca é que eu revirei o apartamento todinho. Os policiais vão encontrar minhas impressões digitais em todas as coisas da família. Quando quis colocar um DVD para relaxar, descobri uma parede falsa que eu não tinha visto antes. Ela escondia um escritório com uma biblioteca vazia, com exceção de umas caixas de arquivo. Com datas escritas à mão, com um marcador. Peguei a caixa deste ano. Com dezenas de notas fiscais, o contrato de compra do apartamento e outros documentos do tipo. Essa gente, Lucia-Paz, nada em dinheiro, o policial tem razão. Em outra caixa, os holerites deles estavam arquivados cronologicamente. Os Levallois trabalhavam na mesma empresa em Dubai, tinham salários faraônicos. A mulher parou de trabalhar na metade do ano...

— Por causa da maternidade.

— Com certeza, então examinei minuciosamente os holerites do marido dela. A empresa de Dubai pagou ele até o final de outubro.

— Outubro! Você deve ter ficado aliviada, você foi agredida em outubro.

— Lendo os papéis, sim. Mas o choque foi forte demais, a atmosfera do apartamento é bizarra.

— Como assim?

— Eu estava em pânico e frustrada. O retrato, presente demais, e o proprietário, ausente... Eu não consigo explicar... Estava me sentindo encurralada de novo, nas garras dele, era insuportável. Tendo que ficar com o filho dele, sem poder impedir o tarado de atacar outras meninas no mesmo lugar. Você percebe? O beco começa a cinquenta metros do prédio onde eu fui encurralada... E se ele voltasse de repente enquanto eu estava cuidando do bebê?

— Você não falou para a polícia sobre a agressão?

— Não. Abri a boca o mínimo possível.

— Se o pai ainda trabalhava em Dubai em outubro, ele não pode ser o tarado que te agrediu!

— Um avião e pronto, ele se encontra com a mulher... É fácil viajar quando se tem dinheiro.

— É longe para um fim de semana.

— Foi o que eu me disse quando consegui raciocinar. Quando deixei de lado a paranoia. Mesmo assim, uma certa dúvida persistia. Ele podia muito bem ter vindo ver a mulher, com o dinheiro que tem tudo é possível. Ela voltou sozinha para a França, grávida. Você acha que um homem que virou pai ia continuar a agredir meninas na rua?

— Se paternidade fosse alguma garantia de um comportamento sexual são, nós saberíamos disso e obrigaríamos os homens a procriar. Você voltou a guardar os documentos no lugar?

— Mais ou menos... Mas a mulher vai ver de cara que as coisas foram remexidas. Eles são maníacos por arrumação.

— Foi bobagem não ter falado sobre a agressão para aquele policial. Você ainda podia dar queixa, não? Não entendo por que você não confia na polícia, você nasceu em uma verdadeira democracia.

— Teoricamente, claro. Mas sentada na sala, com aquele policial com cabeça de jabuti, eu preferi ficar calada.

A Lucia-Paz faz cara feia, não temos a mesma percepção sobre a sociedade francesa. Eu me seguro para não dizer que me calei por medo de pôr o policial na pista do Gilan. Ela já está imaginando que ele quis me vingar, melhor não reforçar. Eu espirro várias vezes e me levanto:

— Estou congelando. Vamos entrar?

— Olha que horas são! Rápido!

Ela se levanta, me abraça por um segundo antes de disparar. Corremos pelo estacionamento. Em volta dos prédios, os estudantes fumam, pulando no mesmo lugar, como passarinhos. Retrovisores e poças refletem uma luz pálida, de repente o sol aparece, dissipando a neblina. Os galhos, brancos de gelo, brilham contra o céu claro. Lucia-Paz faz um gesto de agarrar o sol antes de entrar. No anfiteatro, nossos

colegas de curso se afastam para dar lugar perto deles. Beijos, sorrisos e, ao longe, o professor que disserta.

O que é que eu vim fazer aqui? Eu me pergunto. Totalmente incapaz de acompanhar a aula de gramática da língua inglesa. Presa no meio de estudantes, o interrogatório, porque na verdade era isso, volta à minha mente. Aos pedaços, em desordem, angustiante. Que policial estranho, com aquela mecha, a pele marcada. Lucia-Paz anota com assiduidade e um ar concentrado por trás da armação preta que a envelhece prematuramente. Posso contar com ela. Saímos pela primeira vez no início do ano, mas nossa amizade surgiu no primeiro olhar, no primeiro dia. Eu raramente me engano com relação às meninas, em compensação, no amor... Em geral, não sei onde estou me enfiando, mas com o Gilan é diferente. Com ele também, a ligação foi imediata e profunda.

Fecho os olhos para me concentrar no seu rosto de linhas firmes, decidido. Ele aparece na minha mente refletido, ao infinito, pelos espelhos da cervejaria onde fomos beber com Lucia-Paz. Naquela noite os traços dele irradiavam uma violenta beleza. Seu olhar mexia comigo ao mesmo tempo que seus lábios repetiam: “Eu vou matar esse desgraçado”. Comportamento que deixou a Lucia-Paz perturbada. Ela não leu a ternura escondida no fundo daqueles olhos de avelã que me trespassavam. Ergo os olhos, minha amiga me interroga com o olhar. Tomo um decisão, anuncio que vou embora, os outros se divertem à minha passagem, com sinais de aprovação. O professor provocou uma gargalhada geral, não entendi nada. Fujo sem dar explicações.

Saio pelos corredores, empurro as portas, salto por cima das muretas do estacionamento, tudo sem respirar. Alterada de raiva. Sigo em direção ao fluxo de carros das grandes alamedas. Em meio ao trânsito, ligo para o celular dele. Por que ele decidiu mudar a música da caixa postal justamente ontem? Imagino muito bem a reação desconfiada do policial escutando a letra:

*Bela nas mãos de rebeldes
Quem te capturou, minha bela
Vou dilacerar
Com tiros de projéteis de fragmentação
Bela, bela como um AK-47
Meu amor, meu amor kalashnikov*

O Jabuti não parece ser do tipo que acredita em coincidências.

Os policiais vão verificar minhas ligações, os destinatários, e vão chegar até o Gilan. Tomara que ele esteja limpo. Com os amigos que tem, tenho lá minhas dúvidas. Tenho que cair fora. Desistindo de esperar o tram junto com os estudantes, atravesso as quatro faixas em direção ao parque de Parilly. Dentro dos carros estacionados, os motoristas trocam as roupas urbanas por roupas de esporte. Eu corro no asfalto, na alameda que sobe por entre as coníferas. O cheiro de resina domina sobre a poluição da cidade.

No silêncio que me cerca, minha pulsação entra no compasso do som surdo dos livros que batem nas minhas costas. Não sinto mais frio, transpiro, pouco à vontade em minhas roupas inadequadas. Ao saltar uma raiz, solto um gemido, me dou conta de que estou de botas! No topo da colina, encurto o passo, respiro, ando e me agacho. As folhas douradas do carpino, endurecidas pela geada, quebram sob os meus pés. No inverno, exalo fumaça como uma égua, depois de uma corrida de obstáculos. Lá embaixo, na entrada do hipódromo, um homem com roupa verde fluorescente empurra um carrinho de mão. O dia não vai durar.

Sigo, agora andando. Desde que nos conhecemos, as coisas são simples: como o Gilan não está sempre disponível, tomo cuidado para não ficar disponível demais. Para não passar meus dias esperando, para preservar a felicidade no amor. Entre a faculdade, o esporte, os amigos, a cidade e os *baby-sittings*, tenho pouco tempo livre. Na mureta de uma fonte, faço alongamento... É a saudade dele

que me deixa viciada. Placas de gelo cobrem a superfície da água da fonte. Para além do físico, da pele, dos seus olhos meigos, o que sei sobre ele, e ele, o que adivinhou sobre mim? O que exatamente sabemos dos outros por trás das aparências?

O Gilan está fazendo um curso onde alterna trabalho e estágio. Quando trabalha, pega às sete da manhã. Nas semanas de aula, boceja de tédio... No final do dia, ou corre sozinho ou vai ver os amigos. Sempre o mesmo grupo de amigos, insuportáveis. Não vou com a cara deles. Ainda bem que ele tem um trampo, a empresa que o contratou faz estruturas metálicas. Ele solda, serra e regula equipamentos eletrônicos. Esse cara ama ferro-velho: escadas enferrujadas, corrimãos tortos, pontes metálicas, carcaças de carros prensados, a falsa torre Eiffel da colina de Fourvière.

E seu companheiro de casa invisível? Nenhum traço do cara. Ausente desde que comecei a frequentar a casa dele.

Detalhe: o Gilan tem uma coleção de pregos enferrujados em uma caixa escondida no fundo do armário. Que derrubei por acaso enquanto procurava uma toalha de banho. Ele não se deu conta, então eu não disse nada.

Na minha cabeça eu gosto de dizer "meu homem", soa bem e, em seguida, os seus olhos de avelã surgem na paisagem.

E bum! A imagem do policial vem quebrar o clima. Ele, com aquele ar obcecado de fuxiqueiro, não vai me deixar em paz tão cedo.

O céu ficou cinza pálido, rosado a Oeste. Fim de tarde no inverno. A pista de corrida está deserta. Termino o passeio com uma marcha rápida, o antebraço firmemente suspenso no ar. A respiração aos trancos, me esvazio, chuto os cascalhos. Um deles bate com força num tronco. A mulher que cruza meu caminho agarra os pelos do seu cão ruivo. Um cão velho e louco que rosna para o vento. Ela se esquiva do meu olhar. Fim da zona verde. O frio me corta novamente. Não vou ter tempo de passar em casa antes de ir para a escola primária, onde as meninas me esperam para a aula de iniciação ao caratê. Volto à realidade. Vou escutar de novo os gritinhos das garotinhas, seus olhos brilhantes. A admiração sem limites que elas têm por mim.

Inúmeros estudantes esperam pelo tram. Com as mãos nos bolsos e os cachecóis até os olhos, assexuados, parecem guerrilheiros transidos de frio, longe, bem longe da selva.

Pegar em armas, lutar. Em mim, esta fúria surge de zonas sombrias, irracional. Carrego silêncios antigos. Os males dos meus antepassados desconhecidos pouparam minha mãe para recair sobre mim. Mamãe, tão pacífica, deu à luz uma fúria. Ela se diz sem família. De que exílio eu nasci?

Se fosse um cara bruto, o Gilan me machucaria. Meus golpes de caratê seriam inúteis contra ele. Eu sei. Gosto da sua força contida, do peso denso do seu corpo magnífico... Da sua ternura... Dos gestos que me faz, quando fazemos amor. No fim da nossa primeira noite, dormi enquanto ele descia até a padaria. Exausta, incrédula com tanta felicidade. Ele me acordou ao posar as xícaras de café e os *croissants* ao lado do colchão.

O Gilan não fala sobre si mesmo. Não se acha. Seus textos é que o revelam um pouco...

Estou tremendo, mas não de frio. Estou apaixonada pelo Gilan. No intervalo dos nossos encontros, eu sofro. Estou perdidamente apaixonada. Eu, que acho que o amor não governa o mundo.

Iluminado, o tram se aproxima em silêncio. Sou a primeira a pular para dentro dele e me sento em um banco azul. Enquanto ele me leva confortavelmente para o centro da cidade, apanho minha agenda. Pego a folha dobrada e desdobrada mil vezes. Leio as palavras que conheço de cor. Que me incendeiam a cada leitura. É um texto do Gilan. Do Gilan, o poeta. Que começa com estas doces palavras: "Para você, Grão de arroz".

Lasca de vidro

Breve rastro

Rasgado no asfalto

*À chegada da menina
Gritos sangrentos
Costelas quebradas
Sigo sua sombra
Corpo de papel
Perdido na correnteza
Flutuam seus olhos afilados
Por ela vou subir
As águas lodosas
Os turbilhões frígidos
No ritmo de minha pulsação
Fraturado vou empilhar
Por ela os troncos flutuantes
Para aquecê-la
Com uma faísca vermelha
Lançada
Nos consumir*

As máquinas rangem, diminuem a velocidade. O zunido geral da oficina baixa. Partículas de metal flutuam na luz. A atenção dos operários arrefece. Tiro a máscara de proteção. Respiro fundo. Vejo as feições de cada operário. Olho para eles, vasculho. Procuo o monstro em cada um, mas vejo apenas homens cansados.

No intervalo para o café, fico calado. Guardo a inquietação nas minhas vísceras. Estico os braços, giro os ombros, vou rapidamente até o vestiário, abro o armário metálico. Se o chefe me surpreender com o celular na mão, vai ficar bravo. Tem mais mensagens da Agathe. Ela gruda, deve estar desconfiada de alguma coisa, não tenho tempo para escutar. Ligo para o Vad, cai na caixa postal, paciência.

Vou encontrar com o Max no pátio de trás para fumar um cigarro. Entre homens.

A companhia dos homens. Eu queria isso. Estava sentindo falta. Não aguentava mais as mulheres que me educaram até o fim do ensino médio, fartas dos palavrões, das injúrias e das brigas. Para elas minhas expressões nunca eram adequadas, minhas respostas, inflamadas demais, meu riso, malvado demais. No fundamental, o rei da ironia mordaz, das expressões chulas, era eu! No colégio, eu bancava o fortão em silêncio, me exibia. Elas não me deixaram em paz. Encarnaram.

Fui obrigado a bancar o poderoso. Se tivesse seguido os conselhos da minha vó, teria sido massacrado a cada recreio. Vóvó querida, meiga, deslocada. Distante da virilidade. Com gentilezas do século dezenove! Suas geleias, cubos de doce de pêssego, chapéus tricotados e o *videogame* de presente... Está bem, mas sem jogos de combate! O Vad tinha tudo para dois: controles e jogos de luta. Ela deixava. Eu não guardei nenhuma das lições que devia saber de cor para a escola, mas decorei os versos que minha vó dizia:

Quando arregalas os olhos, não sei se mentes

Diz-se que a chuva abre as flores silvestres

Escondem-se os relâmpagos nas flores de lavanda onde os insetos desfazem-se em amores violentos

Estou preso à teia de estrelas cadentes

Como um marinheiro que morre no mar em pleno mês de agosto" [1]

Eu já conhecia essas palavras, bem antes que um professor de francês falasse de Aragon pra gente.

Minha vó se foi para encontrar com seus mortos queridos. No céu, como prometia para eles no dia dos mortos, quando eu carregava o vaso de crisântemos. Pesado demais para ela. Nos últimos anos, eu esperava afastado. Sentado na grama do jardim da memória. Onde as pessoas jogam as cinzas daqueles que amaram. Quando não têm nem carro para dispersá-las nem forças para pegar um trem e oferecer a eles um último banho.

Na oficina, os caras com quem trabalho tiveram avós, uma mãe, e agora têm mulheres e filhos. Não posso me tornar um deles. Nem contar o que me atormenta.

Compartilhar o café, os tapas viris, as piadas sobre as garotas, com os colegas velhos demais para dizer as minas. Eu me divirto com eles. Somos um time, estamos entre pares, entre machos. Tenho músculos e culhões, e uma profissão que me dá independência. Em cima das estruturas metálicas, estou sozinho. Esqueço os outros. Me sinto vivo quando estou cara a cara com o céu. Meu céu, cinza ou azul, é aberto como o alto-mar no fim da praia. Um horizonte absoluto: muro para os pensamentos colidirem. Até mesmo os anjos estão ausentes. Na atmosfera circulam as nuvens empurradas pelo vento, correntes que levam consigo as aves migratórias. Para além, são os detritos de nossos satélites que erram, os asteroides que surgem do nada e, ainda mais longe da Terra, a liberdade do espaço virgem com planetas desconhecidos. Não acho que minha vó esteja me esperando no céu, mas, neste verão, montado sobre uma

viga mestra, na maior felicidade, acenei para ela. Cumprimentei. É uma coisa, esse êxtase da imensidão, a proximidade do vento, do sol. Como diz o Max: “Você devia ter continuado seus estudos e aprendido a pilotar”. O Max está delirando, com meu nível, eu acabaria em uma fábrica, parafusando peças de um Airbus em uma linha de montagem.

Hoje de manhã, se eu deixar, acabo suspeitando de todos os meus colegas, menos do Max, se bem que... Um monstro com um rosto humano anda pelas ruas, maltrata as meninas do meu bairro. Por que eles seriam melhores do que os outros caras? Nesta pequena empresa, eles trampam muito por pouco, não têm nem mesmo uma gorjeta de Natal. Apenas o direito de fazer horas extras e permanecer estagnados, com baixos salários. As costas destruídas antes da aposentadoria, acabados. Quando somos explorados, podemos querer nos vingar nos mais miseráveis? Fazer ralar ainda mais os nossos subordinados? Bater neles e explorá-los? Olho para suas mãos calejadas, fissuradas, de trabalhadores manuais, rudes. Não posso acreditar.

Termino o copo de Nescafé, morro de rir com eles. Perdi o final da história, mas, pelas risadas, o brilho nos olhos, posso adivinhar. Mas, são os outros, os podres de rico, os peixes graúdos e cotados na Bolsa que são capazes de explorar as meninas, não meus companheiros de oficina.

Com meus *brothers* é a mesma coisa. Histórias de sexo, isso une os homens. Ontem à noite os quatro não me deixavam em paz. Me chamavam, queriam que eu fosse para a balada lá no “La Bargeazique”. Quando dei a entender que estava com uma menina, eles me deixaram para lá. Respeito.

Ao voltar para as máquinas, o Max me diz:

— Não ligue para o que eles estão dizendo. À noite, eles vão estar cheios de cuidados com as esposas e, no fim de semana, montando os brinquedos dos filhos.

— Talvez sim, talvez não, vai saber o que se passa dentro de cada família!

Trocamos uma piscadela e retomamos nossas funções.

Na semana que vem volto para a escola profissional. Que coisa chata. Em compensação, vou ter oportunidade de ver a magrela, a pesquisadora. Ela passou a gostar de mim desde que comecei a escrever, antes eu só colocava os pés no centro de documentação informatizado para olhar as minas. Ela milita em defesa dos direitos humanos, anda sempre pregando uns cartazes sobre trabalho infantil, racismo, um monte de coisas do tipo. Além disso, vai poder me indicar uns *sites* e umas associações, isso faz parte do seu trabalho de pesquisadora. Vou esconder dela que existe uma garota. Mas sei que posso confiar nela.

Segunda-feira está longe. Vai ser tarde demais para conseguir as informações. A menina está com medo de ficar no bairro. Quer ir embora sem esperar. Não sei como segurar. Não posso pegar ela nos meus braços, consolar, acalmar. Seus olhos me impedem. Negros, inflamados, acabados. Há muita doçura nela. E ela está sofrendo demais. Está se corroendo por dentro. Por fora seu corpo está duro como um bloco de granito. Os músculos contraídos, ela se desespera com o menor ruído. Não faz esforço para ser compreendida. E entra em pânico diante da ideia de confiar em alguém.

Talvez esta noite ela já tenha ido embora. Eu vou ficar aliviado.

E triste pra burro.

A silhueta dele se destaca em meio aos degraus. Uma multidão sai do metrô. Ele está me esperando, meu coração salta, bate, febril. Lá está ele! Como combinado pela mensagem. Às vinte e uma horas no alto da escadaria. Ele não me vê. O olhar fixo, o rosto imóvel tornam seu perfil ameaçador. Mas quando me aproximo seu sorriso se abre e ele se transforma. Num rodopio, ele me puxa para si. Beijo, e na ponta dos pés. Ele bagunça minhas mechas negras sobre o seu casaco branco. Suas mãos agarram minha cintura. Passam seus enormes fones de alta fidelidade dos seus ouvidos para os meus.

Bela...

— Por que você colocou essa música na sua...

Dedos sobre os meus lábios, me obriga a escutar. A boca furtiva na minha nuca.

*Bela como uma divisão de Panzers
Que se abate sobre a Polônia
Em um dilúvio de metal
Para trazer você pra mim*

Ele me leva até a saída. Eu o seguro. No corredor de azulejos, minha voz ressoa forte demais:

— Quero te falar sobre uma coisa que aconteceu comigo.

— Psiu! Se é sobre o cara que você encontrou, não se preocupe...

— Mas...

— Não vou mais te deixar sair sozinha à noite. Vou te acompanhar. Prometo!

O Gilan me aperta contra ele. Com o nariz amassado no zíper do seu casaco, tento erguer a cabeça.

Com a palma das mãos aperta meus ombros, ele não está me ouvindo. Devolvo o fone e grito mais alto do que o som súbito e infernal da festa no parque à nossa volta.

— É grave! Você tem que me escutar!

Mas ele olha por cima do meu rosto. Minhas palavras se perdem na barulheira da praça, onde as barracas tocam um milhão de músicas. Eu me viro e vejo os seus amigos. Ao lado do primeiro carrossel, a dois metros de nós. Quatro amigos que não tenho a menor vontade de ver. Puxo-o para trás, para voltarmos para a estação subterrânea e conversarmos com calma. Ele sabe que eu não os suporto. Por que me impõe a presença deles? Seu sorriso se abre, ele não se mexe e, com as mãos por baixo dos meus braços, me levanta do chão.

— Meu Grão de arroz. Uma volta, eu te convido. Depois você me fala. Aqui a gente não se ouve.

Eu cedo. E sigo. Ele tira uma ficha de plástico do bolso, introduz no capô de um carrinho amarelo. Me pega pela mão, me atira na poltrona estreita. Fico esmagada por suas pernas e apertada contra os ombros dele. O carrinho dá uma sacudida e ele grita:

— Partiu!

Nosso carrinho no meio dos outros, varridos pelos *flashes* cor-de-rosa, o violeta dos néons e o alto-falante que lança *Que je t'aime, que je t'aime* [2]. Cerro os dentes. Os amigos dele percorrem a pista berrando, dois em cada carro. Sempre tão discretos. De um lado eu grudo no Gilan, do outro, na carroceria. Eles estão vindo. Nos deixam dar uma volta tranquila, antes do ataque. Nunca deveria ter aceitado. Este carrinho bate-bate funciona como uma válvula. Detesto as risadas à minha volta. O Gilan adora, seus olhos brilham, com o volante na mão esquerda, ele aperta minha cintura com a direita. Num instante, os dois carros nos esmagam com violência. Eu decolo com o choque. Minha cabeça bate na

barra vertical atrás de mim. A mão do Gilan me traz de volta para a poltrona. Ele grita, rindo:

— Você é leve demais! Grão de arroz!

Na pista, as batidas são cada vez mais violentas. Prazer e objetivo: bater nos outros de frente ou de lado, visando de preferência os carros que as meninas dirigem. Vou sair daqui completamente quebrada. Estou exausta, desde o *baby-sitting*, a delegacia, a faculdade, o caratê. Que droga de dia. Isolada, fora do seu mundo, olho para o Gilan se divertindo como um pirralho. Do outro carro, o Vad me desafia com um olhar ameaçador, e a brincadeira toma ares de armadilha. O que ele quer de mim? Tenho a má sensação de estar passando por um teste. O primeiro, mas com certeza não o último, pelo olhar de conivência dos quatro amigos chapados. Eles são perigosos. Seus olhares febris me dão náusea, só o Roux parece estar sóbrio. O que eles tomaram antes de sair? O Gilan devia largar deles, e logo. Ele faz um sinal para os amigos por cima da minha cabeça. Os carros se afastam. Terminamos a volta enlaçados, no centro da pista vazia. Ele dirige com preguiça, com os olhos voltados para mim. Uma onda de ternura. No carro amarelo-canário repentinamente imobilizado, ele me abraça forte. Esqueço tudo, me derreto contra ele.

De mãos dadas, corremos para nos refugiar no estrado em volta do carrossel. Quase lamento que o passeio de carrinho tenha terminado, mas não a ponto de aceitar outro. Tenho de contar para ele o que está acontecendo. Quero tirá-lo daqui, falar com ele, mas percebo que é tarde demais. O Gilan veio fazer uma festa com os amigos. Deu uma volta comigo, mas se a estação de metrô não fosse no meio da festa eu não teria me encontrado com ele. Seu olhar é eloquente. Não vou conseguir mais do que isso. Ele não vai vir atrás de mim. Não tem tempo para mim. Não agora. Meninas e meninos se interpelam e se empurram para conseguir um carrinho vazio. A atmosfera é infernal. Me enraiveço. Meus olhos o fuzilam, o perfuram. Os dele tentam me capturar, mas me abandonam. Os meus franzem perigosamente. Ele diz:

— Pode guardar esse olhar de tigresa. Meu rolê com os *brothers* já estava marcado. Te vejo amanhã à noite.

Um beijo no pescoço, um murmúrio:

— Meu Grãozinho de arroz.

Com uma expressão de lamento, ele tira outra ficha do bolso. Grudo em seus ombros, vocifero:

— Ontem à noite, você foi lá no endereço?

— Que endereço...?

— Ao lado da sua casa, deixei os códigos de entrada na sua caixa postal.

Ele se faz de surpreso. Me afasta, com um sorriso enigmático. Eu grito:

— Deixei duas mensagens...

— Não ouvi.

— Como assim? Preciso falar com...

— Liga pra mim amanhã, no intervalo, ao meio-dia e meia, Grão de arroz. Eu vou atender.

Com um carinho em meus cabelos, ele vai se juntar com aqueles quatro tipos medonhos. Coloca o fone, pula no carrinho onde seu grande amigo Vad ajeita o seu boné. Ele estava impaciente! Quem eu menos suporto é o Vad, há uma espécie de mimetismo entre os dois que me incomoda. Estou congelando. Furiosa, saio dali às cotoveladas. Só tenho que cair fora, fugir da praça saturada de brinquedos idiotas. Não é a primeira vez que o Gilan me trata assim. Na presença dos quatro imbecis ele muda, fica se achando. Mas fico decepcionada que esta noite ele não tenha percebido a urgência do negócio. Foi uma verdadeira facada. Não ligo se a polícia se interessar por ele e melhor ainda se for convocado. Ele vai ter o que merece. Não adianta nem me sussurrar palavras meigas. Com a raiva nas entranhas, corro a largos passos. Os pedestres se afastam, se tornam raros. Detesto que tirem sarro de mim. De repente sinto a noite fria nas minhas costas. O barulho da festa não é mais do que um murmúrio esquecido. A angústia de uma possível agressão ressurgiu. Me esforço para respirar calmamente, desacelero, tentando me localizar. O lugar está deserto, só vejo casas e carros estacionados. Só muitos minutos depois, percebo que fui para o lado errado, deixando as estações de ônibus e de metrô para trás. Querendo encontrar o

mais rápido possível um lugar movimentado, me perco em ruas de uma calma hostil. Ao subir os degraus de uma escola, reconheço no horizonte uma clareira e as árvores da alameda. Corro nessa direção. Ponho os pés na calçada larga onde uns sujeitos solitários se agarram às máquinas de caça-níqueis. Latinhas e papéis ao lado dos tênis. Fim de festa. Mão ruim. Afundo a cabeça, me escondo no moletom masculino. Tendo que prosseguir a pé, atravesso e pego a primeira rua que desce. Ninguém está me seguindo. Super íngreme, a rua desconhecida se alarga de repente em um jardim público. Aglutinados nos bancos, traficantes e companhia se agitam à sombra de ruínas romanas. Fugindo ao assédio, aperto o passo, corro para uma larga escadaria, reconheço subitamente os leões de pedra preta em suas bases, as castanheiras nuas da praça e as dezenas de bicicletas acorrentadas nas grades. O donos se aproveitam da proximidade da delegacia. A única da cidade que eu sabia onde ficava antes da porcaria dessa história.

Cinco minutos depois, atravesso a praça dos Terreaux, molhada por seus chafarizes. Os pedestres formigam no bairro dos notívagos. Nem vale a pena voltar para casa, serei incapaz de abrir meus livros. A Revolução Russa vai ter que esperar, de qualquer modo ela já aconteceu. Atraída pelas luzes do outro lado, atravesso o Rhône, desço até suas margens. Um casal se beija em uma espreguiçadeira da mobília urbana, os sem-teto ocupam as outras, com seus cachorros e cervejas. Eu devia riscar o Gilan da minha vida. Ando o mais perto possível do rio, passo embaixo das pontes pontuadas de lâmpadas azuis. Ando, corro, no ritmo das minhas emoções. Como largar um amor? Retomo o fôlego debaixo dos cogumelos de alvenaria da piscina do Rhône. Postes gigantes com lâmpadas azuis vigiam, mergulhados na água. Ligo para Lucia-Paz. Ela atende no primeiro toque:

— Você vem me encontrar para a gente tomar uma cerveja no barco? Estou na ponte da Universidade.

— Tarde demais. Estou na cama, tomando litros de verbena com hortelã. Peguei um baita resfriado.

O nariz entupido, combinado com o sotaque dela dá um resultado surpreendente.

— Vem dormir comigo, amanhã você vai ter um álibi para o policial.

— Você está brincando? Não tenho a menor intenção de vê-lo todas as manhãs! Fica aí no quentinho e se cuida. Tchau.

Não tem graça compartilhar chazinho. Cansei do rio, estou com fome. Próxima da margem, essa faculdade jorra luz em comparação com a minha. Pego a alameda Gambetta, longe da rua onde as lojas *made in Bombaim* dividem o espaço com as vitrines africanas. Alguns degraus sob uma grande árvore e, abaixo, o pequeno bairro chinês me acolhe. Sem arco nem dragão. Entro no primeiro restaurante aberto, “Au canard laqué”. A vitrine está praticamente vazia, é tarde. Peço uma sopa para o jovem garçom e me sento na mesa comprida. Ele me traz uma tigela de sopa fervente. Com a delicada porcelana azul entre as luvas, inalo o vapor, me aqueço. Aspiro o macarrão com leite, ele tem a quantidade exata de cogumelos para que a sopa fique deliciosa. Quando minha vida voltar ao normal, vou preparar uma sopa *won ton* para Lucia-Paz. Ela vai gostar do belo nome dos raviólis usados na receita: “engolir uma nuvem”... O líquido quente desce da garganta até o estômago, gostoso.

O moço imóvel tem o olhar distante e uma expressão tão suave quanto a de Huan, funcionário dos meus pais. Eu gostava muito de servir no salão do “Shangai 30” com ele. Ele espera que eu vá embora para fechar. Tomo o último gole da sopa, ele sorri quando digo tchau. Assim que me vejo fora, fico com ódio do frio, da ponte que tenho que atravessar, da cidade, da solidão. Tremo debaixo do abrigo de ônibus, o último ônibus que passa perto da minha casa ainda não apareceu.

Quinze minutos depois, luto contra o vento glacial da alameda de Herbouville. Eixo de circulação durante o dia e estacionamento durante a noite. O lugar é sinistro, tenho pressa de chegar ao meu prédio. Não teria forças para mais problemas. Entre as falanges de lã, despontam minhas três chaves. Na vertical. As juntas dos meus dedos contraídos doem. Ah, um Scénic estacionado. Bum! O retrovisor lateral voa em pedaços. Dou risada, olha como vou me esquentar. Dou a volta no carro, subo na calçada, pego um impulso e quebro o esquerdo. De botas, nenhum deles resiste. Com um último chute, acabo com ele. O negro alto que se aproxima olha para mim atônito. Sacode o enorme chapéu rastafári, com ar

incrédulo. Falo entre os dentes:

— Cai fora.

A raiva exagerada das minhas palavras o faz ir embora rapidinho. Não acredito! Uma amarelinha botando medo em um negro enorme! Abraçada ao poste, dou três voltas vitoriosas. O medo que o tarado provocou em mim está acabando. Consegui domá-lo.

O que me deixa completamente segura, mais do que a porta trancada do prédio, é subir em direção à lua. Esta noite, uma delicada lua crescente brilha no céu do meu apartamento. Ao virar a chave, embaixo da claraboia de vidro, conto as semanas que precisei para voltar a caminhar feliz à noite. Uma felicidade fingida. Foram semanas massacrando todos os Scénic que encontrava pela frente. Acabou. Risco um fósforo, acendo a vela perfumada. É meia-noite e trinta e cinco no despertador. Estou em minha minúscula casa. Meu namorado nunca veio aqui, nunca viu minhas almofadas de seda vermelha, minhas bandeiras bordadas com ideogramas, nem a foto do “Shangai 30”. E pensar que eu não consegui falar com ele sobre o assassinato. O Gilan é bom para evitar conversa. O rei da esquiva. Mordo meu torrão com gergelim e, pela primeira vez, me pergunto por que ele parou no dia da mudança... Por que ele me escolheu?

Mais uma pergunta para adiar meu sono.

Abro o envelope marrom que chegou pelos correios. Um bilhete escrito pela minha mãe acompanha um CD gravado pelo meu pai. O tipo de cuidado de que preciso desde que a lembrança do tarado massacra as minhas noites.

Ligo o computador, visto rapidamente um casaco de poliéster por cima do quimono, que também é vermelho. Escuto. São remakes de músicas de filmes chineses da década de 1950. Assinado: mamãe. Penso, com carinho, nos meus pais, imagino os dois dormindo profundamente. Após os agudos afetados e deliciosos das melodias chinesas, uma voz dolorosa inicia um *blues* assombroso... com uma sonoridade de arrancar o asfalto! Como meu pai ama essa música. As canções se seguem, entre a infelicidade e o sonho... um belo presente dos dois... Cheio de afeto. Para eles, que não tentaram me segurar em casa, que não compreenderiam que sua filha séria sentisse prazer em quebrar carros. Eles, com quem não falei sobre a agressão para não deixá-los preocupados. E agora esse homicídio. Três meses em Lyon e, bum, cruzo com um cadáver. O azar continua.

Sob o edredom, me estico com cuidado, o lençol de baixo está frio como uma mortalha. Se esse clima siberiano continuar, vou pedir um aquecedor emprestado para o policial... Sou uma besta... Soltar aquela frase idiota no fim do que parecia muito ser um interrogatório... “O pai deve ter tido uma depressão pós-parto, deprimido com tanta riqueza, ele se suicidou!”

Um pouco mais e eu teria dito: “E nos livrou de um tarado!” Eu me contive *in extremis*.

Esta sou eu: consigo me controlar um tempo, mas as palavras presas na garganta saem de maneira descontrolada.

Deitada de costas, presto atenção na minha respiração. Deixo o ar descer até o baixo ventre... Eu podia ter ido dormir na casa do Gilan. Meu namorado cujas carícias me levam até o fim da noite. Por que ele não me propôs um encontro depois que seus amigos fossem embora?

Acordo com o celular. Atendo sem hesitar, só pode ser minha mãe para ligar tão cedo, ou a Lucia-Paz. Que azar, é o Jabuti em pessoa! Sem passar pela telefonista. É razão para eu me preocupar.

Visto a roupa resmungando. Malditos celulares que nos deixam sempre acessíveis, pior, localizáveis!

O policial quer me ver com urgência. Parece que precisa absolutamente do meu testemunho. Para isso eu tenho que ir para outra delegacia! Em um bairro onde nunca me aventurei. Longe demais, frio demais, e dormi pouco... Dei mil desculpas para ele, desenhando no vidro embaçado. Até que ele usou o termo convocação. O Jabuti me deu o número do ônibus e o nome do ponto. Ele devia ter um GPS na frente dele.

Outra ligação. Fico em dúvida. Não atendo. A pessoa insiste. É ele, óbvio!

Para ganhar tempo, ele propõe vir me pegar em casa. Na verdade já está a caminho e vai chegar na minha casa daqui a alguns minutos. Gravo imediatamente o número dele na lista de contatos com o nome “Jabuti” para evitar más surpresas. Enxáguo a tigela na pia.

Ouçõ uma buzina. Olho o despertador incrédula, abro a janela. O Jabuti está andando na calçada. Estou atônita: seis minutos, ele levou exatamente seis minutos para chegar lá embaixo. Crise de paranoia. Não é possível: ele estava escondido na frente do meu prédio. Encontrou o culpado, vai me acusar do assassinato!

Completamente transtornada, ligo para pedir socorro para a minha mãe, que não atende. A essa hora ela está fazendo compras para o restaurante. Imagino-a na feira, com os braços carregados de legumes frescos e o celular inacessível.

Junto meus livros, tenho aula às duas da tarde. Engulo um tubo de glóbulos de arnica, enfio meu tênis. Ontem, me acabei, correndo de botas. Estou com o corpo todo doído. Antes de abrir a porta, dou uma olhada nostálgica no meu quarto e sala. Não sei o que me espera.

Descer os quatro andares me dá tempo para me recompor. Não é porque o Jabuti está me convocando de novo que ele suspeita de mim. Respiro fundo, ergo a cabeça, mas sem resultado. Abro a pesada porta da rua, abatida. A vista de fora não melhora meu ânimo. A ponte está cortada ao meio por uma bruma espessa que cobre a vegetação do parque, exceto o cimo dos cedros, irreduzíveis. Não vou correr esta manhã, mas também não vou deixar que ele me acuse. Não gosto disso, não mesmo, que ele fique me esperando na frente da minha casa, tento alimentar a faísca de raiva que está se acendendo em mim. Sentado ao volante de um carro qualquer, ele fuma com a janela aberta. Vou até a porta, ponho a mão na maçaneta, pelo retrovisor creio ver uma silhueta que me deixa perturbada. Um cara de costas, de boné. Espero dois segundos, abro a porta e me sento. O carro dá partida imediatamente, se enfia no trânsito, e o Jabuti afirma, perspicaz:

— Não é da polícia que você deve desconfiar.

Nossos olhares se cruzam brevemente pelo retrovisor. Atrás, a margem do rio está deserta. Nenhum pedestre. Nenhum carro estacionado dá a partida atrás da gente. O Vad não tem nenhuma razão para passar na frente do meu prédio. Estou ficando paranoica de verdade. Me enganei. Por que pensei nele?

— Estou vindo da delegacia do 4^o *arrondissement*. Acontece que você mora no caminho entre essa delegacia e a outra para onde eu a convoquei hoje de manhã.

Bom, acredito! Mas guardo meu pensamento para mim.

— Cinto de segurança.

Não precisa ficar bravo, já estava colocando. Esta manhã ele não vai saber de mim, vou ficar calada até que ele me mande embora. A essa hora os engarrafamentos bloqueiam o acesso ao centro da cidade, encoberto por uma suja nuvem de umidade. Os eixos viários das duas margens estão saturados, vamos demorar. Abaixo o para-sol com a ponta dos dedos. No lugar do espelho só sobrou a cola amarelada. O Jabuti não deve estar acostumado a levar mulheres em seu carro. O cinzeiro transborda. O som do rádio geme, horrível, sintonizado na France Inter. A careta que faço ao fim dessa inspeção não provoca nenhuma reação no motorista. Ele dirige imperturbável de faixa em faixa, até ficar preso em um engarrafamento na faixa da direita de uma ponte. As enormes colunas de cimento provocam correntezas impressionantes. Mordo os lábios, retendo uma exclamação. Acabo de ver passar uma ovelha morta nas águas do rio. Estou tendo alucinações, não é possível, mas o Jabuti também faz uma careta. Foi o vento gelado que o incomodou ou o cadáver que ele entreviu? Ele fecha a janela sem dizer uma palavra. Seu pescoço fino boia na gola de um grosso sobretudo preto jogado por cima do casaco de couro. Direciono as aletas da saída de ar, esmago os botões, nenhum sopro de ar quente. Estou com frio, ele parece não notar. Puxo as luvas, enrolo as mãos no meu cachecol. Ele esterça secamente, entra na via de ônibus, passa no amarelo, vira à esquerda, corta avenidas, linhas de tram. Perco o fio da meada do percurso.

Deste lado do rio, a cidade se estende sem limites. Atravessamos bairros desconhecidos. Ele freia,

estaciona atravessado nos lugares reservados. A triste avenida coberta de árvores nuas termina em um enorme prédio de linhas verticais que me dão vertigem. Delegacia de polícia. Ele sobe os degraus e entra sem olhar para mim. Devo seguir, isso é evidente. Que sua atitude me enerve, ele não está nem aí. Preciso falar com meus pais, não sei nada dos meus direitos. Sou obrigada a vir quando ele pede, me deslocar, responder, assinar ou não seus formulários? Não é a Lucia-Paz, na França desde o começo do ano, que vai poder me dizer. Eu devia ter cursado direito, é mais útil do que história e eu aprenderia pelo menos a me defender. O local é novo. O Jabuti estica a cabeça na direção de uma máquina instalada em um canto envidraçado, dá uma ordem ao policial da recepção, que me oferece umas fichas. Depois desaparece no elevador com outro policial uniformizado, que sem dúvida esperava por ele.

Se é a polícia que paga, não vou me incomodar. Estou mesmo precisando de uma bebida quente. O trajeto naquela porcaria de carro me congelou. Da próxima vez, vou pedir que me mandem um táxi. Faço pose para me sentir menos perdida.

Um cartaz diz que a polícia científica está recrutando técnicos. Técnicos, que espécie de tarefas essa denominação esconde? Passar o dia em um laboratório decifrando DNAs ou passar o pano de chão no local do crime? Por trás das portas, um burburinho de vozes, telefones tocando, os funcionários em ação, matinais. O tempo passa, ele me esqueceu no meio do vai e vem e dos corredores. A chegada de um cara jovem, algemado, reacende minhas piores inquietações. Ele tem nossa idade, minha e do Gilan. Deve ser um daqueles que, dia e noite, ficam traficando nas vielas atrás da praça do Terreaux... Aquele jeito de impressionar dos traficantes, fone ligado no celular... Os carros potentes que freiam para breves conversas, a ocupação das vielas, de trechos de calçadas, os conflitos de territórios. Quando subo a pé pelas ladeiras da Croix-Rousse, evito passar no meio deles, eles pegam pesado com as meninas. Mas foi o Gilan quem me contou como eles agem. Segundo ele, eu não corro grandes riscos nesse bairro, os policiais à paisana são tão numerosos quanto os traficantes. Drogas não me interessam, nunca comprei e evito os ambientes dos traficantes. É nojenta demais a maneira como eles ganham dinheiro, à custa dos outros.

O jovem não se exhibe mais, enquadrado por dois homens e uma loira com uniforme colado ao corpo... Que roupa esquisita. Ninguém liga para mim, eu poderia ir embora. Mas a entrada nunca está deserta, tem um policial plantado nela e há câmeras por todos os lados. Fico esperando. A loira passa de novo, uma bonitona de seios grandes. Os caras que fantasiam com uniformes devem ficar sempre na mão.

Quando o Jabuti vem me buscar, estou com os lábios na espuma do meu terceiro cappuccino. Provando o sabor avelã. O brilho de complacência no azul dos olhos dele não me diz nada de bom. Se pensa que vai me comprar com três copos de bebida liofilizada...

— Então, a senhorita fica entediada, precisa de companhia nas noites de *baby-sitter*?

O Jabuti ataca imediatamente ao abrir a porta.

— Não tenho muito tempo para você. Você vai me escutar com atenção, desde o início. Descobrimos que dois telefonemas foram feitos do telefone da casa, no momento em que você estava lá para cuidar da criança. Assim que chegou em casa, a senhora Levallois nos alertou para o fato de que o apartamento fora vasculhado. Ausente há quarenta e oito horas, ela não pode afirmar com certeza. Contudo, como seu marido tem hábitos rígidos de organização, vários detalhes a deixaram muito intrigada. O número para o qual você ligou pertence ao senhor Gilan Ferri, ora, o domicílio desse jovem fica próximo ao da vítima. Você abriu as portas do prédio para ele?

— Eu gostaria de ligar para m...

— Advogado? A senhorita vê televisão demais. Os roteiros das séries americanas são baseados no direito americano. Aqui, aplicamos o direito francês. A presunção de inocência ainda vale, senhorita Gentil.

Felizmente, seguro de si, ele me interrompeu. Meus pais, eu queria ligar para os meus pais! O que não ia adiantar nada agora, fora dar para o policial a ideia de entrar em contato com eles. Sem falar da

imagem de menininha ou filhinha de papai que eu ia enfiar na cabeça dele.

— Vamos retomar, você telefonou para o seu cúmplice: o senhor Gilan Ferri.

— Meu namorado.

— Namorado, cúmplice... Você pediu para ele se encontrar com você no luxuoso apartamento da família do bebê. Na tentativa de acrescentar à remuneração da noite, paga pelo piso, alguns objetos de valor, facilmente transportáveis. Ainda mais quando se pode levá-los a pé até a casa do jovem a qual você frequenta, ou então encarregá-lo do transporte. Ele é aprendiz de carpinteiro e você, bolsista... A senhora Levallois está acusando a senhorita de ter roubado as joias que ela guarda no apartamento. A senhorita recebeu uma boa educação, não é mesmo? Uma mãe de cultura chinesa sabe transmitir respeito e moralidade... Esse jovem, você o conhece no máximo desde que chegou à cidade, o que não faz tempo, convenhamos. Talvez tenha se deixado levar. Ao chegar do interior, encontra um bonitão como ele no primeiro dia... A análise das impressões digitais recolhidas no apartamento, assim como sobre o objeto utilizado para bater na vítima, está sendo feita. A senhora Levallois nos deu uma lista das joias roubadas.

Com os punhos fechados no fundo do bolso, não reajo. Não consigo saber se ele acha aquilo que diz ou se está me pressionando.

— Um colar de três voltas de pérolas, um conjunto em ouro branco, ornado de diamantes, formado por um par de brincos e um anel.

Então ele se cala, enquanto clica no *mouse* do computador. Hoje, com a mão direita. Ele é ambidestro ou um canhoto contrariado? Sucessivas janelas se abrem na tela, fotos aparecem. Quando ele se dá conta de que estou olhando, vira a tela para o outro lado. Não devo entrar em pânico. Se ele soubesse do conteúdo das minhas ligações, teria mencionado os códigos de acesso, então ele está blefando. Não vi joias no apartamento. Nem pérolas nem diamantes, ela está delirando, a senhora Levallois, ou quer pôr as mãos no prêmio do seguro. Observo-o de perfil, tentando me preparar mentalmente para as perguntas que virão.

Com os olhos fixos na tela plana empurrada para o canto da mesa, a boca dele mastiga informações que ele parece não digerir. Está com a barba malfeita, de pelos claros, assim como seus cabelos, castanhos, quase loiros. Ou se esqueceu de mim, ou está fazendo de conta. Eu tusso. O Jabuti não olha para mim.

— Você o conhece desde quando?

— Quem?

— De quem você quer que eu fale? Onde conheceu o Gilan Ferri?

— Na calçada.

— Ele estava passando por lá?

— Estava voltando de uma corrida e perguntou se queríamos ajuda para subir as caixas. Foi no dia em que cheguei em Lyon. Com meus pais, estávamos terminando a mudança. O Gilan estava voltando de uma corrida no parque.

— Qual parque?

— O Tête-d'Or. Ele treina regularmente.

— Ah...

Um ponto positivo para o Gilan, esporte é saudável...

— Vamos retomar, esse rapaz então apresenta uma excelente condição física.

Ao ouvir sua voz, adivinho meu dom para dizer o que não se deve.

— Você conhece os pais dele, a família?

— Não.

— Os amigos?

— Ainda não.

— O Roux, isso lhe diz alguma coisa?

Faço sinal de não ter certeza.

— O Vad?

Fico na dúvida, indecisa. Ele emenda.

— Admita. Você propôs a esse moço um encontro na casa dos Levallois para alegrar seu trabalho de *baby-sitter*.

— Eu estava sozinha para cuidar do bebê.

— Mas ele estava te esperando na saída do prédio e você entregou a ele as joias.

— Não.

— Para ele ou para um dos amigos.

— Não!

Ele me olha, com ar de quem duvida da minha resposta, não insiste.

O *mouse* minúsculo se agita entre seus dedos finos, frenéticos:

— Segunda-feira à noite o Gilan Ferri tinha um encontro marcado em um barco que funciona como um bar de música, ancorado em Saint-Georges, no rio Saône. Você não sabia? Segundo o *barman*, os outros quatro, entre eles o Vad e o Roux em questão, estavam impacientes pois ele não veio encontrá-los.

Estranho da parte do senhor Ferri, não?

— Não sei.

— Você não sabe de muita coisa. Ele não diz nada ou você não é curiosa? O que pode ter segurado ele em casa segunda-feira à noite, você tem ideia?

— A vontade de ficar sozinho.

— Bela hipótese.

O azul cínico dos seus olhos fica cinza-claro. Dou de ombros.

— Por que você o protege?

Ele abre uma gaveta e puxa uma foto. O Roux, com a cabeça completamente raspada, sentado à mesa com dois caras bem morenos, uns trinta anos, dois irmãos.

— Você os conhece?

— Não.

— O mais jovem, ele põe o dedo sobre o Roux, tem várias condenações na ficha, inclusive nove meses de prisão. Durante sua permanência na prisão de Saint-Paul, ele esteve em contato com traficantes de drogas de Lyon, com quem logo entrou em contato ao sair de lá. O GIR, Grupo de Intervenção Regional, interrogou os dois irmãos há algumas semanas. Maconha, cocaína, em Lyon, Lille, na Inglaterra. Aparentemente o Roux convive com os amigos do seu namorado.

Tenho que rever os meus conceitos, eu que pensava que ele era o mais tranquilo dos quatro. Me dá raiva ter que dar razão ao Jabuti: não sei onde pus os pés quando me apaixonei pelo Gilan. E o que ele está me dizendo confirma minhas inquietações com relação aos amigos dele. Mas os amigos não são ele. Deixo escapar um suspiro ao me recostar na cadeira.

— Segunda à noite seu namorado ficou mesmo em casa.

Ele está com dó de mim ou o quê?

— Ele tinha visita.

Sinto que estou ficando pálida. Um aperto terrível no coração. Concentrado na tela à sua frente, ele não nota minha reação. Gostaria de ter acesso ao que está consultando e que o está deixando tão interessado. Quem é o informante dele sobre o Gilan? Não posso de jeito nenhum perder a pausa do meio-dia, tenho cada vez mais coisas para esclarecer com meu homem, não é hora de ficar mofando nesta sala. Descruzo as pernas, me debruço na cadeira e me torno de novo o alvo dele:

— Aparentemente você tem uma estrutura física insuficiente para dar um golpe com a força com a qual o senhor Levallois foi atingido na têmpera. Mas já vimos gente minúscula agir com força multiplicada em situações de raiva ou cólera e o taco de golfe é uma arma terrível. Bruce Lee também era

pequeno e magro. É admirável da sua parte, mas você não gosta de filmes de artes marciais, senhorita Gentil, pois segunda à noite, tendo à disposição a coleção completa de filmes desse ator, você preferiu assistir ao admirável inspetor Harry. Esse herói solitário que navega em águas turvas. Uma escolha peculiar, criteriosa, a menos que você seja insensível ao charme irresistível de Clint Eastwood. Que, de ótimo ator, se tornou um excelente diretor ao envelhecer, não é mesmo?

Além do mais, cinéfilo. Isso vai me ensinar a guardar de volta no lugar as coisas que uso na casa dos outros.

Seus olhos claros me atravessam. Azul-claros. Eu me abaixo para pegar minha bolsa. Talvez seja o momento de abrir a boca. Com respostas, ele vai me deixar ir embora.

— Que esporte a senhorita pratica?

— Corrida.

— Você também, que interessante. Você corre em academia?

— Na rua.

— E os treinos no ginásio, várias noites por semana, do que se trata?

Aperto os olhos para parecer ainda mais chinesa do que sou e, dessa vez, respondo bem na cara:

— Caratê.

O Jabuti não pode conter um olhar sarcástico, como fazem todos a quem revelo que pratico essa modalidade. Sim, a pequena chinesa luta caratê! Um clichê total para um europeu. Se bem que, na China, o esporte nacional seja o kung-fu, mas são raros os franceses que se interessam pela cultura chinesa. E a invasão dos produtos chineses na Europa não vai mudar nada com relação a isso. O Jabuti fica pensativo. Acabo de agravar seriamente suas suspeitas. Sua enorme testa se franze e, franzida, volta ao tamanho normal. Ele me olha fixamente, me pesa como se eu estivesse em um prato de balança e mentalmente ele empilhase os pesos no outro prato. Tenho força o bastante para empurrar um homem por cima de uma grade, sim ou não?

Seu olhar me perturba, e muito. Pouco os detalhes: minha mãe me obrigou desde cedo a aprender uma arte marcial. No fundamental eu não parava quieta, explodia, brigava mais do que o necessário. Como não tinha mais vaga no curso de judô, só me sobrou o caratê. Eu era a única menina inscrita, o que me obrigou a me superar. Logo eu fiquei viciada. Minhas coxas e minhas costas são um pouco musculosas demais para minha estatura, mas é preciso olhar bem de perto para perceber. É justamente isso o que o Jabuti está tentando, mas minhas três camadas de blusas ou o seu pudor o impedem de cumprir seu objetivo. Fingindo se debruçar porque zombei dele, ele se levanta e me dispensa com um gesto. Obedeço imediatamente. Já estou com a bolsa no ombro quando ele acrescenta:

— Não sentiu falta de nada, segunda à noite, ao voltar para casa?

— Não.

— Tem certeza?

— Sim.

— Encontramos isso ao fazer a inspeção do pátio.

Entre seus dedos surge um papel branco, mal dobrado, mole, como se tivesse ficado muito tempo dentro de um bolso.

— Trata-se de um texto, senhorita. Uma espécie de poesia contemporânea que você certamente vai apreciar mais do que eu.

*No alvorecer de uma manhã desolada
em meio ao cheiro de pães assados
uma menina com cabelos de graúna
muito mais bela do que os passarinhos
vinda do fundo da alvorada
uma rédea de tristeza unia
as duas poças de nanquim*

— Imagino que o autor dessas palavras lhe seja totalmente desconhecido.

Incapaz de conter minha emoção, consigo apenas ficar calada. Concordar. Falar só me faria afundar ainda mais. E às minhas costas, quando atravesso a porta:

— Não saia da cidade, por favor.

Não sair da cidade! Deixo a delegacia de polícia com vontade de fugir para longe e o mais rápido possível. Subo a avenida por acaso, esperando encontrar um meio de transporte. Quero ver o Gilan. Tenho que falar com ele e já. O pedestre que me dá informações aconselha que eu pegue o ônibus nº 23 até Cordeliers. Resmungo por ter que perder meu tempo com trajetos. Nervos à flor da pele, completamente alterada, agitada por dentro, por pouco não me jogo embaixo do ônibus. Subo sob os protestos do motorista e me deixo levar. Quando enfim vejo aparecer a margem do rio Rhône, leio 12h24 em letras vermelhas na tela de informações. Eu me precipito para pedir que pare no próximo ponto. Uma louca, pareço uma louca. O rio é minha única referência, é meu porto seguro nesta cidade ameaçadora.

A dois passos, uma velha passarela. Seu piso suspenso treme, vibra. Chego até a metade, sob um pórtico de pedra, longe do barulho do trânsito e dos ouvidos indiscretos. Meio-dia e vinte e nove. Hora de ligar para o Gilan. As águas estão tumultuadas. Apreensiva, seleciono o número do meu namorado, enquanto procuro eventuais carcaças de ovelhas.

Dessa vez, não ouço a canção de amor metralhadora. Ele atende ao primeiro toque.

— Gilan, é urgente. Houve um homicídio perto da sua casa, é grave...

— Estou sabendo. A padeira só falava do assassinato, quando fui comprar meu sanduíche de manhã.

— O que você não sabe é que eu estava na casa da vítima.

— Fala sério. Quando?

— Segunda. Na noite do crime, eu estava cuidado do bebê dele.

...

— Você está me ouvindo? A polícia já me convocou duas vezes. Acabo de sair da delegacia. O policial que cuida do inquérito vai convocar vo...

— Você falou de mim?

— Não, ele conseguiu seu número de telefone por causa das minhas ligações. Aquelas em que eu te passava os códigos para entrar no prédio da vítima. Eu liguei do fixo do apartamento. A polícia suspeita que a gente tenha roubado joias, mas eu...

— Merda.

— Os policiais também encontraram um dos seus textos. Reconheci as suas palavras... E eles conhecem os seus amigos... E...

— E aí?

— A gente tem que se ver, Gilan. Já.

— ...

— É muito grave. O policial está suspeitando da gente.

— ...

— Você está aí? Gilan, responda!

A voz dele ressurgiu, carregada de rancor, dura:

— Essa não é uma boa hora pra botar a polícia atrás de mim. Você está fazendo besteira, Agathe.

— Você não foi até a casa do morto, não está correndo nenhum risco, sou eu quem...

— É fácil falar!

— Espere, ontem à noite, você não me deixou falar. A gente vai se ver agora para...

— É impossível, tenho que voltar para o trabalho em um minuto. Não me ligue mais.

— O quê? Estou com a polícia atrás de mim e você cai fora! Eu preciso da sua ajuda, o policial é muito estranho, tudo é estranho nessa história e você, você...

— Agathe, calma. A gente se encontra no final do dia, no barco-bar. Vou confirmar a hora por

mensagem.

— Mais cedo, você não pode?

— Não.

— Eu passo para te pegar na saída do trabalho e a gente...

— Não. À noite.

— Em qual barco?

— Em Saint-Georges, no “La Bargeazique”, aquele onde eu te levei, lá onde eu vou cantar em janeiro.

— Eu...

— Vou trabalhar.

— Gilan? Beijos.

— Também.

Desligou! Escolhi a hora errada para pôr a polícia atrás dele, não, eu estou sonhando... Que é que deu nesse cara? Me reprovando, a voz cheia de raiva, e o amor nisso tudo? Ele não está nem aí para o que está me acontecendo, não se preocupa nem um pouco comigo. Contrariada, em pedaços, repito a última palavra dele, “Também”, dita para cortar a conversa. Era muito dizer “Um beijo”? Já era, a ternura, a cumplicidade! Quero tirar isso a limpo.

Ligo de novo. O telefone está fora de área. Ele também está ligando e não quer pôr o interlocutor na espera, ao ver meu número na tela. Ele não quer atender.

Caminho a esmo. Atrás de mim, estudantes passam, conversando alegremente. Sinto vontade de vomitar. A testa contra a mureta, fico agachada. O rio corre lá embaixo. O coração revirado, não quero mais voltar para a cidade onde meu amor vai ao encontro de uma multidão de anônimos. E eu, com a polícia atrás de mim. A passarela vibra. Às cegas, procuro em minha agenda. A folha dobrada, prova do nosso amor, ainda está aqui. Como o outro texto foi parar no local do crime? Caiu do bolso do Gilan, perto do lixo... As alusões do Jabuti fazem sentido: o Gilan é forte o bastante para golpear um homem com violência durante uma briga e o empurrar para baixo. Mas, se ele atacou o homem para me vingar, por que está me evitando? O policial sabe de alguma coisa que eu não sei. Abri uma brecha para a dúvida, com as mãos na cabeça, coro com os pensamentos que me invadem: a menos que o Gilan tenha as suas razões para fazer as suspeitas da polícia recaírem sobre mim, apenas sobre mim...

Abatida, olho fixamente para os turbilhões do Rhône. Lentamente enumero o que sei sobre ele: uma ternura contida, nosso corpo a corpo até o amanhecer, o carinho, o amor pela avó, a paixão pelo trabalho com o ferro e a sensibilidade revelada nos textos.

É uma história de pele entre mim e ele. É impossível enganar o outro a esse ponto. Mãos como as dele não podem causar a morte. Desconfiar do meu homem! Eu não valho nada. Que vergonha.

Que policial perverso, conseguiu me fazer desconfiar do Gilan.

As águas se vão em direção ao Sul. Me deixar levar por elas, abandonar o cenário do drama, seria mais simples. Mas volto a erguer a cabeça. A bruma matinal evaporou. Vou esperar para ligar para minha mãe, para que ela não perceba logo na primeira palavra que estou correndo perigo. O telefone vibra no meu bolso. A voz de Lucia-Paz soa, cheia de vida:

— Estou melhor, você passa aqui em casa para comer antes da aula?

— Estou chegando.

— Compre pão. Uma baguete.

Por minha amiga e seu gosto pelo pão daqui, eu me levanto e sigo até o outro lado da passarela. Seu quarto e sala fica a duas estações de metrô, no bairro de Ainey, de aluguéis caros. No centro, as meninas se atropelam para entrar nas lojas H&M ou Zara e, se eu não estivesse com pressa, faria como elas: compraria uma camiseta ou uma lingerie por poucos euros. Consumir, quando estamos deprimidos, é uma bobagem, mas é reconfortante.

Minha amiga me recebe com uma malha de tricô por cima do pijama e uma concha na mão:

— Frango com banana, como em Quito!

Ela me olha com atenção, espantada com minha ausência de reação.

— Você não está bem. É a polícia, de novo?

— Acabo de sair de lá. Não aguento mais.

— Você me conta tudo no almoço, está bem?

Deixo ela liberar a mesa de centro, pousar as tigelas, que enche generosamente. O cheiro de tempero não me faz salivar. Normalmente, sou gulosa. Pior, eu devoro esses pratos exóticos.

— Vi o mesmo policial de ontem à noite. Está ficando cada vez pior.

— Que pesadelo. Como ele é, o policial?

— É difícil saber.

— Inteligente?

— É. Muito.

— Mas ele te convocou como testemunha?

— Ele suspeita de mim e do Gilan também, você tinha razão...

— Você sabe alguma coisa sobre os motivos do crime?

— Roubo. A mulher dele deu queixa de um roubo de joias, mas não tinha joias na casa deles.

— Você não encontrou nada, mas devia ter um cofre que você não viu.

— Talvez.

— A história é séria. Com morte no meio, a polícia não vai te largar.

— É perigoso, eu sei.

— Seus pais sabem?

— Deixa eles fora dessa confusão. Ainda é cedo.

Minha voz sobe um tom, Lucia-Paz fica logo preocupada, põe a mão sobre a minha, senti-la tão próxima me faz bem. Eu me abro:

— A polícia encontrou um texto do Gilan ao lado das lixeiras. Uma folha A4 como aquela que ele me deu.

— Você acha que isso veio de onde?

— Não tenho ideia.

— Você tinha esse texto?

— Não. Ele leu uma vez pra mim, só isso.

— Isso quer dizer que o Gilan estava no pátio dos Levallois. Ou que o Gilan distribuiu os textos dele por aí.

Não estou mais com fome. Uma verdadeira facada. Como é que eu não pensei nisso?

— Você deveria procurar alguém para te ajudar. Eu vi que tem um Palácio de Justiça no bairro de Saint-Jean, perto daqui. Deve ter alguém lá, um advogado, um funcionário, que vai poder te aconselhar.

Terminamos nossos iogurtes na frente do computador portátil. No anuário eletrônico Lucia-Paz encontra, de fato, o endereço de uma associação de advogados perto do Palácio de Justiça. Ela se entusiasma por nós duas.

— Fica a quinze minutos daqui. Olhe os horários.

— Pelo menos, desta vez, a sorte está comigo. Hoje à tarde tem um plantão.

— Vou me vestir, tomar um xarope e te acompanho.

— E as aulas?

— Depois estudaremos juntas. Você é mais importante do que as aulas. E com a cabeça cheia, vai acabar se perdendo nesta cidade traiçoeira, com esses dois rios. Quer café?

— Dois, para me manter de pé.

— Anote as informações de que você precisa.

— Lucia-Paz, você sabe que na França a justiça tem que provar que o suspeito é culpado. O policial

fez questão de me lembrar disso. Um suspeito é considerado inocente. É o princípio da presunção de inocência...

— Será que isso vale pra mim, uma estrangeira?

— Se os seus documentos estiverem em ordem.

— Tenho um visto de estudante, mas será que pra mim vale o direito francês ou o direito do Equador, eu não tinha pensado nisso...

— Você pode se informar lá no plantão.

— Depois. A urgência não é minha.

O café, enviado do Equador por sua mãe, tem um sabor incrível e, ao prová-lo, falo novamente sobre o Gilan. Ela não está tentando acabar com ele, quer me ajudar a desvendar essa história. Além disso, com uma lógica desconcertante, me faz perguntas que nunca teriam me passado pela cabeça. Na verdade, tenho tudo a aprender sobre o funcionamento da polícia e da justiça do meu país.

Minha amiga me guia pelas vielas em torno da catedral de Ainey, nas margens do rio Saône. O nível de água está bem alto. Uma grande escadaria de pedras brancas se perde nas águas marrons, verdes quando o sol surge. O cais desapareceu.

— As margens de pedra, os anéis de ancoragem, com as colinas ao fundo, é bonito — murmura Lucia-Paz, admirada. — Sabe, acho que me sinto melhor aqui do que nas margens superurbanas do Rhône.

— É mais autêntico, sentimos o passado da cidade.

— É impossível se enganar. Entre o Rhône urbano e o Saône romântico. Olha lá na frente, o alinhamento das colunas! É o Palácio de Justiça, à esquerda da passarela vermelha.

Ao chegar ao pé das colunas, enormes painéis informam os pedestres sobre o processo das obras de restauro. O Palácio de Justiça está fechado há anos! Espero que o endereço da associação não seja antigo também.

Corremos até a rua Saint-Jean, por onde circulam os turistas. De pedra e para pedestres, a rua atravessa o bairro Renascentista, embaixo da colina de Fourvière. Já viemos visitar os pátios internos, as igrejas, os restaurantes típicos. De repente, reprimo um grito. Agarro os braços de Lucia-Paz.

— Lá! Na nossa frente. É o Gilan.

Ele está saindo de uma viela, de cabeça baixa, no meio da multidão. Seus ombros balançam, impressionantes no vultoso casaco branco, oscilam, emergem de um grupo de turistas. Ele está alguns passos à nossa frente.

Lucia-Paz se precipita, sem que eu possa segurá-la. Se vira, já no encalço do capuz branco que se afasta depressa, grita para mim:

— Vai lá se informar! Eu vou seguir ele...

— Mas...

Fico impressionada com sua iniciativa. Minha amiga abre passagem entre os turistas e some da minha vista. O Gilan corre. Um verdadeiro trator. A Lucia-Paz é doida! A rua absorveu os dois. Procuo por eles, vejo-a ressurgir na frente dos pedestres, andar por um curto trecho vazio, virar em uma rua e sumir. Pequena como é, Lucia-Paz vai se disfarçar bem entre os pedestres. O Gilan e ela só se viram uma vez. Além disso, ele sempre anda com o fone grudado na nuca, sem prestar atenção à sua volta. Por que ela tomou essa iniciativa? Não sei. Sua desconfiança com relação ao meu namorado devia me deixar com raiva, mas me sinto aliviada com o apoio dela... Meu moral melhora... um pouco. Ela faz isso por mim, por amizade.

Chego ao endereço da associação de advogados. Antes de atravessar o pórtico, recuo para me localizar. A rua onde estou fica separada da seguinte por uma vitrine repleta de marionetes. Fantoques de tamanhos diferentes. Poderia jurar que o Gilan estava saindo da travessa dos advogados. Uma coincidência perturbadora... Além disso, ele deveria estar trabalhando! Na placa de vidro, leio: “Casa dos Advogados. Toque a campainha e entre, 2º andar”.

A moça da recepção pergunta o motivo da minha visita. Enquanto preencho um formulário, ela me diz que as consultas acontecem em salas fechadas, que são gratuitas e que ela vai me chamar. Conto oito pessoas na minha frente, sento na última cadeira. Não imaginava que houvesse tanta espera. Um bigodudo lê um jornal gratuito. O crime está em destaque na primeira página.

Pouco à vontade, enfio o rosto na pilha de revistas. Espero que o Gilan não vá arrastar minha amiga para o outro lado da cidade. Nascido em Lyon, ele conhece caminhos e atalhos por onde dar um perdido em Lucia-Paz.

Conheci Lucia-Paz no primeiro dia na Universidade Lumière Lyon-II, na frente da porta fechada da administração, onde estávamos procurando atestados e cronogramas. Não sabíamos que era mais simples consultar o *site* da faculdade. Nossa ignorância também nos fez pegar o tram para o lado errado. Largadas no ponto final, no sopé de um castelo que se tornou o centro cultural de uma periferia, caímos numa gargalhada simultânea e libertadora. A ponto de não conseguirmos ler o mapa da rede de transportes. Refeita antes de mim, falou comigo em espanhol, antes de pedir desculpas e recomeçar em francês. Foi incrível! Ela tinha acabado de chegar do Equador! Até aquele dia de outubro, minha ideia do Equador se resumia a uma linha que dividia o globo em zonas climáticas. Do mesmo tamanho, cabelos e pupilas negras, mas totalmente diferentes, não passamos despercebidas. A pele dela é morena, a minha é pálida. Ela tem grandes olhos de veludo sombrios, e os meus brilham, puxados como uma amêndoa. Protótipo de ameríndia e de asiática, isso é o que vemos nos olhos dos garotos que observam a gente. Achamos divertido. Não somos carentes, nem uma nem outra: o grande amor de Lucia-Paz está esperando por ela no Equador, e eu pensava ter encontrado o verdadeiro amor em Lyon.

Faz uma hora que espero na frente do escritório do advogado de plantão e a segunda pessoa ainda não saiu. Nessa velocidade, estarei com algemas nos punhos antes de conseguir alguma informação. Folheio as revistas sobre dívidas e divórcio, dou de cara com um folheto que me chama atenção: “Migrantes asiáticos: seminário dia 3 de dezembro em Paris”.

“O CCEM, parceiro do programa *Longue Marche*.” “O comitê contra a escravidão moderna propõe melhorar nossos conhecimentos sobre as novas migrantes chinesas e asiáticas para melhor acompanhá-las, principalmente diante dos riscos de abuso de seres humanos; 60% delas são vítimas de abuso sexual e 40%, de abuso econômico... No ano passado, uma dezena delas se jogou pela janela da casa de seus algozes. Esses, quando são desmascarados, não hesitam em denunciar suas vítimas às autoridades, frisando que não têm documentos e são, portanto, passíveis de expulsão.”

Verifico a data: dezembro de 2008, e não 1848! Nunca ouvi falar do CCEM. Enfio o folheto na minha bolsa, para ler mais tarde, quando terei me livrado dessa história e acabo encontrando meus fones de ouvido. No meu velho pendrive, tenho uma música gravada. Uma que estava aprendendo a cantar para ele em plena cama, se um dia tivesse coragem. Talvez não seja mais o caso, vai saber... Mas estou cansada da canção de guerra da caixa postal dele, e que não me sai da cabeça.

Fecho os olhos. A voz de Jean-Louis Murat se amplifica. É uma verdadeira canção de amor. Um trecho de *Flores do mal* do qual só sei, por enquanto, uma frase: “De Doroteia eis a morada”. O arranjo foi escrito por Léo Ferré, vou perguntar para o meu pai, ele deve conhecer, é da geração dele. Escutar a música repetidamente para decorá-la vai me ajudar a evitar encarar a realidade. Pensar no Gilan, na primeira vez em que ele me cantou um dos seus textos, me faz bem. Foi um lindo momento juntos. Eu estava tão emocionada, nunca tinha pensado que ele pudesse escrever, compor...

Esse cara me enfeitiçou desde o primeiro olhar. Para revê-lo depois do dia da mudança, fui correr no parque todas as manhãs da semana seguinte. À noite, ruminava minha solidão caminhando pelo centro, sem ousar aparecer no barco-bar. Indiferente às novidades à minha volta. No domingo, estava esperando havia horas escondida em uma sombra na minha rua arborizada quando ele apareceu, correndo por cima da ponte. Bonito, mas tão bonito! As folhagens reluziam ao sol, fazia calor como se fosse agosto. Um fim de verão magnífico. No instante em que ele pulou para a calçada, fiz que saía por acaso de casa. Estava

com meu vestidinho preto de alças por cima de um jeans justo. Ele não comprou a história.

O advogado sai do escritório, desligo o som. Foi um falso alerta, não é a minha vez. Faço uma careta de cumplicidade para a mulher à minha esquerda, que rói as unhas cor de ameixa.

O Gilan parou para me olhar, riu e foi embora gritando para eu segui-lo. Subimos os primeiros degraus correndo como loucos, depois dois a dois, cada vez mais devagar até sentarmos no último deles. No topo da escadaria, a vista dá para o Rhône, eu me sentia na escadaria de um farol. As gotas de suor grudavam nos cachinhos dele. Cabeça jogada para trás, garrafa na mão, a água escorria para dentro da sua boca aberta. Quando me passou a garrafa, eu engasguei, a garganta fechada de emoção, o que provocou nele um acesso de riso e de afeto. Fui conquistada. Ficamos um tempão nos degraus. Depois, fui para casa dele. O verão começou de novo.

Isso foi antes. Antes de o tarado me cercar, um homicídio transtornar a minha vida e o Gilan fugir de mim. Quem estava com ele na segunda à noite? Outra menina?

É por isso que ele não quer me ver. Ele está escondendo alguma coisa de mim. Está mentindo e, apesar disso, estou louca de preocupação com ele. Finalmente, consigo formular a pergunta que está acabando comigo desde ontem:

O Gilan é culpado?

Será que eu, Agathe, acredito que meu amor seja capaz de matar um ser humano?

No instante em que essas últimas palavras me vêm à cabeça, já tenho certeza da resposta.

Que mina é essa grudada no meu pé? Com esse cachecol na cabeça e o nariz escorrendo?

Ela está caída por mim ou o quê? O que ela quer de mim? É a primeira vez que sou perseguido por uma mina. Ela está procurando confusão, não sabe com quem está mexendo. Mexicana, indiana, não é meu tipo. É mais o tipo do Gilan. Tem o mesmo tipo que a Agathe. Se isso é coisa dos policiais, eles estão mesmo recrutando qualquer um. A história das agressões chegou nas baladas, na saída das escolas, na Vogue des Marrons, em todo lugar. Um tsunami. Resultado: pânico por toda parte. As minas se escondem, os caras não saem mais à noite para comprar. Os policiais mudaram os hábitos deles, patrulham de improviso, aparecem onde nunca tinham colocado os pés. O mercado está em baixa. Esse tarado é uma praga.

Esse grude ainda está atrás de mim. Vou dar um perdido!

O mercado no bairro do Plateau é nosso. Meu e dos parças. É urgente tirar esse cara da praça. Não vamos demorar para cair em cima dele. As informações estão aí. A três por quatro, o depravado estava a bordo de um Scénic, as minas confirmaram. Vamos cair em cima dele antes dos policiais. Vamos acertar as contas entre a gente.

Bom, a mina que grudou em mim já está ficando pálida. Feia, essa indiana, congelada. Vai morrer, a exótica. Acabou a brincadeira. Tenho mais o que fazer.

Vamos lá, uma volta no pátio do café afegão. Por trás da porta da rua, eu espio. Nunca vi essa por aqui. Ela acaba de passar pela viela sem se ligar. Dois cliques, a foto dela está gravada no meu celular. O grude ainda não se tocou que eu sumi de vista. Não é profissa. Fácil demais. Na frente das caixas do correio, o pátio imundo. A escadaria na frente. Do terceiro andar, de um pico aberto, dou uma espiada, o pátio continua vazio. Eu tinha certeza. Meio burra, a estrangeira. Disparo pela sacada, despenco pela escadaria do prédio vizinho, pego um acesso para o térreo e saio três ruas abaixo, em outra rua. A jogada está feita! Pobre ingenuazinha, perdida em território desconhecido!

Vai se acabar sem entender nada. O labirinto das vielas na região da Secretaria de Turismo não é coisa para principiantes! Desço assobiando até o metrô pelos jardins, é hora do *rush*: barulhos dos motores, luzes, loucura da noite, eu gosto disso. Tá tudo tranquilo, vou chegar na hora, no encontro. Essa história me deixou de bom humor e a brincadeira de verdade vai começar daqui a meia hora, às dezoito horas e trinta, sem essa de fazer os policiais esperarem!

Gilan, meu amigo, vou me divertir!

Ele não pode pegar o metrô como todo mundo, o namorado dela? Brrrrr... A temperatura não para de cair. Coragem, ele está subindo a colina da Croix-Rousse num fôlego só! Que azar, estou seguindo um maratonista... Exausta, congelada, vou acabar pegando uma gripe de novo. Não vou conseguir ficar horas do lado de fora! E pensar que do outro lado do Pacífico é meio-dia. Meio-dia, deve estar calor em Quito. Lá no alto, no sopé do vulcão, o inverno é ameno, menos rude do que aqui. Gostaria muito que a Agathe viesse comigo nas férias de verão. Meu pequeno país com seus sete vulcões, de gelo e de fogo, ela vai adorar. Dos Andes até o Pacífico, dos vulcões até a floresta equatorial, ela vai chamar atenção e, bonita como ela é, vai arranjar outro namorado. Não tem muita chinesa por lá.

Mais ninguém na minha frente. Para onde ele foi, o namorado dela?

Eu o perdi de vista, divagando sobre o Equador. Não cruzei nenhuma rua transversal desde a última vez em que me lembro das costas dele na minha frente. Deve ter entrado em algum beco. Só me resta voltar até o grafite do Mickey. Da última vez que vi, ele estava por lá. É impossível ficar parada. A rua é estreita e só para pedestres. Se ele voltar, vai me ver. Preciso encontrar uma loja aberta. Almofadas, bancos, tapetes... Que lugar estranho, um café oriental. Não tenho opção. Escolho o banco mais próximo da fachada, com vista para toda a subida de pedra. Ele deve ter parado lá em cima. Vai, Gilan, seja legal uma vez só e apareça!

O barbudo atrás do balcão parece não ter pressa em ouvir meu pedido. Melhor, assim posso ficar espiando. Meus óculos estão embaçados.

Os pedestres, congelados, são raros. A noite está fria, as lojas, pouco atraentes. Ao lado de um Mickey assustador, uma caricatura antiliberal feita sobre uma vitrine emparedada, o brechó ainda assim atrai clientes. Esse bairro é bizarro, modernidade e luxo mal escondem os traços de pobreza. Se estivéssemos em Quito, haveria vigias. Na entrada das lojas, os guardas estariam com coletes à prova de balas e armados com metralhadoras. Mas o que ele está fazendo, o namorado dela? Com um casaco de moletom branco inconfundível, não é possível perdê-lo de vista.

Muito impulsiva, já fui parar em lugares e situações bizarras. Tenho que continuar atenta. A Agathe está contando comigo.

Levo um susto com a presença repentina do barbudo ao meu lado. Ele me estende uns papéis e uma ficha.

O que ele quer? Está dizendo que custa dois euros. Repete o discurso:

— Se quiser beber um chá ou comer neste local, tem que se inscrever na nossa associação cultural afegã.

Ele vem do Afeganistão, claro.

— Tem que se inscrever, senão não posso te servir. Precisa preencher a ficha com seus dados e pagar dois euros de cotização.

Minha resposta, dada rapidamente em quíchua, encurta suas explicações. De posse do meu mais belo sorriso, faço gestos de que estou em um frigorífico. Sem tirar os olhos da rua, repito, dessa vez em castelhano, que não entendo francês. Se ele insistir, corro o risco de perder o Gilan. Com os olhos fixos lá fora, me esfrego vigorosamente.

O barbudo voltou para o bar, ele não está mais preocupado comigo. Continuo com os olhos fixos na ladeira estreita. O tempo passa. Desistindo de minha inscrição, ele me traz uma bebida quente de onde escapa um perfume de cardamomo. Na parede branca do café, ele projeta as imagens de um show. Percussão e alaúde, uma música doce e lancinante. Uso o último lenço da minha bolsa. Resfriada de novo. O banheiro fica nos fundos do pátio, sem aquecedor. E eu que pensava que na França o clima fosse

mediterrâneo. Lá fora está escuro. Suspiro e me entrego às evidências.

Perdi minha chance. Perdi o rasto do namorado da Agathe.

O chá está delicioso, espero mais um pouco, amolecida pelo calor. O ambiente me agrada, finalmente.

Bela

*Bela à sombra das igrejas
E das mesquitas em ruínas
Vamos beber nosso coquetel
Molotov, meu amor
Meu amor kalashnikov*

Explosivos, os olhos dessa menina são explosivos. Duas granadas destravadas. Prestes a explodir. Não é só a Agathe que interessa aos policiais. É a terceira vez que um deles me liga, sempre a mesma voz. Com certeza foi ele que a interrogou. Deve ter insistido, a Agathe não é do tipo que entrega logo de cara. Não atendo mais. Filtro as chamadas. Empurrar um cara num pátio depois de uma luta! Um safado daquela espécie merecia outro tratamento. Eu teria quebrado os dentes dele, cortado o saco, se ele tivesse caído nas minhas mãos. Eu teria feito ele sofrer, só pra ver, teria feito ele se arrastar. Pra ele passar por tudo aquilo que fez os outros passarem. Eu o teria tratado pior do que a um cão. Dou socos no vazio, o corpo curvado, a cabeça baixa. Uma boa cabeçada. Enquanto isso, com a polícia no meu pé, preciso mesmo de um álibi perfeito. Pra isso, posso contar com os *brothers*. O juiz de instrução não demorou para encontrar meu endereço e convocar a gente, eu e o cara que mora comigo. A Agathe deve mesmo ter feito besteira. O que ela pode ter contado para os policiais... Que puta azar.

Posso confiar no grande Fred! Com aquela atitude, deve ter ficado perfeito no papel do meu colega de casa. Estou até vendo, aquele jeito de filhinho de papai, camisa azul, educação e, no pedigree, um curso preparatório de elite em matemática. Posso até ouvir as lorotas geniais que inventou para enrolar o policial antes de apresentar um álibi infalível: na segunda, passamos o fim da tarde jogando xadrez em casa, antes de sair para escutar música no barco-bar. Como todas as segundas, desde setembro. O dono do “La Bargeazique” está sabendo. Os *brothers*, também. Os que estavam lá no barco, na segunda-feira, vão jurar que me viram naquela noite. O Vad só vai ter que confirmar a versão. Simples assim. Logo, será a vez dele, ele deve estar a caminho da delegacia. Na mensagem, o policial me convocou para as dezoito e trinta. O Fred e ele vão enganar o policial. O golpe não vai se sustentar durante as investigações mas, pelo menos, ganho um tempo. Ganhar tempo. Manter os policiais afastados do apê. Enquanto eles perdem tempo procurando em Saint-Georges, não vão ficar plantados na esquina da minha rua. Nunca sei onde está meu companheiro de casa, então, se a sorte estiver comigo, o investigador também não vai conseguir pôr as mãos nele. Graças ao meu melhor *brother*, os policiais, os podres dos policiais, não vão ficar nem com as minhas digitais nem com a minha foto. Valeu, Vad!

Vad, meu irmão, você está salvando a minha vida! Como aprontamos quando éramos pequenos. Mas aquela história de imitar um ao outro até hoje está rendendo. No fundamental, nossas mães ficavam malucas, ficavam horas no telefone para resolver os problemas... Problemas que só existiam na cabeça delas de mães, para a gente era um delírio! Uma felicidade! Uma farsa total! A gente treinava para usar as mesmas frases, para fazer gestos idênticos, para sorrir da mesma maneira, para ter os mesmos tiques. Eram horas de ensaio. Meu irmão, você era o mais talentoso, mas eu acabei me tornando tão bom quanto você nessa brincadeira. O professor não conseguia mais punir a gente. O diretor chamou nossos pais, que tiraram da gente o videogame, os patins, a TV! Quando os pais dele falaram em mudar de casa, nós sossegamos. Ficamos em *standby*. Depois, crescemos... Então, mesmo se o investigador ficar em dúvida durante o interrogatório, enquanto saca, verifica... já é amanhã. E amanhã é outro dia!

Enquanto isso, faço o que tenho que fazer. Sou livre em meus movimentos. A liberdade é um fato na minha vida, tomo consciência disso a cada dia.

A licença para tratamento de saúde que o Roux me deu é perfeita. O chefe não vai perceber nada quando estiver com ela nas mãos. Quarenta e oito horas, isso me dá hoje e amanhã para ficar com ela e

bolar um plano com os *brothers*. O Gus está vigiando o prédio e a rua, na minha ausência. Como um profissa. O Roux está cuidando dos contatos para a saída do país. Ele conhece um monte de gente. O grupo é solidário e rápido. Como os cinco dedos de uma mão, nos tempos do colégio! Sempre a mesma regra: estar pronto para ajudar quem tiver um problema. Hoje sou eu. Mas o Fred e o Roux já tiraram proveito disso no passado. Dívida de honra não é com a gente, mas no fundo dá no mesmo. A Agathe adivinhou essa nossa ligação. É só olhar pra gente, que os olhos dela repuxam como uma fenda. Uma lâmina. Ciumenta. Ela não me suporta quando estou com os *brothers*.

Não pode ser verdade! A cidade está empestada de lesmas. Elas não podem fazer compras outro dia, essas minas? Invisto de ombro entre um bando de amigas e de passagem, ganho uns sorrisos:

— Ei, vai pela rua, cara!

E agora essas bicicletas, feito umas cachorrinhas no cio, desde que a prefeitura pôs aí à disposição. Bicicleta, coisa de ecologista, isso me enche o saco.

Estou mais tenso do que um poste. Se encostarem em mim, vou acabar quebrando alguém.

Andar sem música, não aguento mais. Os motores, os insultos e os gritos dos pirralhos me dão nos nervos. Me impedem de viver. Não tenho mais o costume de ouvir a cidade sem filtro. A última vez que esqueci meu MP3 em cima da máquina onde comi meu sanduíche na hora do almoço, achei que ia ficar louco. Entendo os imbecis que atiram no meio da multidão.

Fui e voltei para nada! Queria mostrar minha cara de acabado para o chefe, mas ele estava fora, numa reunião. Foi o Max quem recebeu a licença de trabalho. Com um ar desolado, me sugeriu voltar a dormir imediatamente e seguir as ordens do médico. Parece que eu estava branco como cera. Normal, forcei um vômito antes de deixar o apê e raiva me deixa pálido. O Max queria passar para me ver depois do trampo, foi difícil à beça convencer o cara que não precisava. Ele é gentil demais, o Max, ainda vai tomar uma pelas costas.

Bela

Bela como uma...

Esse cara, o Martin Angor, manda bem no texto. Por que eu não tive a ideia de escrever aquilo? Tem tudo o que eu quero pôr nas minhas músicas. É cínico, original, tem uma letra grandiosa...

Amanhã resolvo essa história. Depois de amanhã, mergulho nos meus textos.

Como está frio. Estou congelando sem as luvas. Tento entrar no Monoprix para roubar um par. Deixa pra lá. Agora não é hora de rodar por uma bobeira.

O dedo é a parte do corpo mais sensível no inverno. No verão também. No trampo, o negócio é ficar ligado o tempo todo nos dedos.

Depois da delegacia, o Fred tem que passar na casa da namorada dele, lá no brechó. Ela tem um estoque de roupas de minas.

Mando uma mensagem. Pra ele pegar chapéu, cachecol, luvas. Parece que estamos na Sibéria e os caras enchendo o saco com o aquecimento global! A meteorologia anuncia tempo ruim em toda a Europa. Não é uma boa hora para viajar, mas a menina não tem escolha.

Na entrada do metrô as pessoas pegam de passagem os jornais noturnos gratuitos ao se amontoarem nas escadas rolantes. Manchete sobre as inundações no sudeste da Ásia. Não pego o jornal. Não quero ver corpos boiando na lama e nos escombros.

São dezenove horas e eu ainda não tenho notícias da Lucia-Paz.

O que ela está fazendo, para onde ele a arrastou? Tenho medo que tenha acontecido alguma coisa. Com o nome que ela tem, não deviam fazer nenhum mal a ela, mas o mundo não obedece a essas regras. Do centro, posso me encontrar com ela rapidamente em qualquer lugar.

Os pedestres apressam o passo para entrar no quentinho, aqui também, os galhos estão brancos com a geada. Não é possível que a temperatura caia tão rápido. A Fnac ainda está aberta. Subo entre os gigantes esculpido que sustentam o pórtico.

A loja está formigando de gente. Tivemos todos a mesma ideia. Fujo do corredor dos mangás, onde os olhares dos amantes das orientais vão cair em cima de mim. Na seção de turismo, paro diante dos guias de viagem. Pego o guia do Equador para me aproximar de Lucia-Paz. Como é possível que uma perseguição dure tanto tempo? De costas para a estante, me deixo escorregar sobre o carpete. Os dois vendedores no caixa viram as costas para mim. Com o guia nas mãos, reflito.

Um homem morreu na noite em que eu estava na sua casa, cuidando do filho dele.

Talvez o senhor Levallois seja um pai qualquer, como aquele que está comprando DVDs da Disney para o filho. Mas esse paizinho gentil, com o filme do *Bambi* nas mãos, como saber se ele não é um desgraçado que bate na mulher?

No volante, o tarado usava paletó e gravata sobre uma camisa branca. O *closet* dos Levallois estava cheio deles. Um visual clássico para um homem de negócios.

O próximo cara que me agredir, vou fazer sofrer. Vou treinar defesa pessoal. Vou lutar da minha maneira contra o machismo e o poder autossuficiente. Mas se o outro, o que se acabou em cima das lixeiras, for mesmo o tarado, as agressões no bairro devem parar. Tenho que deixar o tempo passar para ter certeza.

A trilha sonora e o ar quente me deixam com sono. Talvez o policial possa me dizer, mas se eu contar para ele a merda que aconteceu aquela noite, vou dar um motivo de bandeja: vingança. E ele não vai mais largar do nosso pé, meu e do Gilan. É bizarro que tanta coisa estranha aconteça na Croix-Rousse. Isso está mesmo causando uma confusão naquele bairro burguês.

O que a polícia está procurando? Não estou vendo para onde vai a investigação, e o Jabuti é muito bizarro. Estou tão preocupada com Lucia-Paz que não consigo me concentrar. Ela já devia ter voltado para casa e me telefonado. Não tenho coragem de ligar para o celular dela.

Por que estou tão preocupada com ela? Ela está seguindo o Gilan! O Gilan, meu homem! Não um assassino!

Mas o que ele estava fazendo à tarde no escritório dos advogados? Ele conseguiu informações, já eu cheguei tarde demais. Mas por que um advogado? Por causa de uma morte que não sai da minha cabeça? Para se proteger da polícia? De mim? Ele tem tempo para um advogado, mas não para mim... Achei que o chefe dele não desse férias... Agathe, você é muito ingênua! Aquele texto meigo que fala de um encontro na padaria não caiu do bolso do Gilan, mas do bolso de outra menina. Que ela tenha ou não jogado fora, ele deu para ela. Essa ideia te machuca. Você se sente traída. Traída, abandonada, ferida.

Seu namorado nunca pensou em vingar você. Ele não está nem aí para o seu agressor.

Os pensamentos dão voltas, elétrons livres na minha cabeça. Hoje à noite, ele vai estar na minha frente. Esta noite, no barco, vou ficar sabendo. O dono do barco pediu para ele cantar, uma noite, as

letras dele, isso é importante para ele. Eu amo um inocente. Ao mesmo tempo forte e poeta. Ponto. É isso. O outro, o pai cheio da grana, a morte dele não me diz respeito. Não estou nem aí para o assassino. Minha vista embaça. Caio nas águas profundas do rio para me encontrar com a ovelha morta.

— Moça, moça!

Preso em um turbilhão, levanto a cabeça com dificuldade. Esperando ver a cara do Jabuti. Mas vejo um moço abanando o meu rosto. Com um colete da Fnac.

— Você está bem?

— Eu... Eu acho que foi... por causa do calor da loja.

— Pra se abanar. (Ele me dá uma revista.) Vou buscar um copo d'água para você.

O vendedor se afasta. Me recupero aos poucos, sacudindo mecanicamente a revista de publicidade. Ele me tirou de um terrível pesadelo. O Gilan estava em cima de mim, estávamos nus depois de termos feito amor, com a mão direita ele procurava alguma coisa no chão. O braço dele se erguia lentamente para me mostrar o objeto do crime, era um osso, um osso de carneiro ensanguentado...

— Toma, está fresca, é do bebedouro.

Tiro as luvas, pego o copo, o frescor nas palmas das mãos me traz de volta para o mundo dos vivos.

— Bebe um pouco.

Obedeço, encantada com a voz com um leve sotaque do Sul, a argola de prata no lóbulo da orelha e os olhos sinceros que sorriem para mim. As cores voltam, as bochechas ardem, fico vermelha. Ele parece aliviado.

— Muito obrigada.

— Espere um pouco antes de voltar a andar. Ninguém vai te incomodar até a loja fechar, fique tranquila.

Sigo-o com o olhar enquanto vai embora. Ele se vira, me dá uma piscadela, sutil como o seu sotaque.

Lucia-Paz, minha amiga, dê um sinal de vida!

— **Sou eu.**

— Lucia-Paz? Estava morrendo de preocupação.

— Ele sumiu!

— Você está longe?

— Na parte de baixo da Croix-Rousse. Não vi ele sumir do meu campo de visão.

— Você não podia ter me ligado antes?

— Não, quando me troquei para sair com você, acabei esquecendo o celular no casaco. Não podia parar de seguir seu namorado. Levei um tempão para entender que eu o tinha perdido e encontrar um telefone público. Só tenho uma moeda.

— Não tem problema. Você está bem?

— Sim. A gente se encontra na minha casa. Chego lá em vinte minutos.

Caiu. A ligação caiu. Estou entendendo melhor. Mais tranquila, espero enquanto escuto um rock, em modo repetição. Dez minutos depois, saio, subo a rua da Charité. Nos para-brisas dos carros estacionados, uma película de gelo se forma. O ar gelado me reanima. Rua dos Remparts-d’Ainay, ela já chegou, o quarto e sala dela está aceso. O elevador demora, subo, bato na porta e despenco sobre ela. Abraça-a muito forte. Ela ri, respira, pede desculpas:

— Me distraí e não o vi mais na minha frente. Eu o perdi nas ladeiras da Croix-Rousse. Estava subindo atrás dele, seguindo havia algum tempo, não me dei conta.

— Onde na colina?

— No começo da subida da Grande Côte, anotei o nome, você conhece?

— Conheço, é o caminho mais direto para descer do Plateau sem ter que pegar o metrô. É uma bela esplanada com jardins bem ajeitados, depois a rua afunila e, lá embaixo, virando à esquerda em uma escadaria suja, a gente chega na praça com os jatos d’água.

— Foi por lá que eu voltei. E você, conseguiu informações?

— Não. Esperei a tarde toda para nada! Tinha muita gente para um único advogado. A mulher da recepção me disse para voltar amanhã. Pra você ver.

— Nada deu certo para nós duas.

— Choux blanc.

— Repolho branco? Por quê? É o repolho chinês?

— É uma expressão francesa para dizer já era!

— Peguei o jornal noturno gratuito, dá uma olhada enquanto eu esquento a água. Chá ou sopa?

— Sopa.

Folheio o jornal. A reportagem “Assassinato na Colina” ocupa uma página inteira. Não diz nada de interessante, exceto o último parágrafo.

— Lucia-Paz, tem novidade!

— Lê!

— Segundo o juiz de instrução, a polícia está com os resultados do laboratório e está seguindo uma pista em Lyon.

Continuo, sem nenhuma expressão na voz:

— O indivíduo que deixou as impressões digitais na casa e nos objetos pessoais da vítima seria uma mulher.

— Deixa eu ver!

— Esse policial está me perseguindo para fazer de mim uma assassina. Volta amanhã, fala sério! Amanhã já vou estar na prisão.

— Espera aí, a polícia não tem nada contra você, e você é inocente!

— Mas minhas impressões digitais estão por toda parte. Eu abri as gavetas, enfiei as mãos nos bolsos

dos ternos, desdobrei os cachecóis, levantei cada pilha de camisas, revirei as gavetas de meias, sacudi os sapatos. Eu queria uma prova. E foi só depois que eu encontrei o escritório, com os holerites e as datas.

— Você não foi a única a tocar nas roupas dele, a mulher dele também. Com certeza ela tocou no taco de golfe para limpar ou para arrumar. A mulher pode ter matado ele! Vai saber!

Para tentar me acalmar, Lucia-Paz levanta novas hipóteses:

— Além disso, se os Levallois são tão ricos quanto você diz, devem ter uma passadeira, uma governanta, uma empregada.

— É que mexer nas coisas dos outros não é um comportamento normal para uma *baby-sitter*.

— Você deveria ligar para seus pais. Agathe, faça isso já.

— OK. Você tem razão.

O fixo e o celular caem na caixa postal. Decepcionada, desabo no sofá-cama. Estou tremendo. O cansaço e a angústia me sufocam. Não aguento mais. Tomo a tigela de sopa de uma vez só.

— Vamos retomar, um a um, os acontecimentos.

Vendo meu estado, Lucia-Paz volta com um poncho de lã, que ela estende sobre mim. Com uma caneta na mão, relê a notícia, faz anotações.

— Escuta, Agathe. A matéria não dá a hora exata da morte. O Jabuti também não disse nada. O morto teve tempo para entrar no apartamento, entre o momento em que você foi embora e a chegada do assassino? Essa matéria não traz nenhum detalhe.

— O que é que muda, que ele tenha ou não entrado?

— Tudo!

Com muita dor de cabeça, desligo. Me deixo afogar na confusão da minha mente. Ao longe, a voz de Lucia-Paz enumera suas deduções. Meus pais não atendem. Desde que parti, eles trabalham como escravos para tapar o buraco da minha ausência. O fixo do restaurante cai na gravação da minha própria voz informando os horários de funcionamento. Não vou me preocupar também com eles! Sinto saudades. Fui muito besta em ter adiado tanto esse telefonema. O orgulho vai acabar me matando. Mas ligar pedindo socorro menos de três meses depois que fui embora do apartamento da família é uma vergonha. E como explicar essa história absurda de assassinato, de interrogatórios, de suspeitas para minha mãe, que tem tanto respeito pelas regras do país que ela adotou, ou para meu pai, honesto até o último fio de cabelo?

Dou uma olhada na lista escrita pela minha amiga, a cronologia dos fatos tem três falhas. Não tenho mais força para intervir. Mas, de tanto ouvi-la pensar em voz alta, tenho a vaga sensação de que algo está errado, fora do lugar. Mas não consigo saber o que é. Tiro, contrariada, o poncho confortável.

— Vou embora. Está quase na hora do meu encontro com o Gilan. Prefiro chegar mais cedo.

— Espere, vou com você. Você precisa de mim.

— Não, quero encontrar com ele sozinha.

— Eu vou até lá com você, mas não se preocupe, não vou aparecer no barco-bar. O Gilan vai achar que você está sozinha.

— Você vai congelar de novo, vai ficar doente por minha causa.

— Já estou doente. Um pouco mais, um pouco menos...

— Está bem. Tem uns bares na frente do barco, você vai ficar aquecida e num lugar discreto. Leve o celular, te mando uma mensagem se eu for embora com o Gilan.

— Já peguei e vou pegar também meu MP3, caso eu não aguento o ambiente do bar. Aliás, você estava errada: seu namorado é capaz de sair sem música. Hoje à tarde, enquanto eu o seguia, o capuz dele escorregou e ele não estava com o fone de ouvido.

Olho para ela espantada. O Gilan nunca sai sem o enorme fone de ouvido num volume absurdo. Algo grave está acontecendo.

Nem lua nem estrelas, uma neblina opaca e desagradável invadiu a cidade. A temperatura caiu ainda mais. Andamos rápido, congeladas, lado a lado. O frio surpreendeu os lioneses enterrados nas suas casas. Com o rosto franzido, Lucia-Paz varre com os olhos a pequena rua que ela conhece. Apesar de toda a confusão à nossa volta, a horrível impressão de que estamos na mira de alguém não sai da minha cabeça. Cochicho na orelha dela:

— Você acha que estamos sendo seguidas?

Ela responde ainda mais baixo:

— Sinto que estou sendo observada desde que saímos do meu prédio, mas com essa história de seguir seu namorado, achei que estivesse imaginando coisas.

— Vamos nos apressar, tenho a mesma...

Uma mão me pega pelo ombro e me impõe uma meia-volta violenta. Lucia-Paz grita ao meu lado. Solto um grito mortal, do fundo do ventre. Os quatro vultos nos levam em silêncio até a entrada de uma enorme casa. Com as mãos, um fortão me cola contra um canto, com uma arma debaixo do casaco de couro. O outro me cega com uma lanterna forte. Ouço minha amiga rezar em espanhol. Eles fazem o mesmo com ela, do outro lado.

— Polícia. Esvazie a bolsa!

A ordem é para ela, meus agressores continuam calados.

— A carteira, me mostrem a carteira funcional da polícia!

Gritei para Lucia-Paz me imitar. Ela entendeu e grita também. Atrás da lanterna o homem ri, me xinga de verme, de parasita. Me sacode como uma enguia, ouço um barulho de briga e, depois, a bolsa de Lúcia sendo esvaziada no chão. Grito mais uma vez:

— A carteira funcional!

O gordo que me bloqueia com o braço enfia a mão no sobretudo. Temo pela minha vida. O outro levanta um cassetete. Reúno minhas forças, estou pronta para lutar se eles não mostrarem a carteira. Ela aparece: azul, branco, vermelho, iluminada pelo outro, que ri.

— Lucia-Paz, é a polícia! Pare de se debater!

O homem com a lanterna vira o feixe para ela. Seus óculos caíram, seus cabelos estão bagunçados, um sujeito sério puxa o queixo dela para trás, enquanto o outro, nervoso, apalpa por baixo das roupas. Fala na cara dela:

— Onde você pôs? Quem fornece? Responde! O que você estava fazendo no nº 18 da rua dos Remparts-d' Ainay? Quem te entregou e onde? Responde?

— Eu moro no nº 18.

— Mentira. Você trabalha de mula para eles.

— No nº 18, no segundo andar à direita.

— Onde você cruzou a fronteira espanhola?

Eles estão loucos!

— Sua identidade não está na bolsa.

— Quando você cruzou a fronteira? Responda!

— Eu moro no nº 18. Meus documentos estão na minha calça.

— Pega.

Enquanto ela tira a carteira, eu me intrometo:

— O quarto e sala fica no nº 18. Eu estava na casa...

— Cala a boca, chinesa!

Não dá para imaginar que esse pistoleiro que está me segurando contra a parede seja um policial. Estou sufocando, o punho dele me aperta. Ele está fazendo isso para que eu fique calada. Lucia-Paz desapareceu atrás dos três corpos debruçados sobre a identidade dela.

— Merda. Ela mora no nº 18.

A mão diminui a pressão no meu peito, eu tusso. O pistoleiro ajeita meu casaco, me dá uns tapinhas no rosto, que raiva! Vejo eles se afastarem dela, um deles devolve a bolsa e diz:

— Pode pegar suas coisas.

Minha amiga agacha, encontra os óculos tateando, sem tirar os olhos dos policiais. Dou um passo para ajudá-la, eles não intervêm, recuam juntos em direção à rua. Olho para cima, os quatro estão armados. O cara com a lanterna nos cega mais uma vez:

— Senhoritas, desculpem este pequeno engano.

Eles foram embora. Tão rápido como atacaram. Iluminada pela tela do seu celular, Lucia-Paz tem o olhar sombrio de uma fera. Com as mandíbulas contraídas, pálida, ela não se mexe. Estou furiosa:

— Que história é essa? Pequeno engano?

— É a mim que eles queriam.

— Mas por quê? E neste bairro tão burguês! Lucia-Paz, volta pra casa, eu vou continuar sozinha...

— De jeito nenhum!

Ela fica de pé, olha com apreensão para as arcadas, os três metros sombrios que nos separam da rua.

— Agathe, você acha que eles estão preparando uma armadilha?

— Acho que não. Espere, eu saio primeiro.

Eu me concentro ao máximo, os braços em posição de ataque, os músculos enrijecidos, saio lentamente em direção à calçada. A neblina cobre os prédios da frente. A pequena área visível está vazia. Lucia-Paz me alcança.

— Tudo bem. Seu grito me gelou o sangue.

— Fala sério, e naqueles brutamontes não provocou nada.

— Como não, o cara que estava apertando o meu queixo me soltou por um segundo, era o tempo de eu cravar os dentes no punho dele. Não sabia que a polícia francesa agia assim. Você viu as armas e os cassetetes?

— Vi, medonho. Você não acha estranho eles pararem a gente justo esta noite?

— Acho sim. Mas não quero pensar nisso aqui, estou com muito medo. Vamos, senão você vai se desencontrar do Gilan.

Corremos para alcançar uma rua perpendicular com mais movimento, a rua do Plat, e ao longe vejo as luzes da praça Bellecour. Não trocamos mais nenhuma palavra até Saint-Georges. Os carros são poucos. Volto a pensar no Gilan e, de repente, mostro para Lucia-Paz um leve luar sobre as águas:

— Você está vendo aquelas luzinhas que parecem estar boiando no espaço escuro entre as margens? Estamos chegando.

O barco está invisível, dissimulado na escuridão espessa do rio. Instintivamente, nos abraçamos com força. Uma bruma só. Desde o encontro com os policiais que não largamos mais as mãos. Ela caminha pela calçada, do lado dos bares, eu sigo pela margem. Duas pequenas silhuetas, isoladas, correndo perigo. Garoa. Estou com medo. Ouço a música, abafada pela neblina, no exato momento em que chego à escada para descer até o cais. Eu me precipito até a passarela que balança sob meus passos. Impaciente para encontrar o Gilan. O segurança se afasta para me deixar entrar, ouço uma salsa quando a porta se abre. Assim que passo a chapelaria, na primeira olhada pela sala, um negro enorme se aproxima:

— Quer dançar?

— Estou esperando alguém.

Sorriso desapontado:

— Se ele te fizer esperar muito, estou por aqui...

Sempre vim com o Gilan, mas já tinha reparado que as meninas eram abordadas logo na entrada, nada de pânico. Como o público é predominantemente masculino, dançar é o jeito mais seguro para conquistar.

— Quer dançar?

A mão segura minha cintura. Me viro furiosa, me livro. Não quero mais que me toquem. É o Vad, o melhor amigo do Gilan, aquele que tem um jeito parecido com o dele. Ainda mais sem o boné.

Transtornada, engulo mal a surpresa, a péssima surpresa.

— Onde está...

— Ele não pôde vir. Vim no lugar dele.

— Péssima decisão.

— OK. Ele pediu que eu viesse te pedir desculpas.

— Prefiro assim. Pare de dançar, eu não vim aqui pra isso.

— Sempre de mau humor...

— Guarde os seus comentários. O que ele tem de tão importante pra me dar assim um cano?

— O pai dele apareceu pra resolver um problema de família. Vai dormir na casa do filho pra não ter que pagar hotel.

— Ele não avisou antes?

— Não, e o Gilan não pôde dizer nada. O negócio é sério.

— Ele mora onde, o pai dele?

— Em Troyes.

— Troyes é longe. Você conhece a família do Gilan?

— Claro, até o divórcio dos velhos eu dormia muito na casa dele. A mãe fazia bolo e o pai não enchia o saco. Quer tomar uma cerveja?

— Não, vou embora. Tchau.

— Tudo bem, entendi. Não precisa sair correndo.

— Vou dormir.

Evito o beijo por pouco. Viro as costas.

— Ei! Espera, vou dar o fora também.

Ele para na chapelaria, pega o casaco e o indefectível boné. Não aguento mais esse cara, eu o odeio. Vou até a passarela sem esperar por ele, salto para a margem. Ele corre atrás de mim, me ultrapassa e para na minha frente. Com um sorriso debochado, tira uns saquinhos do maço de cigarro:

— Tá a fim, minha linda?

Chuto as costas da mão dele. Um *mae geri*, golpe básico e sempre eficaz. O maço voa, o bagulho também. Pluft. O chão está escuro.

— Idiota!

Corro, subo a escadaria. Do alto, vejo apenas um vulto procurando no chão a porcaria da mercadoria dele. Ele uiva como um coiole na minha direção:

— O Gilan não está nem aí para você. Ele tem outra!

Do outro lado, Lucia-Paz, que estava de olho, chega. Eu ouço berrar de novo atrás de mim:

— Chinesas, tem um monte na cidade! Bonitas e obedientes, ele tem pra escolher! Você é uma vadia, pra transar e jogar fora!

Minha amiga me pega pelos braços, chama um dos táxis que passam na frente da boate. Me puxa contra ela no banco traseiro. O Vad ainda está berrando asneiras sobre as amarelas pegáveis. O táxi dá a partida. Ele não tentou me seguir. Deixo que cuidem de mim. Sinto ódio. O pior é que o clone, com suas imitações detestáveis, me faz pensar na face secreta do Gilan. No lado sombrio que cada indivíduo esconde dentro de si.

Lucia-Paz fica brava:

— O Vad está falando bobagens, só para te atingir. Esse tipo de gente não suporta ser dominado por

uma menina. Para ele, isso é uma vergonha.

— O pontapé, ele não vai esquecer.

— Você bateu nele? Viva! Ele não vai se recuperar tão cedo!

O motorista nos olha pelo retrovisor, parece estar se divertindo. Lucia-Paz surpreende seus olhares e xinga alto em espanhol.

Ela espera estarmos seguras no quarto e sala para perguntar se o Gilan é traficante. Depois de um momento de silêncio, respondo que nunca tinha pensado que ele pudesse fazer isso. Mas que o policial afirma que o amigo dele, o Roux, frequenta o ambiente das drogas em Lyon.

Lucia-Paz fica consternada.

Acrescento, para me convencer tanto quanto a ela, que o Gilan come macarrão todos os dias, que ele não tem dinheiro. Me empolgo, insisto: o Gilan é fiel nas amizades. É por isso que ainda sai com aquele bando de idiotas, por fidelidade. Mas ele não tem nada a ver com o Vad. Se ele traficasse, eu não teria me apaixonado por ele.

Minha amiga começa a falar do Equador, onde os homens detêm a autoridade, fala da mentalidade dos jovens que evoluem mais rápido, da corrupção, das armas em circulação, da sua esperança ao ver mulheres serem eleitas à presidência do Chile, da Argentina... Ela fala para se fortalecer, para se esquecer dos policiais à paisana, do táxi, do Vad. Para esquecer toda essa violência.

Depois, de uma vez, caio no choro, e ela também. Que droga de noite para nós duas. Entre um soluço e outro, abandonada ao desespero, confesso minhas dúvidas a respeito do Gilan. A indiferença com que me trata. Desde o assassinato, que ele não se mexe. Se faz de morto. Me evita, recusa que eu passe na casa dele.

Minha amiga se compadece. Não sei de mais nada. Ele tem medo que eu o entregue para a polícia, mas por quê?... Era eu quem estava na casa da vítima, não ele. Do que é que ele está com medo?

Eu me deito ao lado dela, estamos exaustas. Sem forças. Ainda ouço ela murmurar:

— Os policiais deviam ser de uma brigada antidrogas. Eles me interceptaram achando que eu tinha droga comigo. Hoje à tarde eu segui o Gilan... Você encontrou o Vad, que quis te vender... Existe uma ligação, só pode. Para de ver esse cara, Agathe. É perigoso demais.

Em seguida, dormimos vestidas no sofá-cama aberto.

O rapaz acha que estou dormindo. Ele *é gentil*. Acho que ele *é gentil*. Por enquanto. Antes de ficar como os outros. Não, o rapaz vai continuar a ser gentil. Seu coração é bom, seus pensamentos, honestos.

Estou sempre trancada, sempre isolada, desde o avião. Muito longe do meu país. Com um frio na barriga. Os olhos aos prantos. Uma vergonha inominável. Vergonha por não enviar o dinheiro prometido para os meus pais e para a segunda tia que os acolheu.

Os patrões tinham me levado para o mundo deles. O mundo era como eles. Impiedoso. Maldoso. O patrão me dizia que trancada na casa deles eu estaria a salvo, já que, lá fora, a polícia me prenderia e me jogaria para sempre na prisão.

Eu não pensava em fugir da casa do meu senhor e da minha senhora. Trabalhava até ficar esgotada. Não sabia por que meu senhor e minha senhora nunca estavam satisfeitos comigo. Do despertar, antes da aurora, até a noite, eu lavava as paredes, o chão, as janelas, descascava, cozinhava, sob as ordens da senhora, alimentos desconhecidos que eu não tinha o direito de experimentar. Obedecer à senhora até a hora de ela dormir. Depois do trabalho doméstico eu costurava, bordava para o futuro bebê, sob a luz fluorescente da cozinha, sentia dores nos ombros, nos olhos, por toda parte. Minha senhora estava esperando um menino! Isso deveria ter feito ela ficar generosa, feliz, mas aconteceu o contrário. Quando finalmente eu podia ir dormir no cubículo entre a escadaria e o telhado, estava morta de cansaço. Condenada a viver como uma formiga. Pior, pois as formigas formam uma comunidade solidária e eu estava isolada. Minha existência não era mais importante do que a de uma formiga esmagada no meio do caminho. O desgosto me aniquilava. Minhas lágrimas jorravam diante da ideia de ficar para sempre prisioneira neste país, sem notícias da minha família amada. Longe, tão longe da China.

Quando a minha senhora teimou com aquela história de pão fresco toda manhã, fiquei aterrorizada por ter que sair em uma cidade grande de um país desconhecido. Ela me empurrou pelas escadas com dois pedaços de papel no bolso da minha saia. Uma lista de compras e um mapa onde tinha desenhado quatro ruas. Minha senhora me disse que eu deveria estar de volta em quinze minutos; e que, passados os quinze minutos, ela iria chamar a polícia. Aquela que pega os estrangeiros na rua para jogar na prisão.

Eu estava com tanto medo que, no estabelecimento, apresentei os dois papéis para a padeira. A mulher falou algo na língua dela e ficou esperando uma resposta. Como eu ficava olhando para o chão, calada, ela me deu um pão e um sacola com dois pães folhados, enrolados para a minha senhora. Virei para ir embora imediatamente. Fiquei com vergonha da minha falta de educação, mas a minha senhora me proibiu de dizer obrigada. Palavra que ela exige que eu diga depois de ganhar comida ou levar um tapa. De repente, vi um rapaz abrir a porta. Ele ficou no meu caminho, me encarando. Eu não ousava respirar nem olhar para ele. Ele recuou até a calçada para me deixar sair.

Com os olhos no chão, fugi. Assim que passei a esquina, parei por um instante. Com um nó na garganta, de tanta emoção. Fazia dias, semanas, que eu estava trancada. De repente, descobri o perfume do verão, sua luz. A brisa da manhã na nuca, o céu claro sobre a minha cabeça. Os pássaros cantaram e senti o olhar dele atrás de mim. O rapaz estava olhando para mim. Corri para a casa da minha senhora.

Na manhã seguinte, ele estava na frente da padaria quando cheguei, seu olhar me envolveu com ternura. Segurou a porta aberta, saiu para me deixar entrar. Ele tinha o cheiro das flores selvagens na grama, sob os carvalhos vermelhos à beira do rio, no meu vilarejo, antes das grandes obras.

No caminho de volta, eu sentia menos medo, andava olhando para o céu. Era de um azul puro, por cima dos telhados planos ou pontudos e vermelhos.

Nos dias seguintes, desde o despertar, esperava agitada o momento de sair para fazer compras. Mas escondia cuidadosamente da minha senhora a minha impaciência, com medo de que ela, de propósito, não

quisesse mais que eu sáisse para comprar seus pães e *croissants*. Com frequência, minha senhora reage com maldade. Todas as manhãs, eu abria um pouco mais meus olhos, observava as ruas e os pedestres que cruzavam meu caminho. Esperava a presença do rapaz na frente da padaria e ficava feliz. Ele estava lá quando eu chegava, e eu sentia meu sorriso renascer e bater meu coração.

Lá no fundo, em mim, eu guardava a existência do rapaz, em segredo. No colchão, me lembrava do seu rosto e sentia menos medo.

Sua lembrança era como um tesouro que eu trazia à luz quando estava sozinha. Seus olhos, como ameixas negras, pouco a pouco me deixavam mais segura.

Uma noite tive um sonho, estava andando com ele pela estrada branca que leva até a minha cidadezinha. Dos dois lados cresciam soja, milho, girassol, sorgo, gergelim, batata-doce, que eu nomeava para o rapaz. As flores de girassol manchavam de amarelo os campos verde-claros. O campo murmurava o trilar dos grilos escondidos nas folhagens de milho, o ar recendia a mel, as pedras dos muros estalavam com o calor. Nas soleiras das portas, os vizinhos nos cumprimentavam, meus amigos se juntavam a nós em um alegre cortejo e seguíamos em direção à casa de minha família. No alpendre, meu pai e minha mãe nos esperavam, colados um no outro. Minha mãe tinha lavado o chão, ainda úmido, e pendurado um monte de flores de papel nos ramos da velha cerejeira. Meu pai aguardava em pé, dignamente. Eu estava orgulhosa por retornar ao meu país com o gentil e belo rapaz.

Eu estava livre. Não no passado, como em minhas lembranças. Não, eu estava livre no futuro.

Com esse sonho, compreendi que o rapaz havia aparecido na frente da padaria para me dar forças para viver, para fugir da casa do meu senhor e da minha senhora. Alto e forte, ele vinha em pleno verão para me salvar.

Não durmo mais. Não sonho mais. Um ser humano não pode dormir depois do que fez. Nenhum ser humano deve viver o que eu vivi.

Ergo as pálpebras. O rapaz das pupilas negras se aproxima do quarto, seu olhar suave revela compaixão. Rancor, medo, sofrimento recuam. Sob a onda de ternura que me toca, uma larva se transformaria em borboleta. Sinto o tremelicar das minhas asas querendo se abrir. Mas as minhas não suportam mais. Dores.

Pela porta entreaberta, observo o rapaz ocupado em seu computador.

Sem me mexer, estendo os braços, ponho sobre meus cabelos os enormes fones para ouvir a música dele. A música que ele me fez escutar na calçada naquela última manhã, em frente à padaria. Só entendo as palavras que tantas vezes ouvi a minha senhora usar: “pão, manhã”, mas essas palavras, na voz do rapaz, são tão doces, tão ternas que, certamente, têm outro significado.

Com as costas apoiadas no azulejo, fico observando a menina. Finalmente, calma. Dorme, encolhida no meio da cama. Tirou meus fones de ouvido, grandes demais para a cabeça dela. A escuridão nos envolve. Desenho no vidro embaçado. Gritos sobem da rua. Suas mãos se crispam embaixo do edredom. Seu corpo tem espasmos. Não tenho qualquer solução. Nada de concreto para propor quando ela acordar.

O Gus passou a tarde procurando um avião, um trem, um barco, qualquer coisa para que ela pudesse escapar. Dinheiro não é problema, ele sabe para quem pedir emprestado. Mas sem um número de passaporte, é impossível comprar uma passagem, mesmo pela Internet. As cópias dos documentos que ela conseguiu recuperar não servem para nada em território francês. Foi difícil fazer ela entender isso. Não sei como fazer ela sair daqui. Os *brothers* sugeriram ir direto para estacionamentos de caminhoneiros ou postos de gasolina das estradas para encontrar um transporte, mas eu não quero. É arriscado demais. Ela vai acabar se metendo com alguma organização clandestina, vai acabar parando em alguma rede de prostituição. Não suporto a ideia de colocá-la de novo em perigo. Ela já teve a sua dose de confusão para ficar nesse estado. O Roux está acionando a rede de contatos dele para contratar alguém de confiança. Um motorista não muito curioso, que possa me dar uma prova de que ela chegou em algum lugar distante. E depois? Depois de cruzar a fronteira, para onde ela vai? O Vad sugeriu tirar ela do território francês. Uns caras podem emprestar um carro potente, um carro turbinado, eu poderia levar ela nele. Mas no fim ela se veria perdida, sem ajuda, em outro país desconhecido. Ainda em situação ilegal. Ela está tão fragilizada. No fundo do poço. Magra, tensa demais. Mandar ela embora sozinha, sem nenhuma orientação, seria acabar com ela.

Amanhã de manhã, volto para o trampo. Não posso continuar faltando, senão o patrão vai me demitir. Como vou fazer para arranjar tempo? Para ajudá-la? Não tenho nem ideia. A menina só confia em mim. Ela não pode sair. Os *brothers* nunca vão poder se aproximar. E aquela louca da padeira que dizia ainda agora para os clientes que dos estrangeiros só se pode esperar confusão, que são todos ladrões! Me olhando de lado. Antes de acrescentar, com a voz carregada de segundas intenções: “Temos que desconfiar também dos amarelos, os amarelos são estrangeiros como os outros e são mais numerosos!” Não vou mais comprar pão dessa louca. Se eu contar isso para a Agathe, ela não vai deixar barato. Com certeza, vai chegar comigo derrubando a porta da loja em represália. Ela é nervosa, essa menina, ela estoura quando a coisa aperta.

Saio do quarto sem fazer barulho. Que coisa bizarra pensar na Agathe, tendo outra menina diante dos olhos.

O corpo paralelo ao chão, apoiado nas mãos. Braços estendidos, flexionados, estendidos, eu conto. As flexões dão resultado. Depois do trinta, me sinto mais calmo. Mais uma série, e me levanto. Estou com calor.

Lá fora anoitece. Vigio as janelas iluminadas dos prédios da frente como nunca fiz. Esta cidade é uma merda. A neblina, a poluição, isso não é tão grave. O mais perigoso na Terra é a espécie humana. “O homem é o lobo do homem.” A frase da minha vó me vem à cabeça. Os seres humanos acabam com a cidade, com a vida.

A Agathe me chama de *badboy* quando a irrita. Ela tem razão. Até anteontem, eu me comportava como um *badboy*. Mas desde que essa menina veio me pedir proteção, a coisa é outra. Com ela eu toco no essencial, como com a minha vó. Minha vó sabia me fazer pensar, me pôr no lugar.

Detesto quem destrói a vida. E são muitos. São demais. A Agathe cruzou com um deles. Um tarado que gosta de um jogo onde o caçador não se arrisca. Humilhação e violência. Meu pequeno Grão de arroz acordou machucada, desolada. Se sentindo a pior. Quando ela saiu daqui, eu estava dormindo. No dia

seguinte eu a escutei distraído. Como um macho querendo defender a mina dele, só isso. Eu não estava pronto. Esta noite é que me dei conta de como sou estúpido! Para nós, homens, nunca vai ser como é para elas.

Fico dando voltas pela sala. Essa clareza me surpreende.

Não gosto o suficiente da Agathe para ter vontade de mudar.

Quando parei perto do caminhão de mudanças, ela me intrigou, a chinesinha dócil, chegando no fim do verão. Percebi imediatamente que ela ficou comovida, admirada, seduzida. Ouvir o clic na cabeça dela, aquilo me deixou lisonjeado.

Provocar um sentimento... Ser amado, ficar apaixonado por quem te ama, acreditar nisso... Que confusão. Não é fácil, o amor.

Pego um cigarro.

Eu não sabia, quando conheci a Agathe, que já estava apaixonado. Que já vibrava por uma outra, sem admitir para mim. Que a Agathe tinha soprado uma brasa adormecida.

Resmungo em voz baixa. Não sinto orgulho de mim. Como vou explicar para a menina que acredita no nosso amor que, na verdade, ela está sozinha... Um lapso, e tudo se complica.

Depois, vejo isso depois. O caso da Agathe não é urgente. Tenho que encontrar uma solução para a outra menina. Agora.

Releio os papéis que a advogada deu para o Vad. Ele não entendeu o que ela explicou e não foi capaz de me transmitir os conselhos dela.

Ligo o som, ponho uma *playlist* para tocar em modo aleatório. Finalmente, consegui as músicas que estava procurando. Preciso de música para me concentrar. Ouço a voz de Martin Angor. A advogada anotou uns endereços de Internet, uns *sites* jurídicos e de assistência social. Mas se eles forem tão complicados quanto os formulários, ainda vou ter que quebrar muito a cabeça. Abaixo o volume para deixar a menina descansar. Ela está precisando muito. Apoiado no batente, eu a observo sem me mexer. Seus pés descalços para fora do edredom, ela tem um corpo de criança. Sem a data de nascimento nos documentos dela, eu não teria acreditado que tem dezenove anos. Olhar para ela me comove de um jeito que ninguém nunca me comoveu. Por que você não está mais aqui, minha vó... Se ainda estivesse viva, eu a teria levado para se esconder na sua casa. Você teria me aconselhado. Você que me dizia, falando de amor: “Não se preocupe, meu Gilan, você saberá quando encontrar o amor. O verdadeiro amor é uma revelação”. Eu ria. Você me puxava a orelha com ternura, repetindo: “Você verá quando chegar a sua vez”.

Você teria gostado da Agathe, com certeza. Ela poderia me aconselhar como você fazia, mas não posso contar para ela ao mesmo tempo que eu não a amo e que essa outra menina está na minha casa...

Pobre idiota, encare as coisas: você subestima a Agathe. Você é que não tem coragem de contar tudo para ela, é você o imbecil, o traidor... Que não sabe mais para onde ir.

Vai, vai fundo nas coisas. Você só se apaixonou pela Agathe porque a outra menina tinha desaparecido. O clic amoroso, o seu, não aconteceu no caminhão de mudanças, mas na calçada da padaria! Essa menina que está dormindo embaixo do edredom, foi ela quem te passou o vírus do amor. Você cruzou com ela só por cinco minutos, durante cinco manhãs seguidas. Sempre calada, e você não se esqueceu mais dela... Bastou ela aparecer para a Agathe passar para o segundo plano. Não é fácil, uma menina como ela, que te impressiona com sua dor e silêncio. Com ela, você não sabe como agir.

Abro a janela em apneia, respiro. Era mais fácil amar a Agathe. Eu não me fazia tantas perguntas. Eu a beijava, passava o tempo com ela. Ela estava contente, era legal.

Ver essa menina dormindo na minha casa me deixa transtornado. Sem pensar, me aproximo da cama. Quando ouve meus passos, suas pálpebras se abrem, seus olhos me incendeiam. Ela se levanta rápido, se encolhe como um animal no canto da parede, coberta até as sobrancelhas. Fico imóvel até que ela se dê conta de que sou eu, apenas eu. Então ela relaxa, vem se sentar de pernas cruzadas na beira da cama,

procura meu MP3 e o fone embaixo do lençol. Me entrega. Pergunto:

— Quer comer? Comer?

— Sim.

— Chá?

— Sim.

“Sim” inseguros, mais leves do que um sopro.

Ouvi-la falar também me comove. A voz dela é música, corda que vibra, poesia. Nas manhãs na frente da padaria ela nunca se atreveu a falar. No último dia, quando estendi meu fone de ouvido para ela, pensei que ela ia desmaiar sem uma palavra.

Mas, desde que ela chegou em casa, aos poucos começou a falar. E fui eu que ela escolheu para ajudá-la. Sorriu com gratidão e corro até a cozinha para esquentar água, pego uns saquinhos de chá, entusiasmado. Vou aprender a língua dela, uma palavra, um som e tudo muda! Me ponho em ação, feito um rei em seu palácio. Ela vai me explicar de onde vem. Os hematomas, o medo. Por que ela está aqui, onde ela mora no bairro.

Quando volto para o quarto com dois pratos de macarrão e as taças, seu rosto se ilumina um pouco. A gente come, ela na cama e eu no chão. O rádio-relógio do meu companheiro de casa projeta a hora no teto, em grandes números vermelhos, o que parece deixá-la intrigada. Vê-la se interessar por um detalhe, por mínimo que seja, me deixa mais seguro quanto ao ânimo dela. Passou da meia-noite. Já é amanhã. Ela come devagar. Não tenta falar comigo. Eu não vou sair dessa fácil.

Meu celular toca. É o número do Vad. Atendo. Ele grita:

— Pode ficar com a sua fúria!

— Eu avisei.

— Você disse que ela era corajosa, não que dava pontapés.

— Ela bateu em você!

A menina fica surpresa com minha risada. Vou para o outro cômodo.

— Bateu de surpresa, tá achando o quê...

— Mas ela não te jogou na água gelada? Então, não reclama...

— Se você não fosse meu melhor amigo...

O Vad dá uma risada curta antes de dizer em tom ameaçador:

— Ela vai ver!

— Deixa pra lá.

— Respeito. Vou ensinar ela a ter respeito.

— Não encoste na Agathe. Ponto final. Vou te recompensar por isso. Quanto à convocação na delegacia, os policiais caíram na história?

— Você me conhece. O polícia, um perfeito idiota, me tomou por você sem desconfiar de nada. Fácil demais.

— Você me salvou a vida indo no meu lugar! Obrigado, irmão.

— Escuta o conselho do seu irmão, fica ligado na Agathe. Eu vi ela saindo, segunda à noite, do endereço onde os policiais pegaram o defunto. Isso tá cheirando a confusão.

— Vad. Ela estava cuidando do filho do cara na segunda-feira.

— É, por acaso. Ela estava com um jeito muito esquisito na hora do crime e tem técnica suficiente para matar um cara.

— Você está viajando.

— Se eu fosse você, cuidava disso antes que ela jogue esse crime nas suas costas. Ela é louca, estou avisando, pôs uma amiga pra me seguir hoje à tarde.

— Pra te seguir? Tá doido?

— Ela não me largava, a mexicana. Fugi por uma passagem subterrânea, aquela do restaurante afegão

do Asmir, pra chegar na polícia na hora.

— Você tá viajando.

— Quer que eu mande a foto dela? Tenho uma no celular! E agora há pouco, ela estava esperando a Agathe no barco-bar. Pequena, bem morena, de óculos, tipo índia, sabe?

— Você deve ter caído no meio de uma história entre amigas.

— Você conhece ela melhor do que eu, a sua fúria.

— Não mexe com ela.

— É, arruma aí uma loira *sexy* e desencana das suas chinesas.

— E os contatos pra sair do país, você e o Roux estão em que pé?

— Tá rolando, mais demorado do que o previsto. O momento está complicado. Eu vou te ligar.

Amanhã.

— Tá certo.

Sinto uma presença às minhas costas. A menina, de pé, procura um lugar para colocar o prato, faz gestos de lavar. Aceno que não e digo para o Vad:

— Espero você ligar, tenho que desligar.

— Não vai se deixar levar pela Agathe.

Tiro o prato da mão dela, mostro o banco. Ela senta, com as costas bem eretas. De braços cruzados sobre o tórax pequeno... Pequenos seios quase lisos, em vez de balançando como os balões das loiras... Por que o Vad está com tanta raiva da Agathe? A menina levanta em minha direção o seu rosto pequeno:

— Eu. Falar com você.

Ela para. Eu me sento de frente para ela, que espera com jeito de cachorro que levou uma surra. Tão bonita, apesar do terror à flor da pele.

— Sim. Fale, me explique.

No dia seguinte estou com a cabeça daquele tamanho. O coração apertado. O estômago na boca. A noite toda, ouvi o clone repetindo: “O Gilan não está nem aí para você. Ele tem outra”.

Tenho uma concorrente, uma menina com quem meu homem passa o tempo dele. O ciúme estraga minha manhã. As frases lançadas como flechas pelo Vad continuam o seu caminho dentro de mim. Devastadoras. Amargurada pelas suspeitas, me sinto num estado tão lamentável que prefiro fugir. Lucia-Paz me abraça, tensa de preocupação. Ela não está brava comigo, ela é minha amiga.

O frio que me morde dói menos do que o ciúme que me corrói. O dia não vem, a umidade estagna e, com ela, as imagens terríveis da noite. A dúvida me oprime. É duro, duro retomar o rumo da vida. No caminho, dou um euro para uma mulher que está encolhida ao vento, gostaria que tivessem piedade de mim, que me consolassem. Perdi a confiança no Gilan, me sinto traída. Me negando a ficar com gente dentro de um ônibus, volto para casa correndo. Uma corrida mecânica, desagradável. O ar, resfriado pela passagem sobre as águas geladas do Rhône, me arranca lágrimas. Meu nariz escorre. Sinto-me um lixo. Não confio mais em ninguém.

Sem afrouxar o passo, empurro a porta da entrada e subo os quatro andares de uma vez só. Nem sol nem lua no céu da claraboia. Mas o Jabuti me espera. Sentado nos últimos degraus da escadaria. Isso é assédio.

— Seu apartamento fica exatamente...

Além disso, não está nem aí para mim. Murmuro, mal-humorada, sem olhar para ele:

— Eu sei. Moro no centro do mundo.

— Exatamente, entre a padaria e a delegacia...

Percebendo de repente a expressão do meu rosto, ele se cala. Estou sonhando! Ele está com uma baguete embaixo do braço!

— Você é definitivamente a última pessoa com quem eu quero tomar café da manhã.

— Preciso do seu depoimento. Posso te dar uma carona.

— Tenho aula de chinês às dez horas.

— Chinês...

— Minha mãe é chinesa, eu estudo chinês, é normal! — Minha voz falha.

— Não demora. Você vai chegar na hora para a aula.

Procuro minhas chaves, dando-lhe ostensivamente as costas. Não gosto do seu jeito. Não é uma boa hora. Ele não pode me deixar em paz? Mas ele acrescenta, devagar:

— Você tem cinco minutos para se preparar. Eu te espero lá embaixo. De qualquer forma, você não tem escolha.

Por pouco os colegas dele não nos massacraram e ele vem se convidar para o café da manhã? Parabéns para a polícia comunitária!

Abro a minha porta com um chute furioso. Lá dentro meu dragão da sorte balança, meio solto, lamentável. O outro prego rolou não sei para onde. Mais um dia ruim pela frente, não aguento mais. Constato os danos no espelho. Enrugada como uma velha que passou a vida consumindo ópio ou num campo de reeducação durante a Revolução Cultural. Preciso de um tratamento de choque, rapidamente tiro a roupa e me jogo na ducha. Seis minutos depois, enquanto passo o batom cereja nos meus lábios, a lembrança do Vad perturba meu reflexo, me põe medo. Ele vai se vingar. Neste momento, tenho todo o interesse em me deixar acompanhar pelo policial. Enquanto procuro meu dicionário de chinês, dou uma olhada pela janela. O Jabuti está fumando. Veste um grosso cachecol listrado cinza e preto em volta do pescoço. Vê-lo na calçada me distrai por um instante. Mas não vejo mais graça em deixá-lo esperando.

Eu me tornei um bloco de gelo, sem emoção. Ligo para o Gilan, com uma necessidade urgente de que ele cale as minhas dúvidas. Surpresa! Ele atende:

— Agathe? Acabo de chegar no trampo. Tudo bem?

— Não. Você está se comportando como o pior dos...

— Agora não, Grão de arroz.

— Por quê? Você me...

— A gente vai se ver.

— Você quer que eu acredite nisso? Nunca mais me envie seu clone, eu...

— O Vad estava me fazendo um favor, eu estava na...

— Eu quero te ver! Hoje.

— Mas eu vou trabalhar!

— Ao meio-dia.

— Impossível. Amanhã.

— Não, tarde demais.

— Amanhã. Eu prometo, Grão de arroz, eu...

— Me ligue quando sair do trabalho.

— Agathe...

— Um beijo.

— Beijo.

O Gilan falou comigo, me sinto menos triste. Um pouco menos. Dou uma última olhada pela janela, o policial está no volante do carro estacionado na calçada. Não há proibições para a polícia. Desço rapidamente. O Gilan me atendeu. Depois dos agitados policiais à paisana, o Jabuti não me põe mais medo e quero saber mais sobre as coisas. Antes de sair, olho para a avenida, para a ponte. Finalmente, clareou. O motor está ligado, entro, ele dá partida, a gente se olha pelo retrovisor. Meus cabelos pretos estão molhados. Meu telefone toca, é a minha mãe. Minhas várias ligações a deixaram preocupada. Minto, digo que estou bem e pergunto quando posso ligar para falar com mais calma. Ela me responde: “Depois das vinte e duas horas”. Eu digo “beijos, mami”, desligo e dou um longo suspiro, vinte e duas horas... Deixei ela tranquila demais.

O Jabuti não faz nenhum comentário. Para a delegacia, na margem esquerda do rio. Concentrada em mim mesma, não penso em nada, respiro segundo minhas técnicas de preparação para uma luta. Ele estaciona no mesmo lugar e entra na delegacia usando a mesma tática.

Na recepção, um policial uniformizado aponta um policial à paisana que está esperando por ele. Sem parar, ele segue pelo corredor, me faz um sinal para que eu o siga. Estou começando a me acostumar com o jeito dele. De pé, atrás da tela, ele começa:

— Você omitiu que já tinha trabalhado para os Levallois. Mas de acordo com umas investigações na vizinhança, neste verão você já fazia compras para a família. Todas as manhãs da semana do dia 15 de agosto você foi à padaria próxima da residência deles.

Que bobagem! Se ele pensa que vai me pegar com essas especulações!

— Você era a primeira cliente, chegava quando a padaria abria e comprava um pão com cereais e dois *croissants*. Durante seis dias consecutivos. A padeira já estava avisada da sua presença. Impossibilitada pela gravidez, uma mulher recentemente instalada no bairro tinha pedido a ela que anotasse o valor das suas compras. O marido dela passou para pagar a conta no início do mês seguinte, em setembro.

As armadilhas dele estão cada vez mais grosseiras.

— Segundo as informações da padeira, a senhora Levallois confirmou ter contratado você na semana do dia 15 de agosto. Mas no primeiro encontro você olhou com tanta inveja para as joias que ela estava usando e para os objetos no apartamento que ela não ousou confiar a você o dinheiro do pão, com medo

de que você fugisse sem lhe entregar as compras. Aparentemente ela desconfiava muito de você.

Ele está me enchendo tanto que decido ir pelo mesmo caminho. Com um ar impassível, articulo como vi fazerem no cinema:

— A madame estava doente.

O Jabuti esconde mal seu estupor. Mas ele sabe que sei ser irônica e não deveria ter ficado tão perturbado. Ele não tira os olhos de mim e continua:

— Ainda segundo declaração constante nas investigações da vizinhança, a padeira diz que não viu você de novo até segunda-feira passada. Segunda-feira, no dia do assassinato, você chegou dois minutos antes do fechamento da loja para comprar meia baguete que, dessa vez, você pagou. O que me diz, senhorita?

Pista falsa por pista falsa, entro na dele fazendo minha voz de empregadinha:

— Eu tinha dinheiro comigo, a madame confiou em mim!

A cabeça do Jabuti se estica por cima da folha impressa que ele estava lendo. Seus olhos se aproximam dos meus. Dois gelos azuis, cínicos.

— Eu recebi seu namorado, ontem à tarde. Ele se mostrou mais solícito do que você.

Mentiroso! Continuar respirando, sem deixar transparecer. “O caratê leva à serenidade.” Fala sério, estou me torcendo por dentro.

— Ele parece legal, aquele rapaz.

Ele não pode ter visto o Gilan. Lucia-Paz passou a tarde toda correndo atrás dele. O Jabuti está me testando.

— Pelo menos, ele toma cuidado com a aparência.

Ele faz uma pausa, seus olhos azuis brilham de ironia.

— Mas toma menos cuidado com as companhias.

Mudo de assunto.

— O senhor está com o objeto que matou a vítima e o relatório da polícia sobre as impressões digitais?

— Claro. O taco de golfe está em nossa posse desde o primeiro dia das investigações. Na terça de manhã, um morador do prédio vizinho nos entregou. Ele estava dentro de uma das lixeiras da entrada do prédio. Na verde, para a coleta de papel... Estava enfiado no meio de todos aqueles jornais gratuitos distribuídos nas caixas de correio, nas vias públicas. Logo vai ser preciso recolher o lixo três vezes por semana, se quisermos manter a cidade limpa. Hoje elas são esvaziadas só uma vez por semana, às quintas-feiras. O assassino não sabia disso ou esqueceu, na pressa.

— E as...

— Impressões? São muitas, aquele jornalista fuxiqueiro tinha razão. Você, eu, toda a população de Lyon lê o jornal gratuito da noite. Você não joga golfe, senhorita?

— Não.

— Eu também não.

O telefone que está entre nós toca. Ele não atende.

— Então, se as impressões do assassino foram identificadas... posso ir para a aula?

— Perfeitamente.

— A que horas a vítima morreu?

— Você vai ler hoje à noite na matéria do fuxiqueiro. Assine aqui.

Leio rapidamente o texto impresso, não há nada além do resumo do meu primeiro interrogatório. Ele fecha a pasta.

Penso no Gilan, fico preocupada:

— Sem as impressões digitais do meu namorado você não pode envolvê-lo nessa história de assassinato.

— Verdade.

— Ele não tem nenhuma ligação com esse bebê nem com o pai.

— Como você tem tanta certeza?

— É por coincidência que o endereço dos Levallois fica tão próximo do dele! Não se metam mais no meio da nossa história.

O Jabuti me observa, surpreso com meu surto emotivo.

— Você só sai com ele há dois ou três meses, pelo que me disse.

— Sim.

— Sua mãe é originária do Sul da China. Em Angoulême você recebia com frequência visitas de primas e amigas, para ajudar no restaurante dos seus pais?

— Não, nunca. Minha mãe mantinha contato com a família dela que ficou na China.

Respondo de pronto. Seus olhos gracejam.

— Meus pais são honestos, pagam e declaram os funcionários.

Ele me dá tempo para pensar.

— Cada vez mais, asiáticas, principalmente jovens do Sul da China, chegam à Europa. Essas mulheres deixam suas regiões, onde as indústrias estatais estão em dificuldades, outras são obrigadas a abandonar a região rural, devido aos deslocamentos da população. Todas se exilam na esperança de ganhar dinheiro suficiente na França ou em outros lugares, para ajudar suas famílias. Elas dão dinheiro a atravessadores que as levam diretamente até o empregador. Sem que nenhuma autoridade europeia seja avisada da entrada delas no país.

— Não estou entendendo.

— Sabia que é muito difícil estabelecer um retrato falado a partir de testemunhos visuais? Nesse sentido, os novos recursos da informática nos dão uma ajuda considerável, e científica.

— ...

— Para um francês, por exemplo, é realmente muito difícil identificar um indivíduo de um grupo racial diferente do seu. Diante de uma pessoa proveniente de outro grupo, africano ou asiático, por exemplo, as características físicas que um europeu registra de maneira inata na sua memória não oferecem uma fonte de comparação suficiente para ele fazer uma distinção precisa. Enfim, é o que parece acontecer na maioria dos casos.

— Eu sei. Sempre sou tratada pelos franceses como “a oriental”, “a chinesa”. A maioria das pessoas não faz o menor esforço para nos diferenciar. Falam dos negros, dos ciganos...

Ele parece querer terminar o interrogatório com essas considerações de ordem geral. Não me mexo. Algo me retém. Estou cansada de mentiras. O Jabuti aproveita minha hesitação:

— Vou abusar da sua cooperação. Antes que o juiz de instrução encarregado do inquérito me imponha uma abordagem mais... mais administrativa, eu diria.

Ele espera, me analisa. Eu fico atenta.

— No fim da tarde, depois das aulas, me encontre na padaria... aquela onde seu namorado vai, na esquina perto da casa dele, sabe onde fica?

— Mas...

— Um acareamento no bairro pode ser um elemento essencial para que eu possa encontrar aquele detalhe que está faltando para nós. E que está faltando para você também, não é? Pois nós dois sabemos que você não morava em Lyon na semana de 15 de agosto.

A cabeça dele volta para dentro do cachecol macio que ele não retirou, mas os olhos dele piscam, elétricos. O nós que ele acaba de empregar me permite responder, sem rodeios:

— Está bem, eu irei.

— Bom. Dezoito e trinta, na frente da padaria.

— A hora da morte, você pode me dizer?

— Uma e quinze ou mais, um pouco depois que você foi embora. Talvez o assassino estivesse na escadaria quando você saiu da residência.

— Não prestei atenção, estava com pressa de voltar para casa.

— Para sua casa?

— Sim, enfim, não. Fiz um desvio pela rua do Gilan. Ele estava dormindo, só o quarto do companheiro dele estava aceso.

— Uma figura, ele veio depor ontem aqui no escritório, quando, segundo as nossas investigações, estava trabalhando em uma estação de esportes de inverno, nas alturas. O dono da loja de esportes passou o telefone para ele, sem a menor dificuldade. Os dois foram muito amáveis.

Eu o olho da porta. Sentado, ele diz, bem-humorado:

— Seu namorado é um brincalhão. Diga para ele, da minha parte, que apreciei bastante os serviços que me prestou ontem. Ah, na segunda à noite você não chegou a entrar na casa dele?

— Não.

Baixei a guarda cedo demais. Ele acrescenta, numa lentidão desesperadora, sem tirar os olhos de mim:

— Diga a ele que a justiça se aplica a todos. E também para ele tomar cuidado. Isso vale para você: seja prudente.

“Intoxicação alimentar.” Duas palavras mágicas, suficientes para meu chefe. Paternalista, ele me pergunta se estou melhor. Faço uma careta oportuna, uma cara de morto-vivo, porém corajosa, para me desculpar pelo atraso. Ele me mostra o cronograma e volta para o escritório. Os colegas vão para seus postos de trabalho.

É duro voltar, estou sentindo o sono atrasado. Minhas têmporas latejam, ainda não estou bem acordado. Prolongar minha licença seria arriscado, com a polícia em alerta, e eu prometi à minha vó ir até o fim nas minhas escolhas. Não posso ser mandado embora. Abro o armário de metal. O ranger da porta emperrada me traz à mente a imagem da menina perdida. Morta de medo, de angústia. Não suporto vê-la reduzida a isso.

Que vontade de quebrar tudo. Um colega põe a cabeça no vão da porta do vestiário.

— Estamos te esperando para o corte.

— Já vou.

Tenho que tirar essa menina da cabeça senão vou acabar prendendo as mãos na dobradeira. Fechei a porta do apartamento a chave. Ninguém irá incomodá-la. Ela parecia mais calma esta manhã. Mas quando fui embora o medo encobriu seus belos olhos. Tomara que ela aguento ficar lá, trancada e sozinha, o dia inteiro. Que não entre em pânico.

— Opa!

É meu bom-dia geral ao entrar na oficina. Que os caras gostam de ouvir. Ele fazem sinais de cumplicidade pelo meu retorno, riem. Sou o novinho, que eles encorajam, de quem adoram tirar sarro. Antes de baixar a máscara de proteção, troco uma piscadela com o Max, já no posto de soldagem. Me comportar como sempre, não deixar transparecer nada.

Antes de eu ir para as máquinas, eles me pedem para mudar de lugar algumas peças já cortadas. A manutenção ocupa o corpo, não a cabeça.

A chinesinha não me disse tudo. Ela tem muito medo de falar. Palavras, gestos breves, três toneladas de silêncio. Pouco vocabulário, com certeza, mas não é isso que a está bloqueando.

A mesma melodia volta a martelar minha cabeça. Desde o primeiro dia em que a ouvi, associei a ela. A chinesa muda. Sem saber.

Bela

Bela como um AK-47

Nas mãos de rebeldes

Quem te capturou, minha bela

Vou dilacerar

Com tiros de projéteis de fragmentação

Bela, bela como um AK-47

Meu amor, meu amor kalashnikov

Cantar sem parar não me impede de tramar, pelo contrário. No ambiente barulhento ninguém me ouve. Tudo tine, bate, do agudo ao grave. Sons, suor. Cada máquina tem seu próprio ritmo, único. Do vestiário se ouve um magma sonoro. Andando pela oficina, vejo os colegas em ação. Eficazes. Tramar dá a grana necessária para eles comerem, pagarem o aluguel... Para mim, também... Quando estiver cansado daqui, vou procurar trabalho em outro lugar. Não somos escravos. Existem direitos trabalhistas na França. O Max aguenta. Os outros, também. O chefe respeita os operários. Precisa da gente para funcionar. A chinesinha, ela precisa de liberdade. Depois, vai se sentir melhor.

Verifico a regulagem da cortadora. Posta em movimento, a máquina ronrona, trepada, dá a partida.

Chega de clandestinidade! Já a exploraram o suficiente!

Preciso me concentrar. As peças estão prontas. Fixo meu olhar nas marcas de corte. Posiciono a primeira peça.

As partículas de metal voam. Em cada faísca brilham seus olhos. Amêndoas negras que me incendeiam. Partir com ela.

O suor escorre da minha testa. A imagem dela embaça. Ternura rompida. Com as máquinas, estar atento, continuar assim. É a regra. Os gestos são novos demais para mim. Os colegas que já estão habituados, eles pensam em quê? Tenho que mandar bem hoje. Reassumir meu lugar. E que à noite eu durma. Mais uma noite em claro seria fatal.

Ao sair da delegacia pego sem pensar o mesmo ônibus que peguei ontem. Não estou nem aí para a faculdade, as aulas podem esperar. Hoje vou agir por instinto. Isso funcionou agora há pouco, quando fingi ser a empregada.

Vi algo muito claro lá no escritório do Jabuti, mas o quê? Apertada na desordem dos transportes públicos, eu divago. Há elementos demais, cansaço, rancor também. E a outra, a rica mentirosa, a senhora Levallois, com suas supostas joias roubadas! Que interesse ela tem em confirmar as asneiras da padeira? Diamantes e pérolas? Fala sério! Estou com raiva do Vad por ter me deixado desconfiada e cheia de amargura. Qual é o jogo dele, aquele imbecil?

O Vad, o Roux e os seus amigos traficantes estão tramando o quê? E o Gilan? O que eles estão fazendo juntos?

Esperar que as coisas se resolvam sem intervir não é minha praia. Quero entender melhor tudo isso antes de encontrar o policial hoje à noite.

De manhã a voz do Gilan estava tranquila, mas, estranho, carregada demais de emoções, diferente.

Quando salto do ônibus na alameda de Herbouville, estou decidida. Vou fuxicar lá pros lados da casa dele. Não é uma atitude exemplar, mas vai saber, talvez meu namorado esteja me levando na conversa. Ele não deve estar trabalhando hoje, como não estava ontem. Pelo menos avanço um pouco, em vez de ficar me lamentando nas aulas, chorando pelo belo Gilan. Não gosto de ser enganada. Já larguei outros caras, antes de pensarem em fazer isso. Então, mesmo louca pelo Gilan, está na hora de cair na real. Que o ciúme sirva pelo menos para isso!

No meu quarto e sala, deixo os livros pesados demais, acabo com mais um saquinho de gengibre e saio na sequência.

O céu está escurecendo, uma revoada de estorninhos desce sobre as árvores nuas da beira do rio. Detesto esses pássaros que vivem em bando, com tinidos tagarelas e estridentes. Detesto essa neblina, os gases dos escapamentos por sobre a merda de cachorro, o vento forte e gelado. Detesto o inverno urbano, o ciúme, o amor à deriva.

Além disso, enrosquei minha luva na porta do táxi. A malha desfiou na palma da mão esquerda. Com um buraco em forma de coração. Estou com o coração esburacado.

Meu homem, que adora minhas luvas, não dá mais sinal de vida.

E não consigo evitar que o texto de Baudelaire dê voltas na minha cabeça.

*Aqui é a choupana sagrada
Onde esta donzela enfeitada,
Sempre serena e preparada,
As mãos em leque no regaço
E nos coxins pousando o braço,
Ouve da fonte os sons no espaço:
De Doroteia eis a morada.
— Cantam a brisa e a água corrente
Sua canção entrecortada
Que embala esta infanta mimada.
De cima a baixo, docemente,
Untam-lhe a pele delicada
Com benjoim e bálsamo olente.
— Murcham as flores de repente [3].*

Agora que sei de cor, não sei mais para quem recitar.

Faz dois dias que não nos vemos, e isso não tem nada de surpreendente em dias normais, mas por causa dessa porcaria de história, agora é de um mau presságio sem fim. A lembrança da minha cabeça no casaco dele tem um sabor estranho. Não aceito guardar esse gesto na gaveta de lembranças do meu cérebro. Ainda é cedo demais! Vou lutar.

Dou uns fortes pontapés no amontoado de folhas ao pé da escada para me encorajar. O tarado não age durante o dia. Depois de uma última olhada para a curva do rio, me lanço. Direto em direção à escadaria do beco Souлары.

Correr é como nadar em um longo rio, mas o rio dura o tempo que eu quiser. Superar a si mesma para eliminar as toxinas do corpo e as bobagens da cabeça.

Vou limpar meu coração.

A escadaria é tão íngreme que puseram um corrimão de cada lado. A fumaça que exalo corre à minha frente. Entre duas curvas, os muros me cercam, partida e chegada não estão mais visíveis. Minha pulsação enlouquece. Acelero, dou meu máximo nesse trecho sem horizonte. As casas do alto aparecem. O dia frio imobiliza o beco. No final dos trezentos degraus, com os sentidos em alerta, contorno a grade. Com a respiração entrecortada, o abdômen contraído, dou um *sprint*. Os grafites passam. Um cachorro late por trás dos muros altos, fora isso, o silêncio. Corro para fora do beco. Inspiro longamente, tenho a sensação de flutuar ao ar livre. O frio arranha meu rosto e o suor escorre pelas minhas costas. O prédio do morto, o céu cinza, o canteiro de obras deserto, a vista é sinistra. Vólto a correr, pego a primeira rua à direita, paralela à rua do Gilan. Alunos saem do colégio técnico, outros assobiam para mim da quadra de basquete. Me viro, sigo mais devagar, com o rosto nas vitrines da lojinha da esquina. Relógios, vasos, brinquedos de plástico, bibelôs, uma porção de bugigangas vindas da Ásia em contêineres inteiros. Vigio os reflexos. Ninguém está me seguindo. O Gilan mora a três casas daqui. Quando eu vinha vê-lo, no fim do verão, da calçada eu ouvia a música dele. Sem subir, já sabia se ele estava lá ou não. Claro, com esse frio as janelas estão fechadas. O que não quer dizer grande coisa.

Não há código para entrar no velho prédio.

— Bom dia, senhorita.

A velhinha sorri para mim, diminui o passo ao cruzar comigo no hall. Eu percebo sua vontade de conversar, ela gosta de mim. Assumo um jeito apressado até ela sair. Ler o nome dele, “Gilan Ferri”, na caixa do correio me perturba, não me sinto bem com a ideia de espioná-lo. Desligo meu celular. Não tem ninguém na escada, subo com cuidado. Paro no segundo andar, o ouvido atento, nenhuma música vem do apartamento dele, no andar de cima. Subo rapidamente o último andar, bato na porta. As duas batidas ressoam no vazio. Espero um pouco, bato mais forte. Nenhuma reação. Dou batidinhas ritmadas, ufa! Ele não está! A sensação de alívio me faz sorrir. O Gilan não está na casa dele. Está no trabalho, eu estava na pista falsa, me sinto ridícula. Reconfortada, sento no chão, encosto na madeira sem fazer barulho. Tenho todo o tempo do mundo. Atrás de mim, o apartamento, o quarto... A cama, nossos jogos de amor...

Me sobressalto. Abafo um grito, com a mão na boca. Engulo meu grito, ponho a mão na boca.

Um vidro! Um vidro acaba de quebrar, lá dentro!

Desesperada, com a respiração suspensa, fico imóvel.

Ouvi um copo se estilhaçando no chão.

Tem alguém no apartamento. Quem?

Do outro lado da porta a pessoa não se mexe mais. Um instante suspenso. Permaneço com o corpo grudado, o ouvido colado na madeira. Espero. Ouço um passo leve. Real ou imaginário?

Tensão insuportável. Vontade de gritar. Do outro lado, um movimento imperceptível me impede de gritar. Alguma coisa esfrega. Os pedaços de vidro tinem, arrastados pelo chão. Alguém os recolhe o mais discretamente possível. Gilan? Por que a descrição? Ouço uma exclamação. Fico petrificada. Uma palavra em chinês! Solta, em pleno silêncio. Fico surpresa. Dói. Sinto-me duplamente traída. Atrás da porta, a mulher se calou. Há uma chinesa na casa dele. Ela deve ter se cortado. Mas o que ela está

fazendo na casa do meu namorado? Estou horrorizada. De cólera, de dor, tenho vontade de explodir a porta. Me atirar sobre ela. Americana, árabe, russa, ela podia ser de qualquer lugar do mundo, mas não, ela é chinesa! Ela recuou, não ouço mais nada. O Gilan não veio ajudá-la. Ele não está e isso é ainda pior. Ele foi trabalhar e a deixou dormindo! Onde ele encontrou essa chinesa?

Perturbada, me afasto da porta com cuidado. De repente, tenho medo de ser desmascarada. Espero grudada no corrimão, pronta para uma reação vinda do apartamento, esperando por ela. Não sei mais o que quero. Com os joelhos tremendo, desço para o andar dos velhos. Poderia fazer perguntas para a vizinha. Eu me odeio, tomada pelo ciúme, ajo como uma idiota.

Com lágrimas nos olhos, corro até perder o fôlego por ruas que não conheço. Uma dor selvagem me devasta. Me destrói.

Desde que ocorreu o assassinato, o Gilan e eu fomos lançados, cada um, para uma margem diferente. Um rio corre no meio. Um terceiro rio, violento, agitado, onde boiam os escombros do amor. Meu corpo é uma carcaça vazia.

Meus pulmões explodem, liberam um longo grito.

As pessoas em volta me observam. Volto a mim.

O chão frio sob meus joelhos. Cãibras nos pés. Um formigamento intenso invade minhas coxas, meus braços. A barriga dura, uma pedra, um saco de pedras. Não me mexer. Os cacos de vidro na pele na ponta da mão que ficou insensível. A outra mão no chão. Pronta para a largada em uma corrida impossível.

É a minha senhora. Eu ouvi ela respirar atrás da porta. Ela me encontrou. Vai voltar para me buscar, para bater em mim até a morte.

A infelicidade vai se abater sobre mim mais e mais. As forças me abandonam. Faço um pedido: desaparecer. Para sempre. Não sofrer mais. Não sentir mais vergonha.

Passos na escada. Ela chamou reforços. Um toque de campainha no andar de baixo. Alguém responde. As vozes chegam até mim abafadas, deformadas. Será a voz da minha senhora? Sua voz pode adquirir formas tão diferentes, assobiar como uma cobra má quando manda em mim, fluir como um doce rio de mel para o bebê, voar com leveza para cativar o meu senhor. Continuo ouvindo. Minha falta de jeito me denunciou. O rapaz gentil não poderá mais me proteger. A discussão se atenua, só uma voz sobe: a de um homem velho. A porta se fecha. O silêncio se prolonga. Obrigada. Ainda vou viver.

O chão sob minha mão tem uma pequena mancha de sangue. O pedaço de vidro está fincado na palma da minha mão. Retiro, vou até o quarto, subo na cama, sem ousar abrir a água para limpar o machucado. A voz do velho reavivou minhas lembranças. Tantas agulhadas de dor que despertam. Para meu pai, eu era a alegria da casa, cantando de manhã até a noite. Preparando a refeição com minha mãe, fazendo companhia nos seus passeios dominicais. Dores. Eles não vão saber de nada. Jamais ousarei voltar para perto deles. Eles não vão saber da humilhação, da vergonha. Da imensa vergonha da filha deles. Deixei os dois para nos salvar, na esperança de ganhar dinheiro para ajudá-los a viver. Por quê? Por que o azar se agarra à nossa família? Nasci no dia errado, na lua errada?

No dia em que a fábrica fechou as portas, meu pai não tinha mais trabalho, minha mãe chorava. As oficinas da região fecharam, uma depois da outra. Minha família foi desapropriada, como todas aquelas do vale, já que nossa casinha seria coberta pelas águas. A cheia do rio ia engolir os campos, as estradas, os vilarejos, o passado. A horta, pacientemente cultivada por minha mãe, representava apenas uma ínfima parcela da imensidão inundada. Meus pais não sabiam onde iriam recomeçar suas vidas.

O folheto impresso com tinta vermelha estava afixado em uma vitrine, também o vejo colado no hall da estação. Eu o lia todos os dias. Não havia mais esperança em nossa região. Conversamos bastante sobre isso em família, na casa da minha segunda tia que nos abrigou. Uma vez tomada a decisão, meu pai pediu dinheiro emprestado a uns velhos amigos para pagar minha viagem para a Europa. Minha mãe chorava com uma frequência cada vez maior, de dia e de noite. Sozinha eu não teria tido coragem de partir, mas éramos cinco do nosso antigo bairro a tentar a aventura. Cinco meninas que se conheciam desde a infância, que frequentaram a mesma escola e que agora estavam prestes a trabalhar duro para salvar suas famílias. Tenho pena delas. Forçadas a emigrar para conhecer os mesmos sofrimentos que eu. Os homens que vieram nos buscar na casa dos nossos pais para nos levar para a Europa nos separaram na noite seguinte. Só um deles ficou comigo e com outra menina, a mais jovem do nosso grupo. Ainda estávamos na China. Os homens estavam nos separando, quando tinham prometido o contrário às nossas famílias. Eu não soube enxergar nesse ato o signo da mentira. Depois, depois era tarde demais. Não vi mais a luz do dia até chegar na cidade de prédios tão altos, tão bonitos, que voltei a acreditar na minha sorte. De vidro, eles se refletiam no mar. O sol estava quente, os carros eram reluzentes e numerosos, os moradores, ricos. A pequena foi embora primeiro, com um casal. Segui meu senhor e minha senhora sorrindo, assinei um contrato com um salário em dólares. Estava feliz por estar em uma família honesta, em um lugar bonito. Estava orgulhosa por ter trabalho, feliz com a ideia de mandar, em breve, dinheiro

para casa. Ainda lembro de mim no primeiro mês, trabalhando, trabalhando para mostrar minha boa vontade, meu conhecimento! Levei muito tempo para entender. Não podia acreditar no que estava acontecendo comigo.

Os gritos e a música me tiram dos meus pensamentos. Um grupo de crianças, amontoadas no carrossel de aviões, gargalha. Quanto tempo fiquei assim, perdida?

Não comi nada o dia inteiro. Com o coração na boca. A voz do Gilan nos ouvidos, misturada ao grito da chinesa.

Imersa em minhas dúvidas, incapaz de cair na real, hesito em atender a terceira ligação de Lucia-Paz. Atendo.

— Estou na faculdade. Entre duas aulas. Agathe, tudo bem?

— Não muito.

— Nem um pouco, pela sua voz. Tem novidades?

— Passei na casa do Gilan. Vou te contar os detalhes mais tarde. Tem uma menina, uma chinesa, na casa dele. As frases do policial voltam à minha mente e suscitam dez mil perguntas sem respostas.

— O que ele te disse, o policial?

— Segunda-feira o Gilan não saiu com os amigos e também não foi me encontrar porque tinha visita.

— E você acha que ele estava com a menina?

— O texto dele foi encontrado no local do crime, falava de cabelos cor de graúna, de nanquim... Ele nunca me deu aquele texto.

— Relaxa! Se a menina jogou no lixo um texto escrito para ela é porque não gosta de quem escreveu. Ela não quer saber do Gilan!

— Lucia-Paz...

— Cai na real, Agathe! Tenho que voltar para a aula. O que você vai fazer agora?

— Vou me encontrar com o policial. A investigação deveria avançar mais rápido. Enfim, assim espero!

— Que bom! E você não disse nada! Coragem, vai. Até.

Minha amiga soube encontrar as palavras para destravar meu cérebro, me dar um mínimo de confiança. O suficiente para que eu vá para o meu encontro.

Me apresso, sob os néons da festa e dos carrosséis, evitando olhar para os casais nos carrinhos bate-bate. Avançar de corpo fechado, sem me emocionar. Não agora. O Jabuti está me esperando. Aquele policial esquisito toma decisões sem lógica nenhuma.

Chego à grande rua comercial. De lá, refaço o itinerário de segunda à noite, quando fui cuidar do bebê dos Levallois. Nem por um segundo, pensei no bebê, depois da morte do pai.

Espero ver o sem-teto em volta do braseiro, o cheiro das castanhas, mas a entrada da garagem está vazia.

Evitando o prédio do morto, viro na primeira rua à esquerda, em seguida à direita para chegar na padaria da esquina. O letreiro está iluminado. Uma silhueta alta sai de uma galeria, perto de mim. Estou aliviada com a presença do Jabuti.

— Pontual. Obrigada.

Ele me olha, percebo sua hesitação.

— Pensei em tirar meus casacos para a acareação.

Estou pronta para fazer tudo o que for necessário. Preciso saber. E rápido.

— Seria melhor, sim. Vamos até o meu carro, ali.

Ele abre a porta de um carro de cor caramelo. O estofamento, o cheiro de plástico novo e o calor me surpreendem.

— Este é meu carro pessoal. Para esta noite, era melhor.

No banco de trás, tiro o moletom, o casaquinho, a blusa de gola alta. Quando ele se volta, estou tremendo em uma enorme camiseta de mangas curtas. Ele faz uma careta.

— Mais real do que nunca.

Tira um lenço colorido do porta-luvas:

— Põe isso na cabeça.

Quando começo a enrolar, ele me interrompe:

— Não como um véu muçulmano, como...

— O xale de uma avó?

— Isso.

Dou um nó embaixo do queixo e ajeito as longas pontas ao longo do corpo.

— Perfeito. Na verdade, a escolha é sua. Isso está fora dos procedimentos. Em uma investigação, podemos ter interesse em agir fora da legalidade. Não estou te ensinando nada de novo.

Tiro as luvas, abro a porta:

— Vamos.

É uma padaria clássica, com uns sininhos na porta, vitrine e caixa, na frente das prateleiras onde ficam expostos os pães e as baguetes:

— Senhor inspetor, estou encantada em revê-lo!

A padeira, ao me ver atrás dele, exclama:

— Aí está nossa chinesinha!

Ela balança a cabeça, encarando minha franja preta colada à testa, por baixo do tecido.

— É ela mesma.

Absorto, contemplando os saquinhos de croissants velhos em promoção, o Jabuti pergunta, com ar de quem não quer insistir:

— Tem certeza?

A padeira dá a volta no balcão, se aproxima. Ela quer fazer a coisa direito. Não mexo um músculo do meu rosto. Por dentro, meus ossos se entrecrocavam e meu sangue ferve como a lava de um vulcão.

Vejo-a dirigir o olhar para as minhas pernas. Estou vestindo uma calça jeans *stretch* justa, por baixo da camiseta comprida. Ela faz uma careta. Seu olhar me percorre dos pés até as coxas. O mercado de escravos era alguma coisa parecida com isso, antigamente. Ele pergunta:

— É a moça que a senhora viu, várias vezes, no seu estabelecimento?

— Não sei mais. Ela vinha com as pernas de fora e sem meias, só tênis. No verão, tudo bem, mas numa segunda-feira à noite! Mesmo com a temperatura abaixo de zero... Não sei o que dizer... Outro dia, estava bem mais magra.

— Vamos, a senhora vendeu pães para ela todas as manhãs, durante uma semana, num horário em que há poucos clientes. Olhe bem para ela. Ela está na sua frente.

— Os tênis não são os mesmos, eram uns baratinhos. Ela pode ter engordado desde aquela época, não? Os braços eram tão magros. Veja os músculos dela hoje, os ombros... E os olhos... Os olhos são menos chineses. Ah, esses estrangeiros que vêm aqui em busca do paraíso e...

— Agradeço.

O Jabuti interrompe a padeira e a encara:

— Qual é sua conclusão, senhora?

— Não sei dizer... Como posso responder, senhor inspetor...

— Com um sim ou com um não, ainda é a maneira mais simples. Seu testemunho é importante para a investigação. A senhora a reconhece?

Passam-se alguns segundos. Ela se decide.

— Na verdade, não acho que seja ela.

Ela avança em direção à porta e acrescenta, sob pressão:

— Isso não impede que o que eu lhe disse seja verdade.

— O quê? O que a senhora disse?

Ela me estuda mais uma vez antes de responder:

— Ah, o que eu disse ontem para o senhor, inspetor.

Com um breve olhar, o Jabuti a encoraja a prosseguir.

— Que essa menina logo passou a ser esperada por um marmanjo. É impossível me esquecer dele.

Um bonitão mal-educado, que não se dá ao luxo de tirar o fone de ouvido para falar com a gente. E que até pôs os fones no ouvido da chinesinha. Debaixo do lenço dela! Foi o que eu disse, senhor, inspetor: ele pôs ela para escutar a música dele, na frente da loja, quando a chinesa saiu de repente. Como se alguém fosse castigá-la pelo atraso. Ela estava sempre apavorada.

A padeira me dá as costas para falar a sós com o Jabuti:

— Viu, senhor inspetor? Apesar de tudo, eu sei observar!

Arranco o lenço. Saio sem dizer nada. Estou envergonhada. Tenho vontade de vomitar. De onde ela surgiu, essa chinesa miserável? Por que o Gilan se interessou ela? O que ele está fazendo com ela?

Na rua, os pedestres terminam de fazer as compras para o jantar. Uma mulher passa com um bebê todo agasalhado, coberto até o nariz dentro do carrinho. Me olha apreensiva, tremo ainda mais. Bato os dentes, ao passar debaixo de um poste de luz. O Jabuti finalmente me alcança e me oferece um saquinho aberto. Não. Obrigada. Faço cara feia, com nojo. Não tenho vontade de comer nada que venha daquela padaria. Ele me pega pelos braços:

— Vem depressa para o carro, você vai pegar uma friagem.

Grito, com raiva:

— Estou de saco cheio dessa história.

Ele abre a porta traseira do carro para mim, liga o contato e, imediatamente, a ventilação sopra um ar quente, pelando. Ele me olha pelo retrovisor com um ar malicioso, ou melhor, satisfeito. Me visto rapidamente. Despenteio os cabelos e, com o cotovelo apoiado no encosto de cabeça, com a franja preta na frente dos olhos, eu o vejo devorar os produtos da padaria. Magro e voraz. Finalmente, estendo a mão antes que ele engula o último brioche com pralinê.

Comer me ajuda a relaxar. No carro dele, me sinto protegida. Aquilo que me incomodava desde o início desta história começa a vir à tona. As palavras me vêm lentamente:

— Hoje à noite ou amanhã, você vai lavar roupa, passar, guardar a roupa limpa no armário ou no *closet*. Ou então, sua mulher vai fazer isso. Sua impressão digital vai ficar nas roupas. De manhã, você engraxa os sapatos. À noite, você limpa a mesa, varre, pega o controle remoto da televisão...

Seus olhos refletidos no espelho me fotografam:

— Os objetos que você usa no dia a dia vão ficar cobertos com as suas impressões digitais ou com as da sua mulher...

— Não sou casado.

— Da pessoa que faz a faxina.

— Não tenho faxineira, mas continue.

— E você não joga golfe, eu sei.

— Na poesia que encontramos no pátio dos Levallois está o endereço do seu namorado. Anotado no verso.

Ele dá duas voltas no cachecol, levanta a gola do sobretudo, desliga o motor.

— Vamos até a casa do seu namorado.

— Seja lá o que estiver pensando, meu namorado não é o culpado. O Gilan não é um assassino.

Sua inocência, feito uma muralha, para que nem tudo esteja perdido. Em meu coração partido, incompreensão, desilusão, amor, desejo, giram num turbilhão. Se for preciso, terei forças para apoiá-lo.

Ele desce. Eu o detenho, indicando o outro lado da rua, alguns números à frente.

— O Gilan não deve ter voltado ainda. Ele mora no prédio antigo, aquele colado no único prédio moderno da rua. Está vendo?

— Terceiro andar?

É mais uma afirmação do que uma pergunta. Andamos em silêncio. É estranho caminhar no mesmo ritmo que ele, nunca pensei que um dia fosse compactuar com um policial. Com as mãos no bolso, ele se cala. Vendo a gente andar assim, ninguém diria que ele é um policial. Paro bruscamente na frente da entrada do prédio do Gilan. Indico a luz que acaba de acender no terceiro andar. Sussurro:

— É o quarto do companheiro dele.

— Tem alguém lá. Você tem certeza que seu namorado ainda não chegou?

— Normalmente, ele estaria na oficina. De manhã eu vim aqui. Ninguém atendeu, mas tinha alguém na casa dele.

— É claro. Não vamos perder tempo. Vá bater na porta dele. Eu vigio o apartamento. Se você não descer rapidamente, eu subo.

Subir a pé. Lentamente. Dar um tempo para deixar decantar essa mistura dissonante em mim.

Bato. Nenhum barulho lá dentro, nem música, nada. Nenhum movimento.

Conto até dez, bato uma segunda vez. Mais devagar. Desço, cantarolando alto o bastante para que minha voz seja audível a uma orelha colada contra a porta. Lá fora, me afasto do prédio pela calçada, sem olhar para trás.

O Jabuti vem ao meu encontro, indica o banco na esquina da praça. De lá, me mostra o andar do Gilan, a luz na janela se apagou.

Permaneço no escuro, minhas lágrimas escorrem, um rio se forma. Sei que virão me buscar. Meu senhor, minha senhora, com a polícia. Não aguento mais. Que venham logo, acabem com isso. Bato os dentes. A pessoa que bateu na porta e desceu cantarolando não era nem meu senhor nem minha senhora. Fico mais calma. O patrão não pode mais me ameaçar, ele está morto. Não sou mais a escrava dele. Nunca mais serei. Volto para o quarto, me deito debaixo do edredom. Estou na casa do rapaz gentil. Ele é forte, a ternura dança em seus olhos. Ele é amável. Vai me proteger. A primavera voltaria se eu ficasse com ele. A vida ganharia cores novamente, eu voltaria a andar pela estrada, entre os campos. É noite, logo ele vai chegar. Mas, de manhã, reparei como estava preocupado.

Eu não tive irmão, o filho dos vizinhos cuidava de mim, me esperava para me acompanhar até a escola. Eu aprendia rápido nas aulas. Fui bem educada por pais amorosos.

Sou um ser vivo, minha vida vale tanto quanto a dos ricos. Da miséria eu podia sair, mas agora serei para sempre culpada.

Quando senti a mão dele apertar meu braço, me segurar e me jogar para dentro, eu me vi trancada para sempre na casa deles.

Para não morrer sozinha na casa do meu senhor, me debati com a energia que o desespero me dava. Para reencontrar meus pais, fugi em direção ao desconhecido.

Tive coragem porque o rapaz conversou comigo, me deu a música dele e também um papel. Ele tinha desenhado uma casa ao lado de três linhas no verso da folha. Eu não estava mais sozinha. Tinha reencontrado o instinto de sobrevivência.

Ontem à noite, compreendi que ele realmente queria me ajudar. Do fundo do coração. Eu tinha que falar com ele, não podia deixar o pudor, o medo, a vergonha me massacrarem, me afastarem dele.

Tentei contar, com números, rabiscos num papel. Um pouco.

As dezessete, dezoito horas de trabalho, a faxina, a cozinha, a costura. A proibição de sair no terraço. Trancada de dia no apartamento e, de noite, no cubículo entre o quarto do bebê e o telhado. Uma batida no teto para me fazer descer. Os tapas da minha senhora na cabeça, no peito. As surras de taco que levo do meu senhor. Sempre nas pernas, para me fazer trabalhar mais rápido, cada vez mais rápido.

Minha senhora nunca estava satisfeita, e era exigente, malvada comigo. Me obrigava sempre a refazer. A comida retirada como punição. A humilhação de ser menos do que um animal.

De todas essas crueldades marcadas na minha cabeça, no meu corpo, contei alguns trechos. O rapaz não entendeu tudo. Melhor assim.

Mas eu vi a raiva crescer nele. Seus olhos lançavam raios, de punhos fechados ele ficava rondando. Senti que precisava se vingar. Ele estava sofrendo.

À noite, quando achou que eu estava dormindo, chorou como uma criança.

Não pude contar o que aconteceu de verdade.

Fui livre durante algumas horas. Não serei nunca mais.

O rapaz não vai poder me proteger.

Atravessamos a praça. Os brinquedos sobre molas e a cabana para escalar estão desertas, a vida se concentra na frente da pizzaria, carros em fila dupla, risos e luzes. As melhores pizzas para viagem do bairro, posso garantir. Na minha primeira noite na casa do Gilan, descemos para buscar comida.

— A que horas ele chega?

— Daqui a meia hora, se as baldeações estiverem funcionando.

— Vamos esperar no café ali em frente.

Na minha situação, não adianta recusar. Dois homens no balcão, as mesas vazias, um bar clássico, esquecido pelos jovens da moda.

Peço um chocolate quente para sentir o calor entre as mãos e ver a espuma desaparecer. O enorme moletom que vesti guarda, em cada fibra, aquela mistura característica que eu imaginava ser o perfume do nosso encontro. O amor precisa de sinais para existir, enfim, essa é mais uma das minhas ilusões. Eu o amo, ele sabia, mas e ele, quem ele ama realmente? Uma chinesa ou outra, isso não vai mudar muita coisa para ele. A ironia me leva a fazer uma careta.

— Você deveria falar com ele, antes que ele faça uma besteira. Explique para o seu namorado que...

— Gilan, ele se chama GILAN. Não sei mais se é meu namorado.

Ele contempla a sua cerveja de Natal, cor de âmbar, ainda mais avermelhada pelos reflexos das lampadinhas penduradas atrás dele. Preciso saber mais antes de ir até a casa do Gilan.

— O que é que pôs você nessa pista?

Ele fala pausadamente:

— O comportamento da senhora Levallois estava me intrigando, ela acusava você com violência, num discurso carregado de racismo. Expressava seu desprezo, convencida de que pobres e estrangeiros são a escória da sociedade. Em Dubai, como em outras cidades do Golfo, é possível se adquirir rapidamente o costume de se fazer servir por cingalesas ou por meninas do Sul da Ásia. A ideia me veio quando descobri o nível de vida que o casal Levallois levava na Arábia Saudita.

Ele olha para mim:

— E depois você, com um tipo chinês pronunciado.

— A coincidência era perturbadora.

— De fato, logo surgiu uma segunda chinesa na investigação, como uma sombra sua. A padeira reparou nela, ela foi apontada pelos vizinhos idosos do Gilan. Eles viram os dois juntos na segunda à noite, pelo olho-mágico da porta. Uma presença clandestina.

Não é fácil calar meus sentimentos. Engulo saliva para conseguir falar:

— O Gilan me contou que, no fim de agosto, ele estava trabalhando em uma obra e comprava sanduíches assim que a padaria abria. Foi para me explicar o tema do texto dele, aquele que você encontrou e que fala sobre o prazer de comprar pão de manhãzinha. Os olhos de amêndoa sob uma franja cor de graúna. Ele leu uma vez pra mim...

Não revelo a ele que tomei aquele texto pela narrativa de um sonho romântico. Era tão bem escrito, terno, magnífico, que achei que fosse uma declaração. Que ele fazia para mim, Agathe. A menina para quem ele cantava sem acompanhamento. Apenas com a voz. Expirar. Relaxar os ombros, esvaziar o tórax. Ser um corpo vazio de ar por alguns segundos, depois voltar a inspirar.

Ele continua olhando para a cerveja sem beber, me dá um tempo, depois retoma:

— Eis minhas conclusões: os Levallois tinham uma empregada...

— Empregada? Prisioneira, isso sim!

— Ela foge na segunda, durante o dia. O senhor Levallois contrata imediatamente uma primeira *baby-*

sitter para poder sair à procura da empregada, ou da escrava. O termo escravo, hoje em dia, é de fato empregado quando se trata de acusações nesse sentido.

O mal-estar que senti ao ver o retrato do pai fazia sentido. Aquele homem compartilhava com aquele anormal um sentimento profundo de desprezo em relação às mulheres.

— Ele sai à procura dela, convencido de que vai encontrá-la rapidamente. Ela não conhece ninguém, nunca saiu, exceto para fazer compras na padaria. Mas ela consegue escapar durante o dia. Sem dúvida, teve sorte ou alguém teve pena dela. É aqui que entra o Gilan Ferri. Na frente da padaria, quando entrega o fone de ouvido, ele dá a ela um texto com o endereço dele no verso. A menina desconfia que ele mora perto da padaria. Na segunda-feira, ela encontra uma maneira de se refugiar na casa dele. Em que momento? Ainda não sei. O Gilan abre a porta para ela e a esconde.

— Vendo que o tempo está passando, o pai me contrata para a noite. À uma da manhã, ele volta de mãos vazias. Ou então continua rodando pelo bairro, deixando o bebê sozinho...

— Os escravocratas confiscam os documentos de seus empregados para impedi-los de fugir. É uma regra nesse tipo de exploração. A clandestina precisa reaver seus documentos de identidade para recuperar a liberdade e sair do país. Vamos supor que ela tenha voltado ao apartamento dos Levallois por volta da uma da manhã...

— Na hora errada. Eu já tinha ido embora, ela dá de cara com o pai.

— O senhor Levallois se recusa, claro, a devolver os documentos e a liberdade dela. O confronto acontece no *hall*. Ele a obriga a ficar. Mas as coisas dão errado.

— A menina pega o taco de golfe, eu me lembro dele guardado na entrada. Ela bate na testa dele. O homem cai no pátio.

— A não ser que ela não tenha voltado sozinha para o apartamento dos Levallois, mas acompanhada.

— Ela estava sozinha.

Falo sem pensar. Cada um absorvido em seus próprios pensamentos, permanecemos calados. Quanto mais fico sabendo, mais tenho certeza de que o Gilan se apaixonou por ela durante as manhãs do mês de agosto. Ela desapareceu e eu cheguei. Ele teve uma queda por mim, sem refletir. Uma nova chinesa no bairro, ele se atirou. Eu era apenas a outra. Um comportamento doentio ou inconsciente? Os caras não são românticos como nós, meninas. Será que pelo menos ele me amou um pouco?

Quando saio dos meus pensamentos, seus olhos carregados de eletricidade me confortam. É uma figura, esse policial que está à minha frente. Azuis, seus olhos me apoiam em silêncio, me sondam. Olho para eles sem piscar.

— Não sei seu nome.

— Schneeberger... Lucas.

Quando fica surpreso, suas sobrancelhas formam um triângulo na sua enorme testa de intelectual.

— Agathe, meus colegas estão desmontando uma importante rede de tráfico de drogas em Lyon. A operação começou esta tarde, em vários bairros simultaneamente.

Prendo a respiração, atenta ao que virá. Seus olhos azuis me compreendem:

— Seu amigo Gilan não está envolvido em nada disso. Pode ficar tranquila.

— Obrigada.

— Não posso dizer o mesmo dos amigos dele. O Vad e o Roux estavam sob vigilância do GIR, o Grupo de Intervenção Regional, no âmbito de uma instrução judicial. O Vad, que não desconfiava de nada, veio depor no lugar do seu amigo, no nosso escritório, foi ele que a sua amiga da universidade seguiu. Meus colegas, que estavam atrás do Vad, quiseram aproveitar a oportunidade para prendê-la em flagrante, convencidos de que ela tinha pego mercadoria, principalmente cocaína, em um pátio atrás das ladeiras da Croix-Rousse.

Lucia-Paz acertou na mosca, os policiais estavam atrás dela por causa da perseguição. Eu tinha razão de não gostar dos amigos do Gilan, meu instinto não tinha me enganado.

— Eles eram traficantes, eu bem que desconfiava.

— Meus colegas abordaram eles hoje à tarde. Foi uma bela pescaria! O Roux é suspeito de ser o chefe de um braço local de uma rede internacional. Um adepto de métodos violentos para manter os traficantes na linha. O Vad, entre outras coisas, recrutava. É um meio muito perigoso.

Eu me dou conta de que a coisa poderia ter acabado mal para Lucia-Paz e para mim, também. Ele para as explicações e faz um gesto:

— Olha! As luzes na janela do terceiro andar acabaram de acender!

Consulto a hora dando uma olhada no relógio dele.

— É a hora em que ele chega. Vou falar com ele.

— Você acha que consegue?

— Acho que sim. Vou subir sozinha no apartamento. Vou tomar cuidado para não assustar a clandestina.

— Com a sua aparência, ela deveria sentir menos medo. Vamos.

O Jabuti tem razão. Nascida de pai francês, me pareço tanto com minha mãe que pensam que vim direto do país dela, onde jamais coloquei os pés.

— Você fala chinês fluentemente?

— Eu me viro.

— Enquanto você sobe, vou pegar meu carro. Vou estacionar atravessado na calçada, na frente da porta do prédio. Você sabe que eu também estou me arriscando. Se meus superiores descobrem que estou agindo por conta própria, vou direto para a geladeira.

— Por que você está fazendo isso?

— Certos casos de custódia ou de indiciamento de jovens acabaram mal. Alguns com consequências dramáticas.

— Não é de se estranhar, tendo em vista o procedimento dos policiais à paisana!

— Quando se trata de mafiosos ou de traficantes, eu não tenho escrúpulos.

— É raro um policial de bom coração...

— Digamos que eu gostava de um desses jovens cuja custódia preventiva terminou mal. Desde então, não quero mais correr riscos dessa natureza.

Seu *walkie-talkie* emite uns ruídos, ele atende enquanto segue em direção ao carro. Não saberei nada além disso.

Caminho lentamente atravessando a praça. Não sei o que vou dizer para o Gilan. Gostaria de ouvir ele cantar um texto escrito para mim. Reconquistá-lo. Que a clandestina fosse mandada de volta para o país dela. Ela é a culpada! Não, não é verdade. Balanço a cabeça, as lágrimas se desprendem dos meus cílios. Não sou assim, não. Vou ensinar caratê para as meninas dos países pobres, vou ensiná-las a se defender. Sou a heroína d’*O tigre e o dragão* que voa com o sabre nas mãos.

O excesso de emoções e tensões se transforma em um riso nervoso. O Gilan não é traficante. O Gilan é inocente. A risada me aquece. Correndo, percorro os últimos metros que me separam do prédio.

No segundo andar, a velhinha de pantufas entreabre a porta. No *hall* do terceiro andar, inspiro fundo antes de bater na porta, exclamando numa voz audível:

— Sou eu, a Agathe.

A porta se abre tão depressa que quase caio nos braços dele. Ele ainda é tão bonito. Meu amor. Só perdeu um pouco a confiança. Eu também. Não sei bem quem sou. Desde que me dei conta de que sou só uma substituta para ele. Um artigo de troca...

O Gilan me puxa para dentro, fecha a porta, me dá um tempo para eu me refazer.

— Não te seguiram?

— Eu vim por causa da menina. A chinesa que você está escondendo.

Nos seus olhos amendoados, brigam a cólera e o espanto. Mandíbulas contraídas, o rosto pálido. Ele me observa.

— Você não vai salvá-la. Sozinho, você não vai conseguir. Gilan, ela precisa de socorro, de proteção. Já viveu bastante escondida, na mentira.

Num ritmo convencional, ele bate na porta do quarto do companheiro de casa. Me lança um olhar furtivo.

Recuo para a janela, de costas para o vão, num reflexo. Não quero que ela pule, como outros clandestinos antes dela.

Ela é bonita. É a primeira coisa que vejo. Seus olhos amendoados dominam o rosto magro, de bochechas salientes. Olhos assustados, mas bonitos. Magníficos. Seus cabelos azulados caem sobre os ombros, exatamente do mesmo comprimento que os meus. Vejo o quanto sua fragilidade é tocante, comovente.

Eu me esforço para cumprimentá-la com algumas palavras em mandarim. As pupilas traem o seu espanto, mas seu rosto permanece imóvel. Ela me olha sem abrir a boca. Seu olhar inquieto vai de mim para o Gilan. Nele, ela tem uma confiança absoluta. Percebo, e isso me machuca. Então, falo rapidamente em francês.

Anuncio para um Gilan desconcertado a chegada iminente do Jabuti. Explico, rapidamente, que o policial está investigando o assassinato, que ele sabe que a clandestina está na casa dele e muitas outras coisas sobre a investigação.

— Traduz pra ela o que você acabou de me dizer. Ela tem que saber. Isso diz respeito a ela.

Ele fica de pé entre nós duas. A menina me escuta. Quando me calo, com a mão direita ela bate no peito e, com a esquerda, faz um gesto de bater em alguém. Repete a cena diante de nós. Com os seus olhos suplicantes nos meus, ela vem na minha direção, pega minhas mãos.

No rosto do Gilan, atrás dela, leio a estupefação. Ele não sabia. A emoção no rosto dele me perturba. Ele a ama. Está consternado. Em voz alta, ela diz em chinês:

— Eu matei o meu senhor.

Tenho vontade de gritar, mas me calo. “Senhor”! Na sua boca, essa palavra fica terrível. O Gilan

espera que eu traduza e, ao ouvir a palavra “senhor”, ele leva um susto. Um choque. A menina continua:

— Meu senhor estava sozinho aquela manhã, o telefone tocou quando ele estava saindo, ele voltou para a sala, deixando a chave na porta aberta. Sem pensar, pulei para fora, corri para a frente com as asas que o medo me dava, lá na frente uma menina saiu de um prédio, deu tempo de entrar no corredor antes da porta se fechar. No fundo do pátio, tinha um puxadinho velho onde eu fiquei escondida. Esperei a noite cair para sair de lá, eu não estava longe da casa do meu senhor, fiquei com muito medo de ele me bater e me matar se me encontrasse. Ele queria me punir. Eu tinha comigo a folha que o rapaz me deu, ela estava escondida, costurada no bolso da saia. Mostrei para uma mulher, ela me explicou o caminho. Depois, depois o rapaz sabe.

Interrogo o Gilan com o olhar:

— Ela passou a noite aqui, abatida, apavorada. De repente, ficou agitada. Foi embora. Não entendi por quê.

— Eu queria meus documentos. Precisava deles para voltar pro meu país. Cheguei no prédio, vi ele saindo. Eu estava com muito medo do meu se-nhor, mas sabia onde ele guardava meus documentos. Subi muito rápido e peguei. Infelizmente, meu senhor chegou quando eu estava saindo do apartamento. Ele me pegou, queria me trancar, me batia na cabeça, me empurrava para dentro. Peguei o taco. Bati nele com toda a minha força, sem olhar. Ele me soltou, andou para trás e caiu lá embaixo.

Essa menina tem a minha idade. Vivemos na mesma época! Desesperada, ela olha para mim. Ao se acusar, ela acaba de inocentar o Gilan. Completamente.

— Nunca quis ser a doméstica dele, a escrava dele. Vocês têm que entender. Fui enganada no meu país. Mas matei uma pessoa. Isso é errado. A pobreza, eu tinha esperanças de me livrar dela, mas agora tudo acabou, vou ser para sempre culpada.

Ele olha para ela com um ar estupefato. Agradeço a menina em chinês, sem encontrar palavras para reconfortá-la. Os lábios dela tremem, de mãos juntas, pálida, ela parece esperar a morte. O Gilan soca a parede com as mãos, com a cabeça. Sua raiva explode num grito rouco:

— Nunca! Está ouvindo, nunca vou entregar você para a polícia.

— Para. Fica calmo.

— Ela não vai para a prisão, aquele desgraçado merecia mais do que a morte!

— Com as leis europeias sobre trabalho escravo e o princípio da legítima defesa, ela vai sair dessa. Isso com certeza vai ser melhor para ela do que uma vida de escrava mantida em segredo!

Ele me encara. O sofrimento enrijece as suas feições. Ele está pálido. Ele, o menino tão forte, está perdido, indefeso. Ele me escuta:

— Lucas, o policial, me prometeu. Você precisa confiar nele.

Batem na porta.

Ela corre para se refugiar no Gilan. Seus enormes braços a acolhem no seu peito. No meu lugar. Ele fica imóvel, os olhos na porta de entrada, ela, o corpo todo tremendo. Estão dramaticamente belos no espelho. Não quero sair da frente da janela, sou incapaz de me mexer, não importa. De costas, as panturrilhas dela, magras e cheias de hematomas, me dão dó. Entendo que tenha vontade de pegá-la nos braços, levar para uma ilha e acabar com o homem que se atreveu a explorá-la. Uma onda de indignação me invade. Reparadora. A injustiça da situação me revolta. Explode o núcleo duro dos meus ciúmes.

— Gilan, você tem que abrir.

Eles abrem a porta juntos, entrelaçados. Atrás deles, vejo surgir o topo da cabeça loira do Lucas.

— Peço que me sigam, o senhor Ferri e a senhorita — ele diz lentamente, parado no vão da porta, sem nenhum gesto além do necessário.

— Peguem seus casacos. Eu espero vocês.

O Gilan hesita, vai até o quarto. Ela cola em seus movimentos, agarrada na cintura dele. Pela porta aberta, vemos ele pegar casacos e blusas para dois. Lucas tira as algemas do bolso, mas guarda-as

novamente.

— Mais um desvio do regulamento.

Ele me olha do outro lado da sala. Estamos frente a frente, cada um bloqueando uma saída. O vidro está congelado, a maçaneta é como um prego entre as minhas omoplatas. Ele retoma, devagar:

— Agathe, vem com a gente.

Respondo que não com a cabeça. As lágrimas escorrem pelo meu rosto. Lucas, vendo o estado devastador em que me encontro, insiste:

— Não fique sozinha.

— Vou correr.

— Já é noite.

— Estou acostumada.

— Meus colegas me ligaram enquanto você estava aqui. Ao dismantelar a rede do Roux, chegaram a um grande consumidor de cocaína. O proprietário de um Scénic. Fortes suspeitas pesam sobre ele.

Sério? Ele também sabe disso.

— O indivíduo foi abordado no âmbito de outra operação, relacionada a atos de violência contra moças. Duas deram queixa depois que ele as agrediu na escadaria no fim da rua onde ele mora. Infelizmente ele não é o único desequilibrado da cidade. Não se exponha inutilmente ao perigo, Agathe. Esta noite, você não está forte o suficiente para correr sozinha.

— Está bem. Você me deixa do outro lado do rio. As margens iluminadas são bastante movimentadas.

Descolo minhas costas da janela, tiro o moletom do Gilan, hesito, levo-o por um segundo até meu rosto, antes de devolvê-lo. Nossos olhares se cruzam. Ele pega o moletom. Me vê perturbada. Se inclina em direção ao meu ouvido e murmura rapidamente:

— Você é minha amiga, Grão de arroz, não se esqueça.

Balanço a cabeça.

— Não. Não sou sua amiga.

— Eu não sabia o que estava fazendo, entenda.

— Vou tentar.

Desço primeiro. Assim que Lucas destrava as portas, eu me instalo no banco da frente. Muda. Incapaz de bancar a tradutora. Ele liga o rádio sintonizado na estação local de *jazz*. A música é excelente. A cidade está iluminada. A noite, límpida. Na ponte, as quatro faixas estão engarrafadas. Tempo suspenso. Lá embaixo, contra as colunas de cimento, as águas negras estão bordadas de branco. É impossível saber se elas carregam uma carcaça.

Não irei até a delegacia com eles.

Não preciso olhar pelo retrovisor para saber que a mão do Gilan aperta a da chinesa. A primeira chinesa dele. A que ele ama. Me afundo no banco. Dói. Ela está saindo do inferno, precisa dele. Essa ideia não atenua meu sofrimento. Meu celular emite um sinal. Lucia-Paz quer que eu passe na casa dela. Preparou uma comidinha para mim. A mensagem da minha amiga me aquece o coração.

O carro chega na altura da antiga passarela. Faço um sinal para o Lucas, visto minhas luvas. O carro mal freia e já vira subindo na calçada, diante de pedestres indignados. Murmuro um “Tchau, boa sorte” olhando rapidamente para o Gilan.

Lucas põe a mão no meu braço, me segura por um instante. Ele sabe onde me encontrar.

A menina me agradece em chinês. Agradecer por quê? Por entregá-la à polícia? O Gilan quer falar comigo, mas fica calado.

Meu pé encosta no chão. Estou dolorida como depois de uma luta difícil, desigual. Dou três passos. O carro parte. Desço até as margens movimentadas, daqui a algumas horas vou telefonar para a minha mãe. Ela vai me escutar, vai chamar meu pai para apoiá-la, para nos apoiar.

Correr ao longo do rio. Não pensar mais no peso do Gilan em cima de mim, na ternura dos seus olhos

amendoados, nas xícaras de café ao lado da cama.

Pego o texto dele, aquele que ele escreveu para mim. Amasso-o entre as luvas, interrompo o gesto de jogá-lo no Rhône. Eu o desamasso e leio sob a luz de um poste: “Para você, Grão de arroz”.

Atiro-o para longe, na água.

Meus agradecimentos a Martin Angor por sua canção “AK-47”, que se impôs naturalmente no universo de Gilan.

“AK-47”, letra de David Martin, música e arranjo de David Martin e de Charlotte Gérard.

[1] Trecho do poema “Les yeux d’Elsa” , (“Os olhos de Elsa”). Tradução de Thereza Christina Rocque da Motta.
[««]

[2] Música do célebre cantor francês Johnny Hallyday (N.T.).
[««]

[3] Flores do mal, Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1985. Tradução de Ivan Junqueira.
[««]

Conselho Editorial

Paulo Skaf (Presidente)
Walter Vicioni Gonçalves
Débora Cypriano Botelho
Neusa Mariani

Editor-chefe

Rodrigo de Faria e Silva

Editor de mídias digitais

Antonio Hermida

Produção editorial

Letícia Mendes de Souza

Edição

Gabriella Plantulli
Mario Santin Fruguele

Revisão

Danielle Sales
Tereza Gouveia
Patricia B. Almeida

Tradução

Naiana Bueno

Revisão de tradução

Fernando Paz

Produção gráfica

Valquíria Palma
Camila Catto

Projeto gráfico e diagramação

Globaltec Editora

Desenvolvimento da versão digital

Globaltec Editora

Mon amour Kalachnikov © Rouergue, France, 2008

© SESI-SP Editora, 2017

SESI-SP EDITORA

Avenida Paulista, 1313, 4º andar
01311-923 - São Paulo – SP
Tel. [11] 3146.3940
editora@sesisenaisp.org.br
www.sesispeditora.com.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Deshors, Sylvie

Meu amor Kalashnikov / Sylvie Deshors ; tradução Naiana Bueno. -- São Paulo: SESI-SP editora, 2017.
192 p. -- (Quem lê sabe por quê) --

ISBN 978-85-8205-835-0

Título original: "Mon amour Kalachnikov

1. Literatura juvenil. I. Bueno, Naiana II. Título.

CDD: 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil

Bibliotecária responsável: Josilma Gonçalves Amato CRB 8/81221

ESCRITO EM VERMELHO

E OUTROS CONTOS ASSUSTADORES

Rosana Rios



COLEÇÃO
SOMBRA



ESCRITA editora

Escrito em vermelho

Rios, Rosana
9788550402727
160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Todo mundo tem medo de alguma coisa: de fantasma, injeção, vampiro, zumbi, barata... Rosana Rios brinca com os nossos medos nos sete contos deste livro, cada qual temperado com uma pitada de humor. Já imaginou o que aconteceria se três garotas que precisam redigir uma matéria para o jornal da escola procurassem um vampiro para entrevistar? E se um garoto que vai a um velório pela primeira vez começar a imaginar assassinatos e zumbis em sua família? Esqueça isso e agora visualize uma agradável pousada nas montanhas... onde se ouvem uivos distantes na lua cheia. E o que pode acontecer se uma sombra perseguir um menino, no fantasmagórico bairro oriental da Liberdade? Ou se, em uma brincadeira de Halloween, aparecer entre as crianças fantasiadas uma que não foi convidada? Pense ainda em um velhinho simpático que cuida de seu jardim, porém esconde uma vida sinistra e mortal... E se o homem misterioso, que carrega um caderno de capa vermelha, for o responsável pelos pesadelos das pessoas? Essas sete histórias parecem fantásticas demais para serem verdadeiras... mas poderiam acontecer no seu bairro, na sua rua. Ou em sua casa.

[Compre agora e leia](#)



ELENICE MACHADO DE ALMEIDA

PRESENTES DE GREGOS

Ilustrações de MARIO CAPIERO



SESI-SP editora

Presentes de gregos

Almeida, Elenice Machado de

9788565025171

140 páginas

[Compre agora e leia](#)

Elenice Machado de Almeida traduziu histórias mitológicas para uma linguagem simples e engraçada, reconhecendo a importância da mitologia grega na formação do imaginário ocidental. Neste livro, estão reunidas pela primeira vez todas essas releituras de Elenice, passando pelo Pomo da discórdia, O canto das sereias, O gigante de um olho só. As ilustrações divertidas são de Mario Cafiero, que fez uma perfeita relação entre texto e imagem.

[Compre agora e leia](#)

Elenice Machado de Almeida

FÁBULAS FANTÁSTICAS

Ilustrações Walter Oso



SESI-SP editora

Fábulas fantásticas

de Almeida, Elenice Machado

9788565025379

104 páginas

[Compre agora e leia](#)

As oito histórias de Elenice Machado de Almeida reunidas neste livro resgatam o universo da fábula, em que os personagens não só divertem, mas também ensinam enquanto vivem suas aventuras. Fritz, o peixe-relógio nos convida a ajudá-lo a solucionar seu problema complicadíssimo, Finoca, a minhoca, sonha em ser o bicho mais importante do mundo e No tempo em que a girafa falava podemos descobrir por que a girafa tem um pescoço tão comprido. As ilustrações de Walter Ono, com a delicadeza de suas cores, nos transportam para um mundo inocente e habitado por simpáticos animais, mas, diferente das fábulas convencionais, estas fábulas não propõem uma moral definitiva, elas visam a distrair o leitor e a levá-los para um mundo leve e sutil, em que se diluem os ensinamentos propostos e se busca o simples prazer pela leitura dos pequenos novos leitores.

[Compre agora e leia](#)

EM TAMBÉM DE
LUIS EDUARDO MATTA

O mistério do gêmeo



SESI-SP editora

O mistério do grêmio

Matta, Luiz Eduardo

9788550401591

216 páginas

[Compre agora e leia](#)

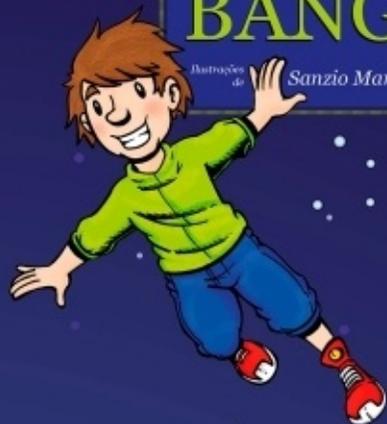
Luciana é uma garota resolvida. Aos 16 anos foi eleita presidente do Grêmio Estudantil da Escola Aurora, onde cursa o ensino médio, e agora comemora a primeira grande conquista do seu mandato. Depois de muita insistência, ela conseguiu que a diretora da escola concordasse em ceder um espaço maior e mais adequado para a sede do grêmio.

[Compre agora e leia](#)

Caio Tozzi

TITO BANG!

Illustrazioni di *Sanzio Marden*



SESI-SP editora

Tito Bang

Tozzi, Caio
9788550401775
312 páginas

[Compre agora e leia](#)

Hermentito era um menino solitário e sem amigos, que vivia isolado nos cantos do Colégio Vanguarda ou no alto do prédio que morava, o Gálex. Apaixonado por expedições espaciais e por histórias em quadrinhos, tinha certeza de que sua hora chegaria, por isso, inventou um codinome para quando uma grande aventura aparecesse em seu caminho: Tito Bang! O que ele não esperava é que uma cicatriz misteriosa no meio do seu peito fizesse tudo mudar de um dia para o outro. Segredos do passado de sua família, dois protetores inusitados e um grande fenômeno espacial são os principais elementos da primeira trama cheia de aventura, emoção e mistérios que Tito Bang! terá de solucionar.

[Compre agora e leia](#)